

FÁTIMA HASSAN CALDEIRA

**AMBIENTE COGNITIVO MÚTUO E SUPOSIÇÕES FACTUAIS MUTUAMENTE
MANIFESTAS COMO DELIMITADORES DA FRONTEIRA FAMILIAR:
O CASO MARIENE STIER NO PROGRAMA *TROCA DE FAMÍLIA***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Rauen

Tubarão

2007

FÁTIMA HASSAN CALDEIRA

**AMBIENTE COGNITIVO MÚTUO E SUPOSIÇÕES FACTUAIS MUTUAMENTE
MANIFESTAS COMO DELIMITADORES DA FRONTEIRA FAMILIAR:
O CASO MARIENE STIER NO PROGRAMA *TROCA DE FAMÍLIA***

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 07 de dezembro de 2007.

Professor e orientador Fábio José Rauen, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Jorge Campos da Costa, Dr.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Adair Bonini, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico esta dissertação a meu esposo Adriano e a meus filhos Solano e Júlio, os três homens da minha vida.

E, em especial, a meus pais, Nair e Hassan, por me terem transmitido, desde tenra idade, a importância do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Dr. Fábio José Rauén, por ter me dado a liberdade de construção do meu conhecimento sem preconceitos acadêmicos, incentivando minha criatividade e intuição.

Agradeço, também, aos demais professores do mestrado, posto que muito contribuíram para que eu tivesse um olhar crítico sobre as Ciências da Linguagem.

Especialmente, agradeço a meu esposo, Adriano, que foi meu colega de mestrado, parceiro de estudos e incentivador constante para que eu realizasse este mestrado. Sem ele eu não teria percorrido este caminho.

“Quando todo mundo está pensando igual, ninguém está pensando muita coisa”
(Anônimo).

RESUMO

Esta pesquisa verificou se os conceitos de ambiente cognitivo mútuo e de suposições factuais mutuamente manifestas, dentro da perspectiva apresentada pela TEORIA DA RELEVÂNCIA de Sperber e Wilson, são capazes de descrever e explicar delimitações de fronteiras familiares. O estudo observou, com base nas noções de forma lógica, explicatura e implicatura, as interações comunicativas decorrentes da inserção de Mariene Stier no contexto da família Tomaz, em dois episódios do programa *Troca de Família* da Rede Record de Televisão. Detectadas as suposições factuais de ambas as famílias, os achados da pesquisa sugerem que os conflitos entre Mariene Stier e a família Tomaz emergem de um conjunto de suposições factuais não compartilhadas. Esses dissensos permitiram delimitar fronteiras que configuram as duas famílias como sistemas sociais individualizados, sugerindo que as noções teóricas e metodologia de análise são adequadas para a tarefa.

Palavras-chave: Ambiente cognitivo mútuo. Suposições factuais. Fronteira familiar.

ABSTRACT

This research verified if the concepts of mutual cognitive environment and mutually manifested factual suppositions, in the view presented by the RELEVANCE THEORY of Sperber and Wilson, are capable to describe and explain familiar border delimitations. The study noted, based on the concepts of logical form, explicature and implicature, the communicative interactions resulting from the insertion of Mariene Stier in the context of the Tomaz family, in two episodes of the program *Troca de Família* on Rede Record de Televisão. Detected the factual suppositions of both families, the findings of the research suggest that the conflicts between Mariene Stier and the Tomaz family emerge from a set of non- shared factual suppositions. These dissents allowed to demarcate borders that make up the two families as individualized social systems, suggesting that the theoretical concepts and methodology of analysis are appropriate for the task .

Keywords: Mutual cognitive environment..Factual suppositions. Familiar borders.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	REVISÃO TEÓRICA.....	18
2.1	DA TEORIA DE CÓDIGO AO MODELO INFERENCIAL DE GRICE	18
2.2	TEORIA DA RELEVÂNCIA	25
2.3	AMBIENTE COGNITIVO E SUPOSIÇÕES FACTUAIS.....	37
2.4	CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA FAMILIAR.....	46
3	ANÁLISE DE DADOS	53
3.1	FOCALIZANDO AS ESTRUTURAS FAMILIARES	54
3.1.1	Família Stier	55
3.1.2	Família Tomaz.....	56
3.2	CONTEXTUALIZANDO A TROCA.....	58
3.2.1	Cenas iniciais da família Stier.....	58
3.2.2	Cenas iniciais da família Tomaz	66
3.3	INSERÇÃO DE MARIENE STIER NA FAMÍLIA TOMAZ	72
3.4	EFEITOS DA TROCA NAS FAMÍLIAS	93
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	103
	ANEXOS	106
	ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	107

1 INTRODUÇÃO

O projeto teórico comum de Dan Sperber, antropólogo e cientista social, e Deirdre Wilson, lingüista – a TEORIA DA RELEVÂNCIA – consiste no desejo mais profundo de repensar o significado e a comunicação no estudo da cultura e da sociedade. Para ambos, todas as teorias sociológicas trazem em seu bojo explícita ou implicitamente alguma visão de comunicação como paradigma da interação social. Dado que a visão majoritária no campo da sociologia baseava-se no modelo de código, Sperber e Wilson acreditam que a Teoria da Relevância pode contribuir para os estudos sociológicos, posto que ela dá conta do fato de que a comunicação verbal típica veicula muito mais do que é codificado lingüisticamente.

Here we have in mind not just the enrichment of linguistic meaning and the derivation of standard implicatures, but also ostensive or non-ostensive uses of the act of communication itself to convey claims and attitudes about the social relationship between the interlocutors (SPERBER; WILSON, 1997).¹

Em essência, Sperber e Wilson defendem que a noção teórica de relevância é fundamental para explicar a comunicação humana. A noção de relevância decorre da suposição mais básica de que os processos cognitivos humanos são dirigidos para a obtenção do máximo de efeitos cognitivos (benefícios) com o mínimo de esforços de processamento (custos). Assim, a teoria pode ser resumida em dois princípios: o princípio cognitivo, que afirma que a mente humana é dirigida para a maximização da relevância; e o princípio comunicativo, que diz que os enunciados geram expectativas de relevância (SPERBER; WILSON, 2005, p. 227-229). Para eles, “comunicar é chamar a atenção de alguém; é implicar que a informação comunicada é relevante” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 23).

Com base nesses dois princípios, a aplicação da TEORIA DA RELEVÂNCIA para os estudos dos cientistas sociais ressalta-se nos parágrafos transcritos a seguir.

More generally: the most basic claim of relevance theory (the First, or Cognitive Principle of Relevance in Sperber & Wilson, 1995) is that the pursuit of relevance is a constant factor in human mental life. This psychological claim has immediate sociological consequences. The existence of this constant factor is what makes it possible for an individual to infer with a modicum of success what other individuals

¹ Aqui nós não temos em mente somente o enriquecimento do significado lingüístico e a derivação de implicaturas-padrão, mas, também, o ostensivo ou não-ostensivo uso do ato de comunicação em si mesmo para conduzir reivindicações e atitudes sobre a relação social entre os interlocutores (tradução nossa).

are paying attention to, and even what they are thinking. Predictably, people are paying attention to the newly accessible information that seems most relevant to them, and are having thoughts inferentially derived by combining this information with the most relevant contextual information available. Try to imagine what human social life would be like if humans were not predictable to each other in this reliable way. Because humans have such predictive purchase, they can act on each other's mental lives. They do this by manipulating each other's expectations of relevance.

A second basic claim of relevance theory (the Second, or Communicative Principle of Relevance in Sperber & Wilson 1995) is that ostensive communication creates uniquely precise expectations of relevance in others. Ostensive communication is the most important means by which the psychological tendency to maximize relevance is socially exploited. There are also non-ostensive methods; while their effects on the exact content of other people's thoughts may be less precise, they may still be of major social significance. For instance, non-ostensively produced evidence of deference or submission, or of expectations of deference or submission from others, is highly relevant and effective in maintaining or challenging power relationships. Most existing forms of human interaction involve ostensive and non-ostensive aspects simultaneously. The actual psychological and micro-sociological mechanisms involved in non-ostensive forms of interaction have not been adequately described. We believe that, here too, relevance theory might be of some help (SPERBER; WILSON, 1997).²

Para os autores, no mesmo texto, a cultura de um povo pode ser identificada em conteúdos representacionais duradouros que podem ser distribuídos ao longo de uma população humana através das cadeias de comunicação, ou seja, das trocas comunicativas.

Como se percebe, construir a ponte entre a sociologia e a TEORIA DA RELEVÂNCIA em relação aos processos comunicacionais na sociedade e, em especial, nos grupos sociais de que ela é formada, representa um objeto interessante, posto que papéis sociais são

² Em geral: a reivindicação mais básica da teoria da relevância (o Primeiro, ou Princípio Cognitivo de Relevância em Sperber & Wilson 1995) é que a busca pela relevância é um fator constante na vida mental humana. Esta reivindicação psicológica tem conseqüências sociológicas imediatas. A existência deste fator constante é o que torna possível para um indivíduo inferir, com um mínimo de sucesso, em que os outros indivíduos estão prestando atenção e, até mesmo, no que eles estão pensando. De maneira previsível, pessoas estão prestando atenção à informação mais recentemente acessível que parece mais relevante a eles, e estão tendo pensamentos através de inferências que derivam de uma combinação desta informação com a mais relevante informação contextual disponível. Tente imaginar como seria a vida social humana se os humanos não fossem previsíveis um ao outro deste modo seguro. Porque os humanos têm tal possibilidade de previsão, eles podem agir uns sobre as vidas mentais dos outros. Eles fazem isto manipulando expectativas de relevância de uns sobre os outros.

Uma segunda reivindicação básica de teoria de relevância (o Segundo, ou Princípio Comunicativo de Relevância em Sperber & Wilson 1995) é aquela de que a comunicação ostensiva cria, de maneira única, expectativas precisas de relevância em outros. A comunicação ostensiva é o meio mais importante pelo qual a tendência psicológica para maximizar a relevância é explorada socialmente. Também há métodos não-ostensivos; ainda que os efeitos deles no conteúdo exato dos pensamentos de outras pessoas possam ser menos precisos, eles ainda podem ser de uma maior significação social. Por exemplo, não-ostensivos produzem evidências de deferência ou submissão, ou de expectativas de deferência ou submissão de outros, é altamente relevante em manter ou desafiar relações de poder. A maioria das formas existentes de interação humana envolve aspectos ostensivos e não-ostensivos simultaneamente. A atual psicologia e a micro-sociologia não têm descrito adequadamente os mecanismos envolvidos em formas não-ostensivas de interação. Nós acreditamos que, aqui também, a teoria da relevância poderia ser de alguma ajuda (tradução nossa).

estabelecidos através das trocas comunicativas e fronteiras são delimitadas ao redor de cada sistema social tendo por fundamento as redes de comunicação.

Nesta pesquisa em particular, interessa descrever e explicar a configuração de fronteiras delimitadoras de um grupo social (no caso, as de um sistema familiar). Para isso, analisar o ambiente cognitivo mútuo e as suposições factuais mutuamente manifestas pode ser de grande importância. Poder-se-ia pensar que o sistema de significação que é produzido pela família se define por suposições factuais, ou seja, “suposições básicas mantidas como descrições verdadeiras do mundo, mas não sempre explicitamente representadas como verdadeiras” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 112) e que são incorporadas pela mente de cada um dos membros do grupo de variadas maneiras. Quando suposições tornam-se mutuamente manifestas aos participantes de uma troca comunicativa, em especial aos que integram um determinado grupo, **surge e se favorece** o que Sperber e Wilson (2001) denominam de ambiente cognitivo mútuo.

Todavia, essas suposições factuais, quando se consideram indivíduos fora da fronteira familiar, ou quando se pensa na possibilidade de um dos membros de um grupo migrar para o convívio de outro grupo, como é o caso a ser analisado nesta pesquisa, poderiam ser elementos definidores das fronteiras desses sistemas. Estímulos ostensivos produzidos por indivíduos externos ao grupo, visto que pressupõem suposições factuais diversas daquelas dos membros do grupo, por definição, exigem aumento no custo de processamento. Por hipótese, como o aumento de custos se justifica somente pelo aumento de benefícios cognitivos, essas trocas serão relevantes apenas quando um ambiente de cooperação se instala. Não será o caso, portanto, de situações tensas, das quais podem emergir conflitos, em especial, quando ocorrem falhas ou discordâncias explícitas no mapeamento das suposições factuais.

A família, segundo Contim, pode ser considerada

uma unidade primária de cuidado, pois ela é o espaço social onde seus membros interagem, trocam informações, apóiam-se mutuamente, buscam e med(e)iam esforços, para amenizar e solucionar problemas. A família deve ser entendida como um grupo dinâmico, variando de acordo com a cultura e o momento histórico, econômico, cultural e social que está vivenciando (*apud* MESSA, 2007).

Uma família humana, como destaca Barbosa (2006), ora pode ser descrita como um sistema biológico (definido por certas relações de sangue), ora como um sistema conceitual (definido por certos papéis e parentescos que podem ou não ter qualquer relação com parentescos de sangue entre os seus membros).

Por ser um sistema, é necessário que se estabeleça a fronteira que delimita e define um grupo social familiar enquanto uma unidade distinguível dos demais, posto que “os familiares funcionam como pontos de referência no desenvolvimento de valores do ser humano [...] As famílias se diferenciam pelos valores e crenças que adquirem ao longo de seu histórico. As interações entre os membros, o comportamento e a postura diante dos acontecimentos são influenciados por esses valores” (MESSA, 2007).

Segundo Rapizo, o território familiar é resultado

das experiências recursivas de seus membros em relação [...]. Dessa maneira, a família constrói realidades, formas e maneiras de se organizar e de se colocar no mundo, que permitem a emergência de sujeitos, crenças e sintomas. Nessa perspectiva, a relação também é essencial para a compreensão da família, enquanto efeito de processos recursivos e complexos que atuam na construção do mundo que nos cerca. Dessa maneira, a relação é um processo ininterrupto de atribuição de significados, construindo a realidade que nos cerca. As relações que estabelecemos criam acordos, consensos e narrativas, que são partilhadas pelos membros de um grupo social. Assim, os vínculos da família produzem sistemas de significação que tem a ver com o tipo de organização familiar e com a família de origem (*apud* ROMAGNOLI, 2007).

Na vida social, há inúmeras formas de rompimento das fronteiras familiares. Uma possibilidade é a migração de um membro de um grupo familiar para outro. Isso pode se dar de forma espontânea ou contingencial, e a transferência pode ser temporária ou definitiva. Seja como for, o membro que se insere no grupo novo provavelmente trará para esse sistema o resultado do convívio de seu grupo de origem em diferentes graus de aproximação ou distanciamento.

Explorar essas inserções, especialmente promovendo a possibilidade de conflito, é o que acontece no programa *Trading spouses* do canal Fox, cuja adaptação no Brasil denomina-se *Troca de família: conheça sua nova mãe*. Em 2006, a versão brasileira do *reality show* foi apresentada pela Rede Record de Televisão às terças-feiras à noite. A partir de 2007, o programa passou a ser transmitido aos domingos, próximo do meio-dia. Atualmente, não consta da grade de horários da emissora.³

Para Albuquerque (2005, p. 10), “as tecnologias de comunicação de massa [...] permeiam de diversas formas o nosso cotidiano, funcionando como mediadores entre nós e a realidade e com isso mudando tanto a realidade quanto nossa forma de estar no mundo”. Na opinião da autora, o desenvolvimento tecnológico pode ser considerado como uma rede que

³ No canal *People + arts*, também é transmitido o *Troca de esposas*, que, exceção da premiação que inexistente, é praticamente idêntico à proposta de *Troca de família* da Rede Record.

se realiza através de “elementos humanos e não humanos”. Os objetos técnicos, portanto não humanos, são tão responsáveis pela construção social quanto os humanos; pode-se considerá-los como parceiros nossos nessa construção, como mediadores sociais. A sociedade, para Albuquerque (2005), pode ser vista, assim, como uma rede sociotécnica.

A partir dessa perspectiva em que as fronteiras entre sociedade, indivíduo e tecnologia estão cada vez mais se diluindo, é possível afirmar que os processos de subjetivação são também atravessados pelo desenvolvimento tecnológico, pela produção de híbridos e pela atuação de agentes não humanos. Na medida em que fabricamos objetos técnicos com o intuito de dar conta de demandas sociais, não estamos apenas construindo a sociedade, mas também estamos sendo afetados subjetivamente por esses objetos. Nosso estar no mundo é, portanto, mediado por atores não humanos, que atuam e produzem efeitos no modo como nos constituímos como sujeitos e no modo como criamos identidades.

A televisão é, portanto, um objeto técnico que funciona como mediador tecnológico e social e não como objeto que simplesmente reflita a dinâmica social ou que seja responsável por sua degradação. A idéia de mediação implica pensar a televisão como constituinte do campo social e não como totalmente influenciada pela sociedade e seus valores ou, ao contrário, pensar a sociedade como totalmente determinada pelos programas televisivos. Ao mesmo tempo em que procura responder a demandas sociais com sua programação, também é capaz de potencializar e produzir novas demandas e modos de ser. Funcionando como agente social, a televisão não se encontra fora da forma como a sociedade se organiza nem da rede de circulação de poder, mas também é investida por ele, produzindo diferença nas relações sociais (p. 9-10).

O *reality show*, fenômeno da mídia, é um tipo de programa televisivo que se apóia na vida real (GARCIA; VIEIRA; PIRES, 2007, p. 1). Ainda segundo os autores,

a característica da televisão de realidade está no conteúdo, feito por pessoas comuns, fatos reais, depoimentos individuais. Um *reality show* que trata de questões de família, traz depoimentos pessoais, problemas do cotidiano, pessoas que sofrem expondo sua experiência (p. 6).

Segundo Albuquerque (2005, p. 45), “podemos pensar nos *reality shows* como um novo formato onde há uma mistura entre realidade e ficção e uma coexistência da linguagem dramaturgica e jornalística”. Em um *reality show*, existe a tentativa de abordar a realidade pressupondo a impessoalidade das câmeras (olhar dessubjetivado e neutro) e, ainda, a preocupação em contar uma história. Por serem ocultas, as câmeras teriam o condão de garantir o acesso direto ao real (ressalte-se que o objetivo dos *reality shows* é tornar as câmeras tão naturais a ponto de serem esquecidas pelos participantes, propiciando, desse modo, comportamentos espontâneos e verdadeiros) (ALBUQUERQUE, 2005).

Como o próprio nome já diz, os *reality shows* buscam a realidade “*in natura*”, “sendo assim, a estratégia discursiva central é a criação de efeitos que mimetizem, ao máximo, a realidade (escolha de pessoas comuns, imagens de atos cotidianos, linguagem coloquial, técnicas de filmagem, etc.)” (MILLAN, 2006).

Obviamente que qualquer programa do tipo *reality show* sofrerá um processo de edição, de tal modo a torná-lo atraente ao público (tem que existir começo, meio e fim para os conflitos; um clímax, etc.). Como afirma Albuquerque,

o trabalho de edição comporta em si uma escolha do que será visto e necessariamente tem que excluir uma outra gama de imagens que não irão ao ar. Há inevitavelmente um papel de mediação e interpretação na edição, pois é nela que os fatos serão julgados como importantes ou descartáveis (2005, p. 46).

Porém, não há um roteiro que conduza o comportamento dos participantes nos *reality shows*. Ninguém diz como devem agir ou o que falar. Há, portanto, um fator de imprevisibilidade que gera expectativas no telespectador, levando-o à identificação com os participantes desses programas.

Os processos de identificação parecem estar na base do sucesso das representações da vida real, ou seja, a possibilidade de encontrar eco para as próprias experiências pode ser um meio de sentir-se incluído no mundo dos humanos, de encontrar elementos que auxiliem na elaboração de vivências e de amenizar a solidão intrínseca à própria existência humana. [...] A imitação da vida nos permite compartilhar a essência humana com os outros: o estritamente pessoal ganha o terreno social. Já não somos os únicos; é possível compreender as situações humanas à luz da esfera cultural. Não estamos completamente sós, pois os outros participam do drama que julgávamos exclusivamente nosso (MILLAN, 2006).

Como afirma Muniz *et alii* (apud GARCIA; VIEIRA; PIRES, 2007), há uma “espetacularização das práticas sociais”, onde ator e espectador se confundem e desempenham papéis semelhantes, porém separados pela tela da televisão. Assim, se por um lado há possíveis objeções por *corpora* que não são produtos de situações autênticas gravadas em campo; por outro, há pesquisas que consideram os *reality shows* muito próximos à realidade, possibilitando a identificação dos telespectadores com situações em que eles mesmos se incluem como atores sociais. E este é o caso de *Troca de família* da Rede Record.

Em *Troca de família*, duas mães trocam experiências convivendo por uma semana na casa uma da outra. Conforme a emissora, as mães trocam de casa, marido e filhos e devem se adaptar à rotina da outra família, participando de atividades domésticas, da relação com os filhos, marido, trabalho e lazer (TROCA..., 2006). Depois de um período de sete dias, elas voltam para a suas famílias de origem e reencontram seus verdadeiros parentes.

O objetivo do programa é demonstrar o que acontece durante a experiência. A história da troca é contada ao longo de dois episódios de aproximadamente 45 minutos cada um. Cada família recebe um prêmio de 25 mil reais pela participação, porém, quem decide o

que será feito com o dinheiro é a mãe que veio da outra família. É ela quem deixa uma carta com todas as diretrizes de onde o dinheiro deverá ser aplicado.

Na troca, a produção do programa procura mesclar famílias de perfis opostos, que tenham diferenças sociais, culturais e econômicas. Isso se mostra especialmente importante para a presente pesquisa. Como o trabalho pretende investigar a existência da fronteira familiar, a análise das trocas comunicativas apresentadas no programa permite o estudo do que ocorre quando um membro estranho à família ingressa em seu meio.

Acostumar-se com a rotina e os costumes de outro lar e conviver com os hábitos de seus moradores não é uma tarefa fácil. Enquanto a mãe se esforça para agradar os novos parentes, o pessoal de casa também exercita sua hospitalidade e tolerância, recebendo uma hóspede desconhecida e procurando integrá-la à família. É esse o caso da análise da inserção de Mariene Stier na família Tomaz, que será o objeto específico desta dissertação.

Nos dois programas que fazem parte do *corpus* participam as famílias Stier e Tomaz. No perfil familiar apresentado pela emissora (TROCA..., 2006), a família Stier é formada pela baiana Mariene, o alemão Robert, seu esposo há 18 anos, e três filhos menores. Mariene e Robert são proprietários de uma pousada em Camaçari, município próximo a Salvador. Eles são apresentados como muito unidos; estão sempre juntos. Adoram ir à praia e cavalgar. A casa está sempre cheia de amigos, todos se divertindo muito, jogando e conversando. Robert é determinado e exigente. Ele tem grande preocupação com a educação dos filhos. Mariene, apesar de se considerar flexível no trato com as pessoas, gosta de tudo certinho e no seu devido lugar. A família topou participar do programa pelo desafio. Mariene tem 40 anos, Robert, 38, e seus filhos são: Lourenço, de 11 anos, um garoto esperto, curioso e mandão; Samira, de 7 anos, extrovertida, carinhosa e moleca; e Melissa, de 5 anos, meiga e doce.

A família Tomaz tem uma rotina totalmente alternativa, vencendo uma batalha a cada dia. A artista plástica Fátima, a mãe, é casada pela segunda vez com Charles, que tem 30 anos, sendo 13 anos mais jovem que ela. Ele é muito mais um amigo do que um padrasto para os filhos de Fátima. Trabalhador, Charles mantém dois empregos para tentar levantar um pouco mais de dinheiro. A união de Fátima e Charles é tão harmônica que eles vão até altas horas pintando, cantando, tocando violão, sempre com muitos amigos em casa, espécie de ponto de encontro da turma. Fátima é definida pelos seus filhos como estressada e controladora, mas com grande coração. Ela é conselheira e mãe postiça de vários amigos. Fecham o núcleo familiar os filhos de Fátima: Rafael, de 21 anos e Vanessa, de 16 anos. Ele é

carinhoso, toca violão e vive seus momentos de preguiça. Ela, adolescente muito geniosa, é relaxada com tudo: seu quarto vive uma bagunça (TROCA..., 2006).

Os dois programas que apresentam as famílias Stier e Tomaz foram gravados em dois CDs, dos quais foram selecionados recortes que compõem o *corpus* da pesquisa. Algo especialmente interessante para a análise do ambiente cognitivo mútuo e das suposições factuais mutuamente manifestas reside no fato de que as gravações trazem depoimentos dos familiares envolvidos na troca à medida que esta ocorre. Isso demonstra seus valores e crenças (portanto, suas suposições e possíveis representações de mundo), além disso, eles falam da estrutura familiar em que originalmente se inserem.

Para o procedimento de análise do *corpus*, foram observados os diálogos estabelecidos entre os membros que participam da troca, levando-se em consideração o contexto em que os processos comunicacionais ocorreram. Procurou-se determinar se os processos comunicativos foram dificultados pelas suposições factuais da família em que a mãe “substituta” foi colocada e se esta conseguiu estabelecer, ao fornecer estímulos ostensivos, um ambiente cognitivo mútuo com a nova família e vice-versa. Diante de dificuldades de diálogo, procurou-se verificar se elas decorrem de problemas em estabelecer um ambiente cognitivo mútuo e em partilhar suposições factuais (visões ou representações de mundo) com a nova família.

Feitas as considerações introdutórias, esta pesquisa defende a hipótese de que os membros de uma família partilham (ou deveriam partilhar) o mesmo ambiente cognitivo e, portanto, teriam a capacidade de elaborar as mesmas suposições, tornando-as mutuamente manifestas. Desse modo, a presente dissertação discute se a existência destas suposições funcionaria como uma espécie de fronteira que daria unidade a um sistema familiar. Assim, os objetos de estudo desta pesquisa serão o ambiente cognitivo mútuo e as suposições factuais mutuamente manifestas como delimitadores da fronteira familiar dentro da perspectiva apresentada pela TEORIA DA RELEVÂNCIA de Sperber e Wilson.

Vê-se, assim, que o objetivo geral (e, portanto, o problema central a ser respondido pela presente dissertação) consiste em verificar, com base na TEORIA DA RELEVÂNCIA de Sperber e Wilson, se o ambiente cognitivo mútuo e as suposições factuais mutuamente manifestas podem funcionar como delimitadores das fronteiras do sistema familiar. Mais especificamente, o estudo quer observar as fronteiras da família Stier, conforme manifestas por Mariene Stier, no contexto de sua inserção na família Tomaz no programa *Troca de Família* da Rede Record de Televisão.

O estudo elege as seguintes questões de pesquisa:

- a) O que caracteriza as suposições factuais e o ambiente cognitivo mútuo nas famílias Stier e Tomaz?
- b) Como se manifestam conflitos e adaptações nas trocas comunicativas de Mariene Stier no contexto da família Tomaz?
- c) As trocas comunicativas de Mariene Stier com os membros da família Tomaz constituem-se reveladoras das fronteiras familiares de ambos os grupos?
- d) As ferramentas fornecidas pela TEORIA DA RELEVÂNCIA são capazes de desvendar essas fronteiras, caso elas forem detectadas?

É importante ressaltar que, na perspectiva desta dissertação, o fato de se levantar se a intuição acerca do fato de a fronteira familiar repousar no ambiente cognitivo mútuo e nas suposições factuais mostra-se necessário para compreensão do sistema social família. Como resultado, espera-se contribuir para áreas de estudos como: a das teorias da comunicação, no campo das ciências da linguagem; a da psicologia, no âmbito da terapia familiar (pois vêem na família um sistema social); a da sociologia, no que diz respeito ao estudo das relações em grupos primários; a da ecologia humana; a da antropologia; entre outras.

Para dar conta dessa tarefa, esta dissertação foi dividida em mais três capítulos: no segundo capítulo, faz-se a revisão teórica sobre a TEORIA DA RELEVÂNCIA e sobre a questão da família; no terceiro, apresentam-se e analisam-se os achados da pesquisa; por fim, no quarto capítulo, apresentam-se as considerações finais da pesquisa.

2 REVISÃO TEÓRICA

Este capítulo foi dividido em quatro seções. Na primeira seção, abordam-se aspectos da Teoria de Código à Teoria Inferencial de Grice; na segunda, a TEORIA DA RELEVÂNCIA é apresentada; na terceira, trata-se dos conceitos de ambiente cognitivo e suposição factual; e, por fim, na quarta, apresentam-se considerações sobre o sistema familiar.

2.1 DA TEORIA DE CÓDIGO AO MODELO INFERENCIAL DE GRICE

Essa seção apresenta os modelos de comunicação baseados exclusivamente no código e nos processos inferenciais, a fim de descrever a trajetória que levou ao surgimento da TEORIA DA RELEVÂNCIA.

A Teoria de Código

O modelo de código baseia-se no mecanismo de decodificação de Shannon e Weaver (1949), inspirado na tecnologia das comunicações (SPERBER; WILSON, 2001). Conforme Silveira e Feltes (1999), Ready (1979) defende que o modelo fundamenta-se numa *metáfora do canal*, cuja idéia básica define codificar como “empacotar” algo, ou seja, colocar idéias-objetos em recipientes-palavras e decodificar como “desempacotar” algo, ou seja, tirar as idéias-objetos de recipientes-palavras. Um processo simples que não requereria qualquer habilidade comunicativa ou cognitiva adicional.

No modelo, o código é um conjunto de regras que emparelha sinais observáveis (modificações do ambiente externo) com mensagens inobserváveis (representações que se encontram no interior do mecanismo de comunicação). Ou seja, é um sistema que liga uma mensagem ao sinal que a representa (WILSON, 2004; ZAPPELLINI, 2005).

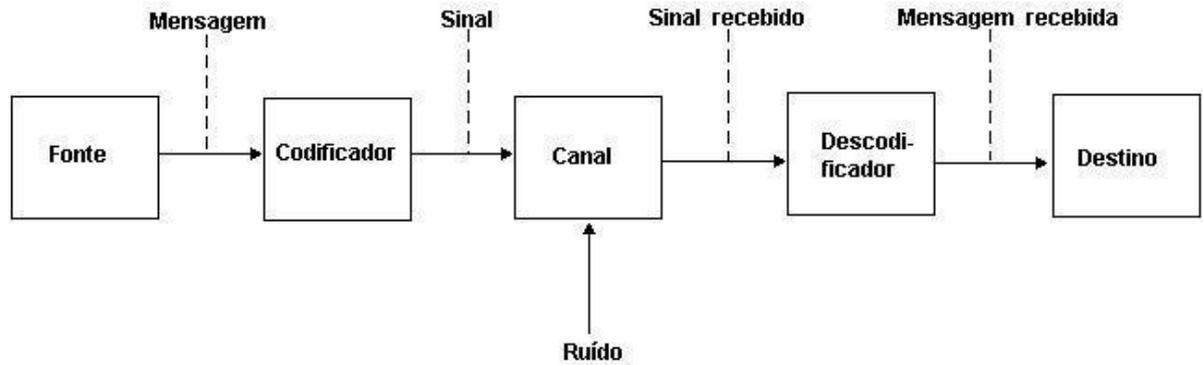
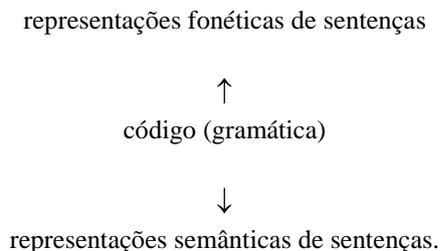


Ilustração 1: Diagrama do sistema de telecomunicação de Shannon e Weaver (1949), conforme Sperber e Wilson (2001, p. 30).

A comunicação é conseguida com a codificação de uma mensagem em um sinal por um emissor e pela decodificação desse sinal pelo receptor. Assim, exige-se que o código entre as extremidades (fonte/destino – emissor/receptor) seja idêntico para que a comunicação seja bem sucedida. Além disso, ruídos ao longo do canal podem destruir ou deturpar o sinal.

O modelo explica muito da comunicação animal (abelhas, por exemplo) e, possivelmente, alguns aspectos da comunicação verbal humana.⁴ Segundo Sperber e Wilson (2001, p. 31), ao referirem-se à comunicação verbal humana, “a fonte e o destino são processos centrais do pensamento, o codificador e o decodificador são as capacidades lingüísticas, a mensagem é o pensamento, e o canal é o ar que transporta o sinal acústico”.

Assim, as línguas humanas são os códigos que associam os pensamentos aos sons. Nessa perspectiva, “[...] conhecer uma língua é justamente ter um código interno (ou gramática) que emparelha representações fonéticas de sentenças com representações semânticas de sentenças (ou sons da sentença com significados das sentenças)” (WILSON, 2004). A relação entre o som da sentença e o significado da sentença, assim, é independente da intenção do indivíduo, posto que é adequadamente explicada em termos de um código.



⁴ Sobre a “dança das abelhas”, veja-se Sperber e Wilson (2001, p. 31).

Uma crítica ao modelo de código encontra-se no fato de ele negligenciar o papel do contexto no processo interpretativo. Além disso, Grice percebeu que o modelo de código não era capaz de explicar a habilidade que os seres humanos têm de reconhecer as intenções uns dos outros mesmo na ausência de um código. Há uma lacuna entre as representações semânticas das frases e os pensamentos que realmente são comunicados pelos enunciados. Esta lacuna não seria preenchida através de mais alguma decodificação; ela teria de ser preenchida através da inferência.

Veja o exemplo:

- (1) Mãe: Pedro você já fez a lição de casa?
- (2) Pedro: Estava assistindo tv.

No exemplo, existe uma lacuna que não pode ser preenchida por decodificação. Pedro não respondeu diretamente à pergunta que a mãe lhe fez, mas, por inferência, ela entende que ele ainda não fez a lição de casa.

A partir dessa percepção, Grice propôs o modelo inferencial para explicar o sucesso nos processos comunicacionais ainda que na ausência de código.

A Teoria Inferencial de Grice

Ao lançar as bases de um modelo inferencial de comunicação, Grice afirmava que, seja verbal ou não-verbal, a característica fundamental da comunicação humana advém da expressão e do reconhecimento de intenções. Para ele, há situações em que o simples reconhecimento de uma intenção leva à sua realização. Nesses casos, sequer haveria a necessidade de um código (ele pode estar ausente), pois compreender o significado daquele que comunica “pode ser visto como uma questão de atribuir a ele intenção (ou intenções)” (WILSON, 2004). Geralmente, as intenções não são decodificadas, mas inferidas (SPERBER; WILSON, 2001). Tal visão constituiu-se numa alternativa ao modelo de código.

Para Grice, “os enunciados criam automaticamente expectativas que guiam o ouvinte na direção do significado do falante” (SPERBER; WILSON, 2005a, p. 222). Compreender um enunciado liga-se, assim, à escolha da melhor hipótese sobre o significado do falante, assumindo-se a tese de que o falante observou o que Grice denominou de Princípio de Cooperação e as máximas que dele derivam.

O Princípio de Cooperação e as máximas conversacionais

O modelo inferencial de Grice pressupõe que, ao conversarem, as pessoas seguem certas regras de conduta em busca da eficiência comunicativa. “As conversas são basicamente esforços cooperativos, em que as pessoas seguem convencionalmente um princípio geral de cooperação quando se comunicam” (SANTOS, 1997, p. 41).

Diante disso, Grice formula o Princípio Cooperativo nos seguintes termos:

Princípio Cooperativo: faça sua contribuição do modo que se espere que ela aconteça, no momento em que ela deva ocorrer, e de acordo com o objetivo ou direção da interação em andamento (*apud* SANTOS, 1997, p. 42).

Para que os falantes possam estar seguros de que estão obedecendo ao Princípio Cooperativo, Grice expõe como estratégia um conjunto de máximas conversacionais que, uma vez obedecidas, faz com que o falante automaticamente obedeça ao Princípio Cooperativo. São elas as máximas de quantidade (informatividade), qualidade (veracidade), de relação (relevância) e de modo (clareza). Maximizar a comunicação implica ser cooperativo e, por conseqüência, verdadeiro, informativo, relevante e claro.

Máximas conversacionais:

Quantidade: a informação deve ser na quantidade suficiente, tanto por parte do emissor quanto do receptor.

1. Faça sua contribuição tão informativa quanto necessário.
2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

Qualidade: tente falar somente o que acredita ser verdadeiro.

1. Não diga o que acredita ser falso.
2. Não diga algo para o que você não tem evidência adequada.

Relevância ou relação: Seja relevante, ou seja, fale aquilo que é importante para o momento.

Modo:

Supermáxima: Precisa-se ter clareza e objetividade.

1. Evite obscuridade de expressão.
2. Evite ambigüidade.
3. Seja breve (evite prolixidade desnecessária).
4. Seja ordenado (GRICE, 1982).

Grice não está defendendo que todas as conversações reais são cooperativas, ou que as máximas sempre são obedecidas, pois os falantes podem acidentalmente ou deliberadamente violar uma das máximas (por exemplo, no caso de uso das metáforas, quando se viola a máxima da veracidade). Porém, ele acredita que obedecer ao Princípio Cooperativo aumenta as chances de uma comunicação bem sucedida (WILSON, 2004). Quanto à compreensão de um enunciado, Grice parte da asserção básica de que os ouvintes assumem que o falante obedeceu ao Princípio Cooperativo e às máximas, e procuram uma interpretação coerente com essa suposição.

Por vezes, para encontrar essa interpretação, eles terão de assumir que o falante acredita, e tentou comunicar, algo mais do que foi estritamente falado. As implicaturas conversacionais (implicações pretendidas) são essa quantidade extra de informação. Para Grice, há uma conexão essencial entre o Princípio Cooperativo e as máximas, de um lado, e as implicaturas, de outro (WILSON, 2004, grifo nosso).

As implicaturas

O sentido real de um enunciado ou a intenção do falante nem sempre está explícito em suas palavras, mas pode estar implícito em suas “entrelinhas”. Um mesmo enunciado poderá ter diferentes interpretações quando variarem as situações comunicativas em que ele for utilizado (SILVEIRA; FELTES, 1999). Assim, para chegar ao sentido real de um enunciado, o ouvinte deve utilizar o seu conhecimento acerca do sentido literal das palavras somando-o a outros conhecimentos (de mundo, do contexto) (SANTOS, 1997). Isto só é possível através das inferências.

Para Grice, as inferências podem ser geradas de duas maneiras distintas: a primeira ocorre quando o autor do enunciado obedece às máximas; a segunda, quando proposital e abertamente, ele desobedece às máximas. Na primeira maneira, ocorrem as denominadas implicaturas comuns e na segunda as implicaturas especiais (SANTOS, 1997, p. 51-52). As implicaturas especiais resultam da extrapolação, ou seja, o autor de um enunciado força o receptor a supor que a máxima aparentemente violada está sendo obedecida em nível do que é inferido e não em nível do que está explícito no enunciado.

As implicaturas conversacionais de um enunciado são aquelas proposições que têm de ser adicionadas ao significado do falante de modo a preservar a suposição de que ele obedeceu ao Princípio Cooperativo e às máximas (ou ao menos ao Princípio Cooperativo) ao dizer o que disse. Essa perspectiva mostra, em princípio, como um enunciado poderia ser inferencialmente compreendido (WILSON, 2004).

Nesse modelo, as implicaturas se classificam em: conversacional particularizada, conversacional generalizada e convencional (SILVEIRA; FELTES, 1999).

As interpretações de enunciados em contextos específicos dão ensejo ao que Grice denomina de *implicaturas conversacionais particularizadas*. Em tais implicaturas o mesmo enunciado pode ser interpretado de maneiras diferentes dependendo da situação comunicativa em que ele se insere.

Por exemplo:

(3) Mãe: Você chegou muito tarde esta noite?

(4) Filho: Na mesma hora de ontem.

O enunciado (3) poderia ter duas interpretações. Se o filho, na noite anterior, voltou para casa de madrugada, então a resposta terá sido positiva. Porém se ele chegou às nove horas da noite, a resposta terá sido negativa. Como a mãe deve saber o horário em que o filho chegou na noite anterior, este terá sido cooperativo ao dar sua resposta, ou seja, ainda que com violação das máximas, o filho foi cooperativo.

Silveira e Feltes (1999, p. 24) afirmam que a implicatura conversacional é o resultado da seguinte fórmula:

$$\begin{array}{c}
 \text{O que é dito} \\
 + \\
 \text{Princípio de Cooperação} \\
 \text{e máximas (obedecidas, substituídas ou violadas)} \\
 + \\
 \text{Contexto}
 \end{array}$$

A *implicatura conversacional generalizada* ocorre quando a interpretação depende, em alguma medida, de pistas lingüísticas para a compreensão de um enunciado.

Veja um exemplo:

(5) Marcelo: Com quem você estava ontem à noite?

(6) João: Com uma moça que trabalha comigo no escritório.

João não especificou com quem ele estava na noite anterior, violando a máxima de quantidade, pois seu enunciado não foi suficiente para a situação. Nesse caso, a interpretação não depende de um contexto particular, trata-se de uma situação mais generalizada, posto que a expressão ‘uma moça’ não seria utilizada para alguém que fosse conhecido de Marcelo. Assim, o ouvinte acredita que o falante está sendo cooperativo, não especificou melhor de quem se trata pelo fato de Marcelo não conhecer a moça em questão.

Na *implicatura convencional*, o significado lingüístico das palavras que constituem o enunciado contribui decisiva e diretamente para a sua adequada interpretação.

Exemplo:

- (7) Pedro é deficiente mental; no entanto, está em uma escola de crianças normais.
- (8) Raquel tem dificuldades de aprendizagem, mas passou de ano.

Desses enunciados é possível inferir que:

- (9) Deficientes mentais não são capazes de freqüentar escolas para crianças normais.
- (10) Alunos quem têm dificuldades de aprendizagem normalmente são reprovados.

A interpretação, aqui, está associada ao significado lingüístico que ‘mas’ e ‘no entanto’ cedem ao enunciado, independente de qualquer contexto conversacional. O significado dos enunciados (7) e (8) seguem determinadas convenções criadas pelas pessoas em determinados meios sociais, não estando ligados a qualquer fator contextual específico.

Questionamentos sobre a abordagem de Grice

Wilson (2004) apresenta um conjunto de críticas ao modelo de Grice, quais sejam:

- a) Grice afirma que o Princípio Cooperativo e as máximas são universais. As pessoas se comportam desse modo, pois aprenderam a fazê-lo desde a infância e não perderam o hábito. Essa posição é questionada por sociolinguistas que argumentam que as máximas variam de cultura para cultura. Grice rejeita essa crítica;
- b) Os termos teóricos de Grice são vagos. A vagueza do termo relevância é tal (o que significa ser relevante?) que ensejou a tentativa de Sperber e Wilson em explicá-lo, no quadro griceano e, mais à frente, de forma independente – a TEORIA DA RELEVÂNCIA;
- c) A teoria inferencial de Grice não consegue explicar por que os ouvintes escolhem algumas interpretações e rejeitam outras e não oferece nenhuma sugestão de como isto é feito;
- d) Para Grice, a pragmática lida primordialmente com os aspectos implícitos da comunicação, ou seja, como o ouvinte decide o conteúdo implícito de um enunciado. Para ele, tudo que não estiver explicitado em um enunciado consiste em implicatura (SILVA, 2003). Ele não pensou no quanto as implicaturas poderiam ser úteis na determinação do que foi explicitamente comunicado (desambiguação, atribuição de referentes, etc.);

- e) A teoria não se ajusta com pesquisas recentes sobre “leitura-de-mente”, atribuição de crenças e intenções aos outros como um processo de inferência espontâneo e inconsciente.

Apresentados os modelos, a TEORIA DA RELEVÂNCIA afirma que um modelo inferencial forte não pode ser elevado à condição de uma teoria geral da comunicação, posto que ao lado das inferências, também participam da comunicação os processos de decodificação que servem de base para os raciocínios inferenciais (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 26). Isso, portanto, também eliminaria a plausibilidade de um modelo de código forte. Se código e inferências participam dos processos comunicativos, é preciso combiná-los. É o que procura fazer a TEORIA DA RELEVÂNCIA, objeto da próxima seção.

2.2 TEORIA DA RELEVÂNCIA

Sperber e Wilson (2005a) apontam que são dois os princípios gerais em que se baseia a TEORIA DA RELEVÂNCIA: o Princípio Cognitivo de Relevância, que afirma que a cognição humana tende a ser dirigida para maximização da relevância; e o Princípio Comunicativo de Relevância, que diz que todo estímulo ostensivo (ou ato de comunicação ostensiva) comunica a presunção de sua própria relevância ótima.

Princípio Cognitivo de Relevância

A TEORIA DA RELEVÂNCIA foi desenvolvida por Sperber e Wilson a partir da suposição de que a cognição humana é orientada para a maximização da relevância. Para os autores, a cognição humana é uma função biológica, cujos mecanismos cognitivos decorrem de adaptações obtidas por seleção natural, como proposta por Darwin. Como produto dessa evolução, os mecanismos cognitivos visam à eficiência ótima, cotejando custos e benefícios. Todo nosso sistema cognitivo está aparelhado para escolher a informação que potencialmente nos é relevante. Todos os mecanismos cognitivos (percepção, memória e inferência) que constituem nosso sistema cognitivo, assim, ajudariam na interação humana (WILSON, 2004).

Conforme Sperber e Wilson (2001), a meta da cognição humana é a melhoria do conhecimento que um indivíduo possui do mundo com base nos recursos de que dispõe. Trata-se de uma tarefa permanente em que o ser humano se engajaria por toda sua vida.

A TEORIA DA RELEVÂNCIA parte de uma idéia básica: toda informação comunicada garante sua relevância. Para Sperber e Wilson (2005b), a relevância pode ser considerada como uma propriedade dos *inputs* (entrada de dados) nos processos cognitivos. “Podem ser uma propriedade dos estímulos, por exemplo, que são *inputs* para os processos perceptuais, ou de suposições, que são *inputs* para os processos inferenciais” (SPERBER; WILSON, 2005b, p. 181). Para os autores, cuja preocupação está relacionada ao estudo da comunicação ostensivo-inferencial, a inferência e a ostensão constituem-se em um mesmo processo visto de pontos de vista diversos, de modo que, do lado daquele que comunica tem-se a ostensão e do receptor tem-se a inferência.⁵

A TEORIA DA RELEVÂNCIA defende que a cognição humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância. Isso significa que “os recursos cognitivos tendem a ser alocados para o processamento dos *inputs* disponíveis mais relevantes, seja de fontes externas ou internas”, pois “estímulos e, mais genericamente, fenômenos, são encontrados no ambiente externo do organismo; suposições, que são o *output* dos processos de percepção, lembrança, imaginação ou inferência, são internas ao organismo” (SPERBER; WILSON, 2005b, p. 181).

O que torna um *input* relevante é o fato de ele valer a pena ser processado, baseado nos efeitos cognitivos e no esforço que derivam deste processamento, ou seja, um *input* relevante é aquele cujo processamento gera ganhos cognitivos. Conforme o conceito de relevância para um indivíduo, os efeitos cognitivos poderiam ser percebidos como “mudanças nas crenças de um indivíduo” (SPERBER; WILSON, 2005b, p. 186).

Os principais efeitos cognitivos (ou efeitos contextuais) derivados do processamento de um *input* em um contexto consistem em:

- a) fortalecimento (ou enfraquecimento) das suposições existentes;
- b) a contradição das suposições existentes; ou,

⁵ A comunicação ostensivo-inferencial é aquela que envolve um estímulo que torna mutuamente manifesto ao comunicador e à audiência que o comunicador pretende, por meio desse estímulo, tornar manifesto ou mais manifesto à audiência um conjunto de suposições (CARSTON, 2002, p. 376-381, tradução de Fábio José Rauen).

c) a derivação de implicações contextuais, entendidas como conclusões resultantes da combinação dos *inputs* com o contexto cognitivo, mas que não decorrem dos *inputs* ou do contexto isoladamente (RAUEN, 2005, p. 36).⁶

Segundo a TEORIA DA RELEVÂNCIA, os processos cognitivos humanos visam obter o máximo de efeitos cognitivos (benefícios) com o mínimo de esforços de processamento (custos). No processamento de um *input*, a teoria propõe que, em igualdade de condições, quanto maiores são os efeitos cognitivos (ou contextuais), maior será a relevância e, quanto menor o esforço de processamento requerido, maior será a relevância.

Princípio Comunicativo de Relevância

“Enunciados (ou outros estímulos ostensivos) criam presunções de relevância” (WILSON, 2004).

Segundo Sperber e Wilson (2005a, p. 229), a chave da teoria pragmática baseada na relevância encontra-se no Princípio Comunicativo de Relevância e na noção de relevância ótima. Um enunciado pode ter variadas interpretações linguísticas e, a seu modo, cada uma delas pode ser relevante. Os graus de relevância de cada interpretação podem variar. Dentre as várias interpretações, o “ouvinte racional” deve escolher a que se coaduna com a presunção (ou expectativa) de relevância que foi gerada pelo próprio enunciado (WILSON, 2004).

Ao serem questionados sobre quanta relevância o comunicador tem de fornecer de modo a satisfazer a expectativa de relevância de uma audiência, Sperber e Wilson desenvolvem a noção de relevância ótima.

A noção de relevância ótima é significativa para esclarecer o que a audiência de um ato de comunicação ostensiva tem direito de esperar em termos de esforço e efeito.

Relevância ótima

Um estímulo ostensivo é otimamente relevante se, e somente se:

- a) é relevante o suficiente para merecer esforço de processamento da audiência;
 - b) é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador.
- (SPERBER; WILSON, 2005a, 229).

Na cláusula (a), o que é “relevante o suficiente” varia de indivíduo a indivíduo e dependerá da ocasião. Ao ocorrer um enunciado (ou outro estímulo ostensivo), o ouvinte deve

⁶ Os efeitos cognitivos serão objeto de estudo mais acurado na seção 2.3, quando forem aprofundados os conteúdos relativos ao ambiente cognitivo mútuo e às suposições factuais.

tomar o significado codificado lingüisticamente e levá-lo ao ponto em que ele ao menos tem efeitos cognitivos suficientes para merecer esforço de processamento (WILSON, 2004).

A cláusula (b) pressupõe um comunicador que quer ser compreendido. Quanto mais relevante for um enunciado, mais provavelmente ele atrairá a atenção da audiência e apontará para o significado pretendido pelo falante. Assim, é do interesse daquele que comunica, dentro de suas capacidades e preferências, que a evidência que ele fornece através de seu estímulo ostensivo seja de fácil compreensão para a audiência.

Cabe àquele que comunica duas metas: “alcançar suficientes efeitos cognitivos para valer a pena o processamento e evitar causar no ouvinte algum desperdício de esforço para alcançar esses efeitos” (WILSON, 2004).

Na produção de um enunciado, obviamente, entrarão os interesses e preferências do comunicador.

Poderia haver informação relevante que eles são incapazes de fornecer ou estão pouco dispostos a fazê-lo, e estímulos ostensivos que comunicariam suas intenções mais economicamente, mas que eles estão pouco dispostos a produzir, ou incapazes de pensar naquele momento. Tudo isso é levado em conta na cláusula (b) da definição de relevância ótima, que postula que um estímulo ostensivo é o mais relevante que um comunicador está disposto e capaz de produzir (SPERBER; WILSON, 2005a, p. 231, grifo no original).

Com base no Princípio Comunicativo de Relevância e na definição de relevância ótima, a TEORIA DA RELEVÂNCIA sugere um procedimento prático para a compreensão verbal por parte do ouvinte ao construir uma hipótese sobre o significado do falante:

Procedimento de compreensão à luz da relevância

- a) Siga um caminho de menor esforço no cômputo de efeitos cognitivos: teste hipóteses interpretativas (desambiguações, resolução de referências, implicaturas, etc.) em ordem de acessibilidade.
- b) Pare quando suas expectativas de relevância forem satisfeitas (SPERBER; WILSON, 2005a, p. 232).

Para identificar o significado do falante, um ouvinte tem de responder a algumas questões: quais os significados explícito e implícito do falante e qual o conjunto de suposições contextuais apropriado. Na tarefa de compreensão, dentre uma lista de significados possíveis, o ouvinte define-se por uma hipótese. Seguindo uma trajetória de esforço mínimo, ele enriquece essa hipótese, até que a interpretação resultante se coadune com a sua expectativa de relevância (SPERBER; WILSON, 2001, p. 13).

Como consequência da cláusula (b) da relevância ótima, a primeira interpretação satisfatória é a única interpretação satisfatória, e o esforço adicional de processamento seria compensado por efeitos adicionais (ou diferentes). A interpretação que mais se destaca, que seja relevante do modo esperado e, por isso, imediatamente acessível, é a única interpretação a ser escolhida pelo ouvinte. Ela é a única interpretação satisfatória por ser a mais racional, ou seja, aquela que racionalmente o falante pretendeu transmitir (WILSON, 2004).

Wilson (2004) afirma que investir em esforço adicional no processo de compreensão, justifica-se apenas pela obtenção de efeitos adicionais (ou diferentes). Veja-se um exemplo, nos moldes de Sperber e Wilson (2001):

(11) Roberto: João, você quer um copo de vinho.

(12) João: Não, obrigado, sou mórmon.

No exemplo, a resposta de João não apenas representa uma negativa à aceitação do copo de vinho, como também, representa um efeito adicional que se pode depreender: o fato de que ele não aceitará qualquer outra bebida alcoólica, posto que mórmons não ingerem bebidas alcoólicas. Roberto empreendeu esforço extra no processamento da informação fornecida por João, mas agora sabe que não deverá oferecer bebidas alcoólicas a ele. O esforço extra no processamento foi compensado com maior quantidade de efeitos cognitivos.

Comunicação ostensivo-inferencial

Segundo Silveira e Feltes (1999, p. 37), “comumente prestamos atenção a estímulos que, em alguma medida, vêm ao encontro de nossos interesses ou que se ajustam às circunstâncias do momento”. Estímulos, para os psicólogos, são modificações ambientais com a finalidade de serem apreendidas ou percebidas. Em qualquer tipo de comunicação, existe produção de certos estímulos que vêm evados de duas intenções: a intenção informativa (informar o receptor de alguma coisa) e a intenção comunicativa (informar o receptor da intenção informativa) (SPERBER; WILSON, 2001, p. 65). Psicologicamente, intenções são representações mentais capazes de ser realizadas sob a forma de ações.

A intenção informativa é aquela que busca causar uma modificação no ambiente cognitivo do receptor, tornando-lhe manifesto um conjunto de suposições. A intenção comunicativa é aquela que busca tornar manifesta tanto ao receptor quanto à pessoa que comunica que a pessoa que comunica tem uma intenção informativa (SPERBER; WILSON, 2001, p. 101-109). Comunicar por ostensão “é produzir um certo estímulo com o objetivo de realizar a intenção informativa, tornando-a mutuamente manifesta tanto para o comunicador

como para o ouvinte” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 39). Para haver comunicação, basta que a intenção comunicativa seja atendida, ainda que a informativa não o seja.

Para que se compreendam os pressupostos teóricos sobre a intenção informativa e a comunicativa, veja-se o seguinte exemplo:

- (13) Pedro: “Você tem que estar no local da prova antes que os portões se fechem”.
(14) Raquel: “Claro, só se eu for louca”.

As intenções potenciais de Pedro são: produzir em Raquel a crença de que a pontualidade é importante para que ela efetivamente realize a prova; Raquel reconhecer a sua intenção (a); e o reconhecimento de Raquel de sua intenção (a) funcionar como parte da crença de Pedro. Nesse caso, enquanto a intenção (a) é informativa; (b) constitui-se como intenção comunicativa, ou seja, a intenção de que a intenção informativa seja reconhecida.

Engajar-se em uma comunicação ostensivo-inferencial tem implicações sociais que podem ser consideradas cruciais, posto que qualquer mudança no ambiente cognitivo mútuo de duas pessoas implica mudança das possibilidades de interação.⁷ O alargamento do ambiente cognitivo mútuo é a principal razão para a comunicação humana.

Predizer que visões e sons no ambiente cognitivo dos outros eles provavelmente atenderão, que suposições de background eles provavelmente recuperarão e usarão no processamento dessa informação, e que conclusões eles provavelmente projetarão. [...] Essa habilidade de prever a que os outros atenderão, e a que conclusões eles chegarão, torna possível (em alguma extensão) manipular os estados mentais dos outros (SPERBER; WILSON, 2001, p. 113).

Para Wilson (2004), como o sistema cognitivo humano é orientado para a relevância, ele nos permite, até certo ponto, a comunicação intencional aberta (que representa a maior parte da comunicação humana). A comunicação aberta envolve o uso de estímulos ostensivos que são projetados para atrair a atenção da audiência e focá-la no significado do falante. O falante deliberadamente fornece evidências (através de um estímulo ostensivo) com o intuito de atrair a atenção da audiência, criando expectativas de relevância para que esta chegue a uma determinada conclusão. Já a audiência, diante do estímulo ostensivo, fica na expectativa de que a informação seja relevante para merecer o processamento do estímulo.

Tal constatação é coerente com o princípio comunicativo de relevância, onde enunciados (ou outros estímulos ostensivos) criam presunções de relevância. O enunciado, na

⁷ Maiores esclarecimentos sobre ambiente cognitivo mútuo podem ser encontradas no item 2.3 desta dissertação.

comunicação, pode ser visto como uma evidência direta (um estímulo ostensivo) da intenção informativa de um falante (SPERBER; WILSON, 2001).

Há, portanto, duas propriedades conjugadas e indissociáveis na comunicação humana: da parte do falante, o fato de ser ostensiva e, da parte do ouvinte, a de ser inferencial (SILVEIRA; FELTES, 1999). Assim, ao comunicar, o falante deve ter em mente a representação de um conjunto de suposições que ele pretende tornar manifesto ou mais manifesto para o ouvinte (SPERBER; WILSON, 2001). Um ato de ostensão do falante é um pedido de atenção. A comunicação não será bem sucedida se o estímulo ostensivo não for capaz de chamar a atenção do receptor. Portanto, um ato de comunicação ostensiva automaticamente deve comunicar uma presunção de relevância.

Conceitos

Para Sperber e Wilson, os conceitos são, hipoteticamente, espécies de rótulos, endereços ou etiquetas. As informações que podem ser armazenadas na memória em certo endereço conceitual podem ser de três tipos diferentes: lógicas, enciclopédicas e lexicais (SPERBER; WILSON, 2001, p. 144).

As informações de natureza lógica, de caráter computacional, constituem-se de um conjunto finito, pequeno e constante de regras dedutivas que se aplicam às formas lógicas das quais o conceito é um constituinte. As informações enciclopédicas, de caráter representacional, variam ao longo do tempo e de indivíduo para indivíduo, e constituem-se a partir de informações sobre a extensão ou denotação do conceito – objetos, evento e/ou propriedades que o representam. As informações lexicais, também de caráter representacional, consistem nas informações lingüísticas sobre a contraparte em linguagem natural do conceito – informação sintática e fonológica (SPERBER; WILSON, 2001, p. 144; SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 32).

A construção do conteúdo de um enunciado, portanto, envolve, a um só tempo, habilidades para a identificação das palavras que o constituem, para a recuperação dos conceitos a elas associados e para a aplicação de regras dedutivas a suas entradas lógicas.

Mecanismo dedutivo

Sperber e Wilson (1995, 2001), a partir da TEORIA DA RELEVÂNCIA, oferecem um esboço geral de um sistema formal de dedução com o qual visam reproduzir com exatidão o

sistema utilizado pelos seres humanos nas inferências espontâneas e na compreensão normal dos enunciados.

Para os autores, a existência de regras dedutivas é uma hipótese empírica, pois: a) realizam uma grande economia na estocagem de representações conceituais do mundo; b) são uma ferramenta que refina as representações conceituais do mundo; e c) denunciam inconsistências e imprecisões nas representações conceituais do mundo.

É através do funcionamento do mecanismo dedutivo que podem ser detectadas as melhorias trazidas por novas informações a uma representação existente do mundo. Uma informação nova será relevante, quando melhorar a representação do mundo de um indivíduo. Uma representação do mundo é composta por um armazém de suposições factuais que se encontra dentro de uma organização interna qualquer (SPERBER; WILSON, 2001, p. 168).

No mecanismo dedutivo proposto na TEORIA DA RELEVÂNCIA, o processo de compreensão é não-demonstrativo (não pode ser provado, apenas confirmado). A informação é acessada de diferentes modos e advêm de diversas fontes.

O mecanismo dedutivo humano é um sistema que é capaz de explicitar o conteúdo de qualquer conjunto de suposições que lhe seja submetido (SPERBER; WILSON, 2001, p. 160). As suposições que entram na memória do mecanismo dedutivo podem advir de quatro origens: da percepção, da decodificação lingüística, da memória enciclopédica, ou são acrescentadas à memória do mecanismo como resultado do próprio processo dedutivo.

Ao ingressar na memória do mecanismo dedutivo, um conjunto de suposições fica sujeito às regras de dedução nas entradas lógicas que se encontram ligadas aos conceitos que o constituem. Essas regras podem ser de dois tipos diferentes: analíticas e sintéticas (SPERBER; WILSON, 2001).

Uma regra analítica escolhe uma única suposição de um *input* complexo, como o ocorre na regras de eliminação “e”, a seguir:

Eliminação-e
 a) Entrada de dados (*Input*): (P e Q)
 Resultado (*Output*): P
 b) Entrada de dados (*Input*): (P e Q)
 Resultado (*Output*): Q
 (SPERBER; WILSON, 2001, p. 145)

Para um exemplo em linguagem natural:

INPUT: P e Q A flor é um vegetal e é um ser vivo.
OUTPUT: P A flor é um vegetal.

Uma regra sintética escolhe duas suposições separadas como entrada de dados, como no caso da regra *modus ponendo ponens*, que escolhe uma suposição condicional e a sua antecedente como *inputs*.

Modus ponendo ponens
 Entrada de dados (*Input*): (i) P
 (ii) (Se P então Q)
 Resultado (*Output*): Q
 (SPERBER; WILSON, 2001, p. 145).

Para um exemplo em linguagem natural:

<i>INPUT:</i>	(i) P - Q	Se houver aula, teremos prova.
	(ii) P	Haverá aula.
<i>OUTPUT:</i>	Q	Teremos prova.

Segundo Sperber e Wilson (2001, p. 168-169),

[...] qualquer conclusão obtida a partir de um conjunto inicial de suposições através de uma derivação em que somente são utilizadas regras analíticas é analiticamente implicada por esse conjunto de suposições. [...] qualquer implicação que não for analítica é sintética [...] uma implicação sintética é o resultado de uma derivação em que foi aplicada pelo menos uma regra sintética.

Para os autores, as únicas regras de dedução disponíveis ao processamento espontâneo das informações, por fazerem parte do equipamento dedutivo básico de todos os seres humanos, são as regras de eliminação (SPERBER; WILSON, 2001, p. 158). Tais regras são genuinamente interpretativas, posto que as suposições dos resultados explicam ou analisam o conteúdo das suposições da entrada de dados, e somente dão origem a conclusões não triviais.⁸ Sperber e Wilson defendem a existência somente de regras de eliminação do tipo *modus ponendo ponens* e eliminação do “e”, que produzem conclusões não-triviais esclarecedoras do processo de transição das premissas às conclusões.

Inferências, explicaturas e implicaturas

⁸ [...] As inferências seguem um cálculo não-trivial: **a verdade das premissas torna a verdade das conclusões apenas provável**, através de um processo de **formação de hipóteses** – que supõe raciocínio criativo, analógico e associativo – e de **confirmação de hipóteses** – que se ajusta ao conhecimento de mundo do indivíduo e às evidências disponíveis a ele (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 34, grifo no original).

Para Sperber e Wilson (2001, p. 117-118), “a inferência é o processo pelo qual uma suposição é aceita como verdadeira ou provavelmente verdadeira pela força da verdade ou da verdade provável de outras suposições. É assim uma forma de fixação daquilo em que se acredita” (2001, p. 119).

Ao tecer algumas considerações informais sobre inferência, Ibaños (2005, p. 151) afirma que, por não envolver mecanismos especializados e por possuir livre acesso a informações conceituais na memória, a compreensão inferencial é global, posto que, qualquer informação que, representada conceptualmente, esteja disponível para o ouvinte pode ser utilizada como premissa no processo inferencial.

Para Ibaños, “[...] as habilidades inferenciais envolvidas na compreensão verbal são aquelas do tipo não-demonstrativo, isto é do tipo que não pode ser provado, pois a comunicação pode falhar até mesmo sob as melhores condições” (p. 151). Quanto ao caráter falível da compreensão inferencial, Sperber e Wilson (2001), apontam a possibilidade de o receptor não conseguir decodificar e nem deduzir a intenção comunicativa do falante, podendo, na melhor das hipóteses, tão somente formar “uma suposição com base nas evidências fornecidas pelo comportamento ostensivo da pessoa que comunica. Poderá haver uma confirmação para tal suposição, mas nenhuma prova” (p. 115).

Ao concordarem com Grice, os autores de *Relevância* afirmam que efetivamente existe uma lacuna entre as representações semânticas de uma frase e os pensamentos que são comunicados através dos enunciados que deve ser preenchida por inferências (SPERBER; WILSON, 2001), porém diferem dos argumentos de Grice ao afirmar que nem todos os processos inferenciais levam a implicaturas, visto que pode estar presente aquilo que por eles foi denominado de explicatura.

Na perspectiva da TEORIA DA RELEVÂNCIA, identificar o significado do falante passa a ser uma questão de identificação da combinação pretendida de explicaturas, implicaturas e suposições contextuais, ajustando-as até um ponto em que as expectativas de relevância são satisfeitas (WILSON, 2004).

Ao analisarem a comunicação verbal, Sperber e Wilson (2001) afirmam que os enunciados são modificações perceptíveis do ambiente físico que tornam manifestas um gama de suposições. Toda vez que se ouve um enunciado, o ser humano automaticamente aciona um processo de decodificação. Não se poderia denominar de comunicação verbal num sentido estrito a este acionamento do sistema de decodificação, posto que, o acionamento de tal sistema possui as características “dos sistemas perceptuais reflexos e automáticos tais como os da audição e da visão” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 268). Toda vez que ouvimos um

enunciado, principalmente em uma língua (código) que nos é conhecida, o sistema é acionado. Para haver a comunicação verbal propriamente dita, deve haver o reconhecimento de que o falante não está meramente falando (utilizando-se de um código, de uma língua), mas que está dizendo algo a alguém.

Para Sperber e Wilson (2001), a descrição e a explicação dos níveis de compreensão acontecem numa trajetória que abarca desde a forma lógica, lexical e gramaticalmente determinada (explicada pela gramática) até a forma proposicional da implicatura (obtida por meio de inferências). Assim, essa trajetória pode ser dividida em três níveis representacionais: o nível da forma lógica, que depende da decodificação lingüística; o nível da explicatura, em que a forma lógica é desenvolvida a partir de processos inferenciais de natureza pragmática; e o nível da implicatura, que parte da explicatura para a construção de inferências pragmáticas.

Para os autores, nem todas as formas lógicas são proposicionais, ou seja, são completas semanticamente.⁹ Vejam-se os exemplos:

Forma lógica proposicional: semanticamente completa.

(15) Raquel veio à escola na noite do dia 10 de outubro.

Forma lógica não-proposicional: semanticamente incompleta.

(16) Ela veio aqui esta noite.

Existem formas lógicas incompletas, a que se pode atribuir papel igualmente importante na cognição. A maior parte das frases proferidas é esquemática, requerendo inferências e decodificação para sua compreensão total. Assim, torna-se necessário que sejam aplicados processos inferenciais que as tornem semanticamente adequadas ao que o falante quis comunicar. As representações semânticas são formas lógicas incompletas, portanto, “que devem ser inferencialmente enriquecidas com base na intenção informativa dos falantes antes de serem tomadas como representando qualquer coisa de interesse a ser comunicada” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 111).

A partir dessa constatação e da visão de que o processo da comunicação codificada não é autônomo, posto que sujeito a um processo inferencial, Sperber e Wilson determinam a existência das já mencionadas explicaturas, que consistem em “uma combinação de traços lingüisticamente codificados e contextualmente inferidos” (SPERBER;

⁹ Para Sperber e Wilson, “uma fórmula lógica é uma fórmula bem-formada, um conjunto estruturado de constituintes que sofrem operações lógicas formas determinadas pela sua estrutura” (1986, 1995, p. 72) Já

WILSON, 2001, p. 274). Elas enquadram-se, assim, “num nível pragmático entre decodificação lingüística e implicação contextual”, ou seja, “estão no nível médio entre o dito e o implicado” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 54 e 85). As representações semânticas que são recuperadas pela decodificação funcionam como fonte de hipóteses e evidências para o processo inferencial no processamento da comunicação (2001, p. 266).

As representações semânticas tornam-se mentalmente representadas como resultado de um processo automático e inconsciente da decodificação lingüística. Podem então ser utilizadas como esquemas de suposições para identificarem primeiramente a forma proposicional e depois as explicaturas de uma elocução. São apenas essas explicaturas que têm efeitos contextuais e que são portanto dignas de uma atenção consciente (SPERBER; WILSON, 2001, p. 290).

A primeira tarefa de um ouvinte, para a recuperação das explicaturas de um enunciado, é a identificação de sua forma proposicional; considerando-se que a forma adequada é aquela que leva a uma interpretação geral compatível com o princípio da relevância (SPERBER; WILSON, 2001, p. 276-277). Deve-se ter presente que, para a TEORIA DA RELEVÂNCIA, a primeira interpretação acessível de um estímulo ostensivo compatível com o princípio da relevância é a correta, eliminando-se as demais.

Em geral, são três as principais tarefas na identificação de uma forma proposicional no nível da explicatura: a desambiguação, a designação de referências e o enriquecimento. “Em cada passo da desambiguação, da atribuição de referências e do enriquecimento, o ouvinte terá de escolher a solução que envolve o menor esforço e apenas abandonar essa solução se ela falhar na obtenção de uma interpretação compatível com o princípio da relevância” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 278).

A partir desses argumentos, pode-se afirmar que as explicaturas de um enunciado podem ser inferidas do contexto, da forma proposicional do enunciado e da atitude proposicional expressa pelo falante (SPERBER; WILSON, 2001, p. 290).¹⁰

As implicaturas, ao contrário das explicaturas, são suposições comunicadas pelo falante de forma não explícita. Elas afetam significativamente o resultado da comunicação. Sperber e Wilson (2001, p. 291) afirmam que “uma implicatura é uma suposição ou implicação contextual que um falante, com a intenção de sua elocução ser manifestamente

uma fórmula lógica é proposicional se ela for semanticamente completa e, portanto, capaz de ser verdadeira ou falsa (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 56).

¹⁰ Atitude proposicional consiste no modo lingüisticamente determinado de expressar alguma coisa. O modo de dizer algo, a entoação do que é dito, por exemplo, parcialmente determina a atitude proposicional expressa.

relevante, tenha manifestamente a intenção de tornar manifesta ao ouvinte”. “A implicatura é recuperada por referência às expectativas manifestas do falante sobre como seu enunciado deveria atingir relevância ótima. Nesse caso, quando não existe expectativa de relevância manifesta por parte do falante, o enunciado não produz implicaturas” (SILVA, 2003, p. 52).

As implicaturas podem ser de duas espécies: as premissas implicadas e as conclusões implicadas. As premissas implicadas são fornecidas pelo ouvinte a partir da memória ou do desenvolvimento de esquemas de suposições recuperadas da memória. As conclusões implicadas são deduzidas das explicaturas do enunciado e do contexto (SPERBER; WILSON, 2001, p. 292), trata-se de processo inferencial em que “explicaturas e contextos, juntos, devem implicar logicamente as implicações contextuais que satisfazem as expectativas de relevância do ouvinte” (WILSON, 2004).

As implicaturas vão sendo simplesmente manifestas no decorrer do ato comunicativo. No entanto, enquanto algumas são fortemente manifestas, a ponto de o ouvinte não conseguir evitar recuperá-las, outras se tornam manifestas de maneira mais fraca. Nesse caso é suficiente que o ouvinte preste atenção a algumas destas implicaturas para que a relevância da interpretação pretendida torne-se manifesta. Assim, as eventuais premissas e conclusões implicadas, consideradas implicaturas de um enunciado, não intencionalmente tornadas manifestas pelo falante, não são consideradas implicaturas desse enunciado. Nesse caso, segundo os autores, elas não são de responsabilidade do falante, mas sim do ouvinte (SILVA, 2003, p. 55).

Veja-se um exemplo em que essas noções são apresentadas:

(17) João: Você conseguiu estudar para a prova?

(18) Raquel: Meu irmão me ajudou.

Nível da forma lógica:

Alguém ajudou alguém a fazer algo.

Nível da explicatura:

Meu irmão [de Raquel] me [Raquel] ajudou \emptyset [a estudar para a prova].

Nível da implicatura:

Se o irmão de Raquel a ajudou a estudar, então, <possivelmente> ela conseguiu estudar para a prova.

2.3 AMBIENTE COGNITIVO E SUPOSIÇÕES FACTUAIS

Conhecimento mútuo

Para a TEORIA DA RELEVÂNCIA, a seleção de um contexto para interpretação dos enunciados não pode estar adstrita ao conhecimento mútuo. O conhecimento mútuo, como informação mutuamente conhecida por falante e ouvinte é uma hipótese impossível em vista da forma imperfeita de compreensão que se reconhece como suficiente no dia-a-dia.

As pessoas podem olhar para o mesmo objeto e, contudo, identificá-lo de modo diferente; podem impor interpretações diferentes às informações que lhe são dadas ao mesmo tempo; podem falhar no reconhecimento dos fatos. Em todos estes casos, o indivíduo estaria enganado ao supor que existia um conhecimento mútuo (SPERBER; WILSON, 2001, p. 51).

Percebe-se, assim, que os indivíduos dificilmente compartilham as mesmas suposições sobre o mundo ainda que compartilhem a mesma língua e possuam as mesmas habilidades inferenciais.

Veja o exemplo:

Raquel e João passeiam por uma rua, quando João, apontando para uma vitrine diz:
 (19) “Veja que lindo aquele casaco”.
 Raquel, que até aquele momento não havia reconhecido aquela peça de vestuário como sendo um casaco acrescenta:
 (20) “É muito bonito mesmo”.

Perceba que Raquel e João não tinham conhecimento mútuo em relação à referida peça de vestuário ser um casaco; foi apenas no curso da comunicação que tal conceito se tornou manifesto. Verifica-se, assim, que a hipótese de compartilhamento de conhecimentos que é pressuposta pelo conhecimento mútuo mostra-se insustentável, posto que inconclusiva ou enganosa.

Ambiente Cognitivo Mútuo e Suposições Factuais Mutuamente Manifestas

O ambiente cognitivo de um indivíduo consiste no “conjunto de suposições que são manifestas a um indivíduo em dado momento” (WILSON, 2004). Ou seja, “um ambiente cognitivo é simplesmente um conjunto de suposições que o indivíduo tem a capacidade de representar mentalmente e de aceitar como verdadeiro” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 89). Ele “[...] é muito mais do que o contexto físico: inclui tudo o que está na cabeça do ouvinte, tudo que ele vê e sente, tudo a que tem acesso para interpretar uma determinada fala” (VIANNA, 2005). O ambiente cognitivo de um indivíduo, assim, abarca, a um só tempo, seu

ambiente físico e suas capacidades cognitivas, ou seja, é formado pelo “conjunto de todos os fatores que ele tem a capacidade de apreender ou inferir” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 80).

Suposições, por sua vez, constituem um conjunto estruturado de conceitos, ou seja, são representações conceituais, tratadas pelo indivíduo “como representações do mundo real” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 26). As suposições não necessitam ser verdadeiras, o que as diferencia do conhecimento, e podem, inclusive, derivar de outras suposições. “As suposições são construídas na base da relevância-para-um-indivíduo, através de conhecimentos enciclopédicos e episódicos, habilidades cognitivas, estímulos sensorio-perceptuais advindos do ambiente, etc.” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 80). As “suposições básicas mantidas como descrições verdadeiras do mundo, mas não sempre explicitamente representadas como verdadeiras” (*ibidem*, p. 112) e que são incorporadas pela mente de variadas maneiras são chamadas de *suposições factuais*. “Quando adquiridas, são combinadas com um estoque de suposições existentes, submetendo-se ao processo de inferência, cujo objetivo é modificar e aperfeiçoar a representação de mundo do indivíduo” (*ibidem*, p. 112).

A força das suposições (as suposições variam em graus de força) deriva de sua acessibilidade, assim, uma suposição será mais acessível na medida do quanto ela é mais facilmente lembrada ou processada. Quanto mais uma suposição é representada, mais acessível ela se torna.

Veja o exemplo:

(21) O Flamengo é um time do Rio de Janeiro.

(22) O Torrense é um time do Rio Grande do Sul.

Assim, a primeira informação é mais acessível do que a segunda.

São quatro as formas de obtenção das suposições que empregamos nos dia-a-dia apresentadas por Silveira e Feltes (1999, p. 42) e que podem ser imbricadas:

- a) por *input* perceptual (visual, auditivo, olfativo, tátil, etc.);
- b) por *input* lingüístico (decodificação lingüística);
- c) pela ativação de suposições estocadas na memória (conhecimento enciclopédico e outros) ou esquemas de suposições, que podem ser completados com informação contextual;
- d) por deduções, que derivam suposições adicionais.

Para compreensão das quatro fontes das suposições factuais (que também podem ser consideradas como as quatro fontes do fenômeno da força das suposições), verifique-se o exemplo seguinte:

João está aguardando seu amigo Pedro chegar. Ao aproximar-se, Pedro lhe diz:
(23) Meu casamento está mal.

João percebe que Pedro está cabisbaixo, não está usando a aliança de casamento e pode preencher o hiato entre a representação semântica da sentença e o pensamento realmente comunicado pelo enunciado (23):

- a) Pedro está com dificuldades em seu casamento (suposição retirada da memória enciclopédica, através do *input* lingüístico);
- b) Pedro está cabisbaixo e não está usando aliança (suposição através do *input* visual);
- c) Se Pedro está cabisbaixo e não está usando aliança, os problemas em seu casamento devem ser graves (suposição construída a partir das suposições anteriores);
- d) Pedro quer alertar-me que ele está se separando de sua esposa (conclusão por dedução).

Como já ressaltado, a alteração ou alargamento do ambiente cognitivo entre aqueles aos quais nos dirigimos é o que se busca em um ato comunicativo. Isto se deve ao fato de que, para haver comunicação, algumas suposições devem se tornar mais ou menos manifestas para os interlocutores. Se as suposições tornarem-se mutuamente manifestas aos participantes de um ato comunicativo, surge o que Sperber e Wilson (2001) denominam de ambiente cognitivo mútuo.

O ambiente cognitivo mútuo consiste na “[...] intersecção de ambientes cognitivos de duas pessoas diferentes, formando o conjunto de todos os fatos que são manifestos para ambos” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 28), ainda que, no decorrer do ato comunicativo, não se possa determinar de forma conclusiva o que efetivamente é manifesto a ambos. Os ambientes cognitivos mútuos é que possibilitam as informações necessárias à compreensão em um processo comunicacional.

Fato apontado por Sperber e Wilson (2001): as pessoas não partilham ambientes cognitivos totais. Embora partilhem o mesmo ambiente físico e tenham semelhantes capacidades cognitivas, os ambientes físicos nunca são estritamente idênticos, e as capacidades cognitivas são afetadas pelas informações já memorizadas, diferindo, assim, de uma pessoa para a outra. Tal constatação leva à conclusão de que apesar de partilharem um mesmo ambiente cognitivo, não é correto crer que façam as mesmas suposições, “mas que simplesmente têm a capacidade de as fazer” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 83).

Cada suposição manifesta (que possa ser percebida ou inferida) em um ambiente cognitivo mútuo será, assim, mutuamente manifesta. Verdadeira ou falsa (como se viu, a suposição não precisa ser necessariamente verídica), uma suposição pode ser manifesta a um indivíduo dentro de um ambiente cognitivo, fornecendo evidências diretas para sua adoção, desde que ela não seja invalidada de pronto (SPERBER; WILSON, 2001, p. 80). “[...] qualquer suposição que alguém é capaz de construir ou aceitar como verdadeira, ou provavelmente verdadeira, é manifesta para ele” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 121).

Algumas suposições serão mais manifestas, outras menos manifestas, variando, assim, seu grau de manifestabilidade. Determinar que suposições serão mais manifestas em um determinado momento dependerá do ambiente físico e das capacidades cognitivas de um indivíduo. Os seres humanos possuem uma organização cognitiva que “faz com que certos tipos de fenômenos (isto é, objetos ou acontecimentos perceptíveis) sejam particularmente salientes [...] Quando um fenômeno é notado, algumas suposições sobre ele são normalmente mais acessíveis do que outras” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 80-81)

Sperber e Wilson defendem que “a comunicação é um processo assimétrico” (2001, p. 85), pois a responsabilidade de evitar incompreensões fica com o falante: é ele quem deve escolher as suposições a que o receptor terá acesso e que possivelmente utilizará no processo de compreensão de um ato comunicativo. Pelo fato de a cognição humana ser orientada pela relevância, o falante consegue inferir que suposições sua audiência irá desenvolver, fornecendo evidências para isso.

Vale mencionar que, conforme Wilson, há graus de sofisticação na interpretação de um enunciado. Ela pondera que expectativas de relevância do ouvinte podem ser desapontadas, dado que nem sempre os falantes são competentes para produzir seus enunciados otimamente relevantes. Como eles não conhecem o que está na mente do ouvinte, eles podem fazer predições erradas sobre o que será otimamente relevante. Os ouvintes, por sua vez, geralmente são capazes de lidar com isso (RAUEN, inédito).

Contexto

Perceba-se que uma informação pode ser relevante em um contexto e não o ser em outro. Diante desta constatação, o que interessa à TEORIA DA RELEVÂNCIA é a relevância em um contexto. Por contexto, Wilson (2004) afirma que se deva compreender um subconjunto de suposições mentalmente representadas que interage com a informação nova ou novamente apresentada para gerar efeitos contextuais. O contexto, assim, é um construto psicológico que

afeta a interpretação de um enunciado e que pode não guardar correspondência com o “estado real do mundo” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 46). Tal subconjunto de suposições é utilizado no processamento de uma dada informação. A informação nova ou novamente apresentada é relevante em um contexto quando esta interage com o contexto para gerar efeitos cognitivos.

Por ser um construto psicológico,

um contexto não está limitado nem às informações que se referem ao ambiente físico imediato nem às informações que se referem às elocuições imediatamente anteriores; também poderão ter um papel na interpretação todas as expectativas do futuro, as hipóteses científicas ou crenças religiosas, o anedotário, as suposições culturais gerais e as opiniões sobre o estado mental da pessoa falante (SPERBER; WILSON, 2001, p. 46).

Deve-se ressaltar que a história de vida de cada indivíduo gera diferenças nas informações memorizadas, ou seja, as representações podem ser diversamente construídas, resultando em suposições sobre o mundo, em relação a cada indivíduo, também diferentes. A cada nova experiência de um indivíduo, algo se acresce ao conjunto de contextos potenciais (SPERBER; WILSON, 2001).

Para a TEORIA DA RELEVÂNCIA, o contexto não é totalmente dado de início, mas selecionado pelo ouvinte. O contexto é construído no decorrer da comunicação, à medida que se processam as informações (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 46). A seleção do contexto é determinada pela procura da relevância. A eleição de um contexto em especial é

determinada em qualquer dado momento pelos conteúdos da memória do mecanismo dedutivo, pelos conteúdos do armazém das finalidades gerais das memórias de curto prazo, e pelos conteúdos da enciclopédia e pelas informações que podem ser imediatamente tiradas do ambiente físico (SPERBER; WILSON, 2001, p. 220).

A acessibilidade do subconjunto de suposições mentalmente representadas de que se constitui o contexto, portanto, varia de indivíduo para indivíduo. Tal constatação faz com que se caracterize a relevância de maneira psicologicamente mais adequada ao tratá-la como relevância para um indivíduo (numa perspectiva comparativa). Uma suposição será relevante para um indivíduo se, na relação custo-benefício, os efeitos cognitivos alcançados quando ela é otimamente processada forem amplos ou, ainda, quando o esforço requerido para o processamento ótimo for pequeno. Assim, para que a relevância seja ótima, é fundamental “que o contexto inicial selecionado (construído) seja o mais produtivo possível, permitindo a

derivação do maior número de efeitos com um mínimo justificável de dispêndio de energia” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 48).

Efeitos Cognitivos ou Contextuais

Já foram mencionados os principais efeitos cognitivos derivados do processamento de um *input* em um determinado contexto (veja-se o item 2.2). O efeito contextual ou cognitivo consiste no resultado que decorre do processamento de um estímulo em interação com as suposições pré-existentes no sistema cognitivo e que pode ser considerado relevante a este sistema (SILVA, 2003, p. 38). É condição necessária para a relevância a existência de algum efeito cognitivo dentro de um contexto.

Para ser relevante em um contexto, uma suposição deve estar ligada a esse contexto de algum modo. Há três situações em que podem faltar efeitos cognitivos por uma suposição não ser relevante em um contexto:

[...] a suposição pode contribuir com uma nova informação, mas essa informação não faz nenhuma ligação com quaisquer informações presentes no contexto. [...] a suposição já está presente no contexto e a sua força não é afetada pela informação apresentada de novo; essa informação apresentada de novo não tem, portanto, absolutamente nenhuma informação nova a dar e, a fortiori, não se apresenta como relevante. No terceiro tipo de caso, [...] a suposição é incompatível com o contexto e é demasiado fraca para o perturbar; o processamento da suposição deixa assim o contexto sem modificação (SPERBER; WILSON, 2001, p. 193).

Passa-se agora à análise mais detalhada dos principais efeitos cognitivos.

Fortalecimento ou enfraquecimento das suposições existentes

Neste caso, o efeito contextual pode ser observado como fortalecimento ou enfraquecimento das suposições já existentes. Não é uma informação nova que derivará do processamento do estímulo em interação com as suposições pré-existentes no sistema cognitivo, mas, sim, o reforço ou o enfraquecimento destas. É aqui que surge o fenômeno denominado de *força das suposições* (SILVEIRA; FELTES, 1999) e que se baseia nas quatro formas já comentadas de se obterem suposições factuais, ou seja, no *input* perceptual; no *input* lingüístico; na ativação de suposições estocadas na memória que podem ser complementados com a informação contextual e, por fim, nas deduções.

Veja o seguinte exemplo:

- (24) Raquel: Você quer um pedaço de chocolate?
 (25) Maria: Chocolate me engordaria.

Em primeiro lugar, Raquel poderia ter percebido em nível de *input* visual que Maria está obesa, o que fortaleceria a conclusão implicada (26) ‘Maria não quer chocolate’. Em segundo lugar, Maria poderia ter enunciado “Estou muito gorda”, assim Raquel, através de um *input* lingüístico fortaleceria a mesma suposição implicada. Outra possibilidade reside no fato de que Raquel poderia ter ativado o conjunto de conhecimentos enciclopédicos relativos à Maria de que ‘Maria engorda com muita facilidade’. O que novamente atuaria no sentido de fortalecer a suposição ‘Maria não quer chocolate’. Por dedução, Raquel poderia, ao ativar suposições estocadas em sua memória, gerar as seguintes suposições:

- S1: Maria recentemente esteve internada em um *spa* para emagrecimento;
 S2: Ela submeteu-se a uma plástica posterior ao processo de emagrecimento;
 S2: Maria está fazendo manutenção para não ganhar peso novamente.

De tais suposições Raquel derivaria que:

- I: Maria não quer chocolate.

A implicação I, assim, fortalece a suposição de que ‘Maria não quer chocolate’.

Eliminação das suposições contraditórias

Tal efeito ocorre quando, ante duas suposições contraditórias, a mais fraca, ou seja, a que apresenta menos evidências, é eliminada.

Levando em consideração

- (27) Tendo interpretado a resposta de Maria como uma recusa a ingerir o chocolate, Raquel traz um pote com pedaços de chocolates e, ao colocá-lo sobre a mesa, Maria abre o pote e pega alguns pedaços de chocolate para comer.

Através do *input* visual, Raquel observa a atitude de Maria que contradiz a suposição anterior de que ela não queria chocolate. Há duas suposições contraditórias, portanto. Nesse caso a suposição que deriva do *input* visual é mais forte e elimina a suposição inicial de que Maria não queria chocolate. Assim, permanece a suposição que empiricamente foi fortalecida pela percepção.

Derivação de implicações contextuais

Consistem nas suposições que resultam (ou derivam) da combinação de informações velhas (pré-existentes), que constituem o ambiente cognitivo de um indivíduo, com informações novas. Trata-se de uma conclusão que é inferida com base em um conjunto de premissas formadas, a um só tempo, de suposições contextuais (pré-existentes ou dadas) e suposições novas derivadas de um estímulo ingressante e não derivável de nenhuma delas de forma isolada (WILSON, 2004), ou seja, trata-se da contextualização da informação nova no ambiente cognitivo da informação velha.

Veja-se o exemplo:

- (28) Raquel: Você quer uma fatia de pudim.
 (29) João: Pudim é bom depois do almoço.

Ele pode ser interpretado de duas maneiras distintas.

Caso 1:

- S1: Pudim é uma sobremesa.
 S2: Sobremesas são comidas após a refeição principal.
 S3: O almoço é uma refeição principal.
 S4: João quer pudim

Logo, das suposições factuais deriva-se a implicação contextual:

- I - João já almoçou.
 S1: Se João já almoçou ele já está pronto para saborear a sobremesa.
 S2: João quer comer o pudim.

Caso 2:

- S1: Pudim é uma sobremesa.
 S2: Sobremesas são comidas após a refeição principal.
 S3: O almoço é uma refeição principal.
 S4: João não quer pudim.

Logo, das suposições deriva:

- I - João ainda não almoçou.
 S1: Se João ainda não almoçou ele não está pronto a saborear a sobremesa.
 S2: João não quer comer o pudim.

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA FAMILIAR

Na presente pesquisa, foi dispensado um tratamento de sistema à família, com aporte em autores que se vinculam a uma visão sistêmica da sociedade e dos grupos sociais que a compõem. Assim, a revisão bibliográfica fundamentou-se em obras de áreas da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia.

Assim, nesta seção buscou-se uma conceituação da família e o seu enquadramento como sistema; verificou-se sua evolução histórico-social, esclarecendo-se a sua organização e estrutura; e, por fim, destacaram-se aspectos referentes à estrutura familiar brasileira.

A família é o primeiro grupo social em que se insere o ser humano, sua rede inicial de relações. Como sistema social, os principais objetivos que são esperados da família consistem em proteger, orientar e preservar a espécie e organizar seus membros quanto à forma de pensar e de agir em todas as situações (MELO *et alii*, 2005, p. 3). Como já ressaltado na introdução, as famílias se diferenciam pelos valores e crenças que são por elas adquiridos ao longo de sua história. “Cada família possui um sistema de valores, normas, crenças e conhecimentos, de acordo com os quais tende a desenvolver atitudes que refletem e reforçam esses valores” (PEREIRA, 1998). “Na intimidade, ela vai construindo um padrão relacional, que lhe confere unidade e identidade, a si e aos seus. Na convivência contínua, em seu espaço, os familiares vão estabelecendo interações, compartilhando linguagem e construindo padrões de relação fundados em valores, crenças e mitos” (CEZAR-FERREIRA, 2007, p. 5). Para Pereira (1998), a família constitui-se em espaço simultaneamente físico, relacional e simbólico que privilegia a construção social da realidade. Isto é reforçado por Sluzki (1985) ao afirmar que, na visão da terapia familiar, a família é “um sistema social flexível, composto por pessoas que compartilham significados”.

A Teoria da Terapia familiar está fundamentada no fato de que o homem não é um ser isolado, mas um membro ativo e reativo de grupos sociais. O indivíduo é um sistema, que por sua vez é um subsistema de um sistema maior que é a família que, por sua vez, é um subsistema de um sistema maior que é a sociedade (BAUMEIER, 1999).

Todo sistema tem que ter uma fronteira. “É importante para a estrutura saudável das famílias que haja uma hierarquia e que seus membros definam claramente suas fronteiras (limites, regras e padrões decorrentes de negociações)” (MELO *et alii*, 2005, p. 2). Segundo

Capra (*apud* BARBOSA, 2006), as fronteiras de um sistema social, portanto, não são físicas, mas fronteiras de expectativas, de confidências, de lealdade, e assim por diante.

O sistema é um todo em relação. Cada parte interage com as outras de tal maneira que não existe uma relação de causalidade linear, visto que, as influências são sempre mútuas. Assim é que, não é possível ver um sintoma como algo pertencente a um membro da família ou do casal e sim como expressão da interação desses membros. Logo, o processo é descrito através das relações, da comunicação e da maneira como a família se organiza (SILVEIRA, T. M, 2005).

Segundo Baumeier (1999), a família é percebida como um sistema aberto “em transformação, um conjunto de padrões aos quais os membros interagem, como também regulam o comportamento dos membros da família”. Os sistemas abertos são aqueles que realizam trocas com o meio “através de energia, matéria e/ou de informação [...] As trocas com o ambiente acontecem nos limites do sistema, ou seja, na fronteira entre este e o meio” (GORESTIN; PINHEIRO, 2005). Como afirma Pereira (1998), “importa também considerar que a família não é um sistema isolado, mas sim um sistema em interação com outros sistemas circundantes – família alargada, escola, trabalho, amigos, vizinhos, clubes, etc. – numa relação circular que afeta a sua organização e funcionamento”.

A teoria dos sistemas pressupõe que, quando elementos formam uma rede complexa, propriedades emergem no todo. Assim, pode-se afirmar que o todo é sempre mais do que a soma das partes. As propriedades emergentes serão sempre mais complexas, e, em hipótese nenhuma, as propriedades globais da rede resultam da somatória das propriedades das partes (BRUSCHI, 2003). Assim, na perspectiva da teoria dos sistemas, busca-se a análise da organização do sistema e de sua teia de relações, já que não podemos reduzir um sistema aos seus elementos formadores, pois sua compreensão dependerá de que sejam conhecidas suas relações e não as propriedades de suas partes consideradas isoladamente.

Um dos fatores que mais caracterizam ou definem um sistema é o dinamismo (oposto de estaticidade). Por isso, a noção de processo é chave no estudo de um sistema. Esse processo dinâmico “sugere um contínuo fluxo e mudanças no interior do sistema para formar a si mesmo” (PREMEBIDA; ALMEIDA, 2006).

Como indivíduos, exercemos o papel de ‘células’ de um organismo social, cada um de nós desempenhando uma função específica. Algumas células sociais são mais complexas do que outras e desempenham funções que exigem maior diferenciação. No entanto, da mesma forma que num organismo biológico, embora existam nós mais complexos do que outros, todos são igualmente importantes, não havendo escala de hierarquia ou de importância entre os diferentes indivíduos. Todos os humanos integram esta rede social e cada um deles tem um papel a cumprir que é vital para a manutenção, em primeira instância, do próprio indivíduo e, num segundo

momento, para a integridade de todo o organismo social (BRUSCHI, 2003, p. 77-78).

Viver socialmente é necessário para a sobrevivência dos indivíduos, especialmente na espécie humana, que tem na família a responsabilidade de cuidar de um “filhote” frágil que carece de cuidados e segurança desde o nascimento.

Watzlawick, Beavin e Jackson (1967), ao entenderem a família como um sistema, descrevem a interação humana como um sistema de comunicação, “caracterizado pelas propriedades dos sistemas em geral” (p. 133). Para esses autores, certos princípios são aplicáveis à família enquanto sistema. Destacam-se alguns deles.

O *princípio da globalidade* pressupõe que o comportamento de todo indivíduo que compõe uma família está relacionado e é dependente do comportamento de todos os outros. Todo comportamento é comunicação, influenciando e sendo influenciado por outros.

O princípio da *retroalimentação* pressupõe que os sistemas interpessoais, como a família, possam ser encarados como circuitos de retroalimentação, pois o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das demais pessoas, configurando um sistema circular e automodificável. Derivando desses princípios, vê-se que uma mudança vivida por um membro da família trará mudança para todo o sistema.

Outro princípio é o da *não-somatividade*, que deriva do fato de que a análise de uma família não é a soma das análises individuais de seus membros. O sistema família, apresenta padrões de interação que transcendem as propriedades de seus membros individualmente considerados.

É plausível, que a família constitui um sistema e para ressaltar ainda mais o caráter sistêmico dela, aqui se reproduz um trecho sobre a terapia familiar conforme foi proposta por Trillas (2005).

A base principal em que se fundamentou a Terapia Familiar foi a Teoria dos Sistemas Gerais. Aplicando os conceitos e leis dessa teoria ao trabalho com famílias foi possível reconhecer homens e mulheres como parte de um todo mais amplo – como subsistemas de sistemas maiores. Para o terapeuta familiar, a família converteu-se em uma unidade, em um único organismo; e assim, quando um ou mais dos membros do sistema colocavam um problema, a família passou a ser o lugar privilegiado para a intervenção terapêutica. Assim, a família observada como um sistema de relação vivo, com seus equilíbrios e desequilíbrios, com suas etapas de crescimento e estancamento, foi perfilando um caminho terapêutico onde o paciente designado (portador do sintoma) não era nem o mais, nem o menos importante dos membros familiares. Dessa maneira, o sintoma se converteu, basicamente, em uma espécie de sinal de alarme; um aviso de que algo não funcionava bem (crise) e de que algo tinha que mudar. Os sintomas refletem uma tentativa do organismo ou sistema de curar-se e de alcançar um novo nível de organização.

Organização e estrutura da família

Para que se tenha um panorama da organização e da estrutura familiar, deve-se partir de uma visão histórica da família, posto que o dinamismo deste sistema tem levado a transformações constantes referentes a estes aspectos.

A palavra família vem do latim *familia* e significava “conjunto de escravos e servidores de uma pessoa” (VITAL, 2002). O conceito de família varia de acordo com o tipo de sociedade, porém, em geral, quando se pensa em família, pensa-se na família nuclear, aquela formada por um casal e seus filhos biológicos, ou adotivos.

Outro aspecto em relação às estruturas familiares reside no fato de que

como estrutura, a família diferencia e leva a cabo suas funções através de vários subsistemas internos, a saber, o conjugal, o parental e o fraternal, que operam através de padrões transacionais, nos quais as transações repetidas estabelecem protótipos de como, quando e com quem interagem os indivíduos (MELO *et alii*, 2005).

A partir da pesquisa de Vital (2002) descreve-se a evolução histórica da família. Constata-se que nos primórdios da civilização humana os homens estavam subordinados à natureza e os relacionamentos eram instintivos, havia promiscuidade sexual, e cada mulher pertencia a todos os homens e vice-versa. Foi na divisão do trabalho entre homem e mulher que se operou uma revolução na história da família: o homem passou a dedicar-se à caça e à pesca e, à mulher coube o cuidado da prole, a arte da cerâmica e o cultivo da lavoura.

A partir desta divisão do trabalho, surgiu a família consanguínea que se caracterizava por ser fruto de relações sexuais promíscuas (eram permitidas relações entre irmãos e irmãs, entre pais e filhos, a poliandria e a poligamia, etc.), e o parentesco era estabelecido pelo lado paterno. Mas havia uma mulher e um esposo principais com uma relação mais longa.

No decorrer dos tempos, surgem limitações aos casamentos entre irmãos e primos. E, em constante evolução, surge o matriarcado que ficou caracterizado pela poligamia e infidelidade feminina. No período matriarcal, no caso de separação dos pais, os filhos sempre ficavam com a mãe, posto que inexistia o casamento. O pai, segundo Vital (2002), era um indivíduo que só estava de passagem. Neste período, acaba o casamento grupal.

Após esta fase, a desigualdade entre homens e mulheres se estabelece: ao homem cabe a direção familiar, e à mulher o papel de subordinação. Surge a família monogâmica que,

como acentua Engels (1984), tem sua origem ligada à criação da propriedade privada e é baseada em condições econômicas, visando a legitimidade dos filhos e aspectos hereditários.

Por fim, temos a família patriarcal, caracterizada pela subordinação ainda mais intensa da mãe ao pai, o chefe de família. E o instituto do pátrio-poder passa a ter grande força. No momento em que casam, as filhas passam a pertencer à família dos maridos.

Assim, a estrutura familiar tem variado no decorrer da história e, na atualidade, convive-se com quatro tipos dela a um só tempo (MONTEIRO, 2007):

- a) a *família nuclear* ou *conjugal* – é a mais aceita até hoje, consistindo em um homem e uma mulher e seus filhos, quer biológicos, quer adotivos, habitando em um ambiente familiar comum;
- b) a *família monoparental* ou *de pais únicos* – é uma variação da família nuclear decorrente de fenômenos sociais como o divórcio, óbito, abandono de lar, ilegitimidade ou adoção de crianças por uma só pessoa. A família fica formada por um dos pais e seus filhos;
- c) a *família ampliada* ou *consangüínea* – é constituída pela família nuclear acrescida de parentes diretos ou colaterais, onde existe uma extensão de relações, passando a incluir, além dos pais e filhos, também os avós, tios e primos; e,
- d) a *família alternativa*, com dois tipos:
 - a *família comunitária* – onde o papel dos pais é descentralizado, sendo responsabilidade de todos os membros adultos os cuidados das crianças; e,
 - a *família homossexual* – onde existe uma ligação conjugal por contrato entre duas pessoas do mesmo sexo que adotaram crianças, ou onde um ou ambos os parceiros possuem filhos biológicos advindos de casamentos heterossexuais.

Cada uma dessas estruturas está em dinâmica transformação, porém preservando sua organização, posto que, normalmente, a família tende a permanecer apesar dos câmbios estruturais que ela sofre.

Ressaltando a manutenção da organização familiar nos câmbios estruturais, a terapia familiar percebe a família como um organismo vivo, um sistema vivo que se move através do tempo, ressaltando sua dinamicidade através do que é denominado de ciclo de vida familiar. No ciclo vital, a família passa por estágios em que experimenta câmbios estruturais e mantém sua organização familiar, adaptando-se, de maneira congruente às inevitáveis mudanças que compõem o ciclo, tais como: o casamento (ou união estável); o nascimento dos filhos; os filhos na adolescência; a saída dos filhos de casa e o casal novamente sozinho; a

morte de membros da família; o divórcio e o recasamento; entre outros (CARTER; MCGOLDRICK, 2001).

Quanto às fases do ciclo vital familiar, ressalta Kauffmann que

a primeira etapa é a fase de aquisição, em que a principal preocupação é o aprendizado de modo geral: engloba a formação do casal em si, o distanciamento da família de origem, a primeira casa, o primeiro filho, e principalmente a escolha de um modelo de família próprio. A segunda fase é a adolescente que diz respeito aos pais com filhos adolescentes, uma fase de adaptação entre as duas gerações, os valores pré-estabelecidos pelos pais passam a ser contestados pelos filhos, e por outro lado também os próprios pais se questionam sobre suas profissões e posições. Em seguida vem a fase madura, na qual a geração mais velha – avós - necessita muitas vezes de apoio, e ao mesmo tempo os filhos estão deixando o lar para formar as próprias famílias. E por fim se define a fase última, o casal volta novamente a estar só, seus filhos já constituíram suas famílias, e muitas vezes precisam ajudar os pais (2000, p. 10).

Aspectos da estrutura da família brasileira

Para Pereira (1998),

por trás do termo unitário de família está uma multiplicidade de significados e de experiências, de papéis sociais, de relações de poder, de processos de negociação, de competências e de valores. A sua estrutura e composição e as tarefas e funções que lhe são cometidas, variam consoante o lugar, os sistemas sociais, religiosos, políticos e culturais de cada sociedade. Importa, pois ter presente esta diversidade e as diferenças que se registram, de cultura para cultura, ao nível dos estilos de vida e da organização e gestão das rotinas diárias.

Dada a importância dos papéis desempenhados por membros de uma família, posto que, para pertencer a um sistema social, deve-se adotar as condutas aceitas no meio, ou seja, aquelas definidas por seus membros, é interessante ter um perfil da estrutura da família brasileira e as causas que têm levado a mudanças nela.

Kauffmann (2001) apresenta especificidades referentes à estrutura familiar no Brasil que ressaltam o dinamismo desse sistema. Para ele, a família está à mercê das influências culturais, religiosas, das tradições e costumes, e de fatores sociais e econômicos que o meio em que se encontra oferece a ela. Tais fatores podem alterar a estrutura e organização familiar e, conseqüentemente, interferir na visão de mundo de seus membros, ou seja, em suas suposições factuais.

A estrutura da família brasileira apresenta diferenças de acordo com a camada social. Nas camadas populares, o modelo familiar é regulamentado pela solidariedade em relação à sobrevivência da família, com provedores múltiplos. Bilac (*apud* KAUFFMANN, 2001) acentua um fluxo de riquezas circular nesta camada social, pois os investimentos

materiais são passados dos pais para os filhos e, posteriormente,, voltam aos pais. Opera-se, assim, uma mudança de papéis familiares, e a relação central é a de mãe-filho, havendo uma expressiva liderança da mulher na família.

Já na classe média, observa-se a “ascensão do número de separações e divórcios; a inclusão da empregada doméstica no cotidiano familiar, e a dedicação e preocupação dos pais em garantir o sustento dos bens e serviços da família e para criar novas condições de mobilidade social para a segunda geração” (KAUFFMANN, 2001, p. 9), características que alteram a estrutura familiar, pois influenciam a dinâmica familiar.

Ressaltam-se, ainda, como aspectos estruturais que sofreram mudança, o alto nível de escolaridade da mulher e sua maior participação no mercado de trabalho, contribuindo para a complementação da renda familiar e as adaptações que os homens tiveram de fazer em função dessas mudanças femininas (CERVENY; BERTHOUD *apud* KAUFFMANN, 2001).

Em outros aspectos, há uma manutenção dos papéis dos membros da família, conforme acentuam Cerveny e Berthoud. São eles:

a religião dominante católica; o casamento como forte instituição familiar; o marido como provedor da família, e a mulher como responsável pelas tarefas domésticas. Em relação à dinâmica destacam-se: amor e dinheiro como ideal da família; estudo e profissão dos filhos como meta; a figura materna com a função de organizar a casa e dar suporte emocional à família; a figura paterna com função de sustentar economicamente a família, os filhos com a função de trabalhar e/ou estudar; e a realização afetiva por meio do casamento. E ainda quanto aos valores apresentam-se os dados: o natal como a grande data a ser comemorada; o ritual de trocar presentes e fazer juntos as refeições; a reunião com parentes aos domingos; a morte como o grande tabu da família, e a importância dos estudos como valor a ser passado à próxima (*apud* KAUFFMANN, 2001, p. 11).

3 ANÁLISE DE DADOS

Este trabalho integra o *Grupo de Pesquisa de Práticas discursivas e tecnologias da linguagem* – PRATEC e a linha de pesquisa *Textualidade e práticas discursivas* do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Em particular, alinha-se com pesquisas que se fundamentam na TEORIA DA RELEVÂNCIA de Sperber e Wilson (1995, 2001, 2005a, 2005b), com o objetivo de descrever e explicar fenômenos de compreensão em eventos comunicativos.

Do ponto de vista operacional, o presente estudo defende que os Princípios Cognitivo e Comunicativo de Relevância e os diversos níveis representacionais apresentados (forma lógica, explicatura e implicatura) permitem uma descrição empírica e uma explicação adequada dos processos interacionais envolvidos nas trocas comunicativas do *corpus*.

Ao aplicarem-se os princípios da TEORIA DA RELEVÂNCIA, espera-se que as trocas comunicativas que compõem o *corpus* demonstrem a existência de ambientes cognitivos mútuos e de suposições factuais mutuamente manifestas capazes de caracterizar grupos familiares distintos. Assim, do ponto de vista dos resultados, a hipótese de trabalho é a de que o ambiente cognitivo mútuo e as suposições factuais mutuamente manifestas, tais como colocados pela TEORIA DA RELEVÂNCIA, possam ser considerados como fatores que delimitam as fronteiras do sistema familiar, distinguindo-o do meio em que se insere.

Em 28 de setembro de 2006, quinta-feira, às 22h30min, a Rede Record estreou o *reality show Troca de Família*, apresentado pela jornalista Patrícia Maldonado. Sucesso mundial, o programa é uma versão licenciada do formato americano *Troca de Esposas* (*Trading Spouses*), criado pela Fox. A partir de 3 de outubro de 2006, o programa passou a ser exibido às terças-feiras, também às 22h30min. No final desse ano, passou a ser reprisado aos domingos às 12h45min. Atualmente, a atração está fora da grade da emissora.

Cada troca foi exibida em dois episódios de aproximadamente 45 minutos cada um. A primeira temporada teve nove trocas, gravadas em diferentes regiões do país e apresentadas em 18 capítulos, cujas gravações começaram no final de junho. Os programas que compõem o *corpus* foram exibidos nos dias 7 e 14 de novembro de 2006.

Após gravação em DVD e transcrição dos enunciados (ver anexo A), a análise observou os seguintes passos:

- a) detecção das estruturas familiares das duas famílias que participaram dos programas, de tal modo a estabelecer suas crenças e valores, ou seja, suas suposições factuais;
- b) contextualização da troca, a partir das cenas iniciais do primeiro programa, com a finalidade de se verificar como se davam os relacionamentos intrafamiliares;
- c) análise das cenas de inserção de Mariene Stier na família Tomaz, para conhecer até que ponto as diferenças em relação às crenças e valores das duas famílias interfeririam no relacionamento com a mãe substituta;
- d) Por fim, verificação dos efeitos que se produziram nas famílias após o término da troca.

Neste capítulo, analisam-se: as ações/conversações, as crenças em relação à família e as implicaturas potenciais de Mariene, a mãe baiana, no decorrer das situações comunicativas de que participou no programa *Troca de Família*. No decorrer da análise, as situações comunicativas de que participou Fátima, a mãe paulista, foram consideradas como contraponto.

Assim, o presente capítulo foi subdividido em quatro seções: na primeira, focalizam-se as estruturas familiares dos participantes da troca; na segunda, contextualiza-se a troca; na terceira, é analisada a inserção de Mariene Stier na família Tomaz; e, na última, verificam-se os efeitos que a troca produziu nas famílias.

3.1 FOCALIZANDO AS ESTRUTURAS FAMILIARES

Para contextualizar a análise, é mister conhecer as estruturas familiares da família Stier e da família Tomaz, posto que estas refletem diferentes crenças e valores, possivelmente capazes de desvendar os limites da fronteira familiar entre elas.

3.1.1 Família Stier

Segundo as informações do perfil familiar disponibilizado no *site* da Rede Record de Televisão, a família Stier mora em frente à praia em Guarajuba, na Bahia. Com estrutura sócio-econômica estável, possuem nessa região uma pousada na qual o casal trabalha. Mariene, a mãe, é afro-descendente e casada com um alemão, Robert. Mariene teve uma origem humilde, o que possivelmente fez com que desenvolvesse uma personalidade forte e batalhadora (é assim que o marido a define). Após o casal ter vivido na Alemanha por alguns anos, decidiu estabelecer-se no Brasil e aqui ter seus filhos. Mariene é vaidosa, gosta de ter tudo arrumado e organizado em casa, não suporta sujeira. O casal adora fazer cavalgadas e vive rodeado de amigos.

Ela acha positivo aprender e está fazendo aulas de português. Fala alemão, porém, quando conheceu Robert, nenhum dos dois entendia o idioma do outro, o que, segundo ela, não impediu o relacionamento. Apesar das diferenças culturais, inicialmente criticadas pelos familiares de Mariene, eles constituíram família. Mariene ressalta ter aprendido muito com o esposo. Como o marido, ela sempre diz o que pensa e sem rodeios.

O casal apresenta-se muito unido e dedicado em relação à educação dos filhos. É Mariene quem prepara o café da manhã e leva as crianças à escola. Um momento importante para o convívio familiar, segundo Mariene, está nas horas de refeição de que participam todos os membros da família. Todos os filhos são definidos pela mãe como “sapecas”. Segundo ela, todas as crianças gostam de mandar, traço inspirado em Robert, que, segundo Mariene, é autoritário. A mãe é definida pela família como a “rainha do lar”, de que jamais se afastou.

Os Stier são uma família tipicamente nuclear, ou seja, constituída por um homem e uma mulher e seus filhos biológicos, habitando em um ambiente familiar comum. Percebe-se que, no lar dos Stier, os papéis dos membros da família são bem definidos e conhecidos por todos. Seus membros possuem fortes valores familiares, que orientam sua forma de agir, sentir e pensar quer no interior da família, quer em suas relações sociais.

Crenças e valores que derivam da estrutura familiar de Mariene

Depreende-se da estrutura familiar de Mariene que o ambiente familiar dos Stier poderia propiciar as seguintes crenças e valores:

- a) a mãe é personagem fundamental na família (a “rainha do lar”), responsável pela criação dos filhos (cuidados como alimentação, educação, etc.) e sempre presente;
- b) os pais são exemplos a serem seguidos pelos filhos;
- c) as refeições são momentos de compartilhar experiências entre os membros da família, portanto, todos participam delas;
- d) a casa, para ser definida como um lar, deve estar sempre limpa e organizada. Sujeira é algo abominável em um lar;
- e) a necessidade de horários rígidos, posto que, além das crianças terem seu horário para ir à escola, os pais trabalham juntos em sua pousada para sustento da família.

3.1.2 Família Tomaz

Segundo perfil familiar disponibilizado pela emissora, a família Tomaz mora em São Paulo, em uma realidade diversa da família Stier. Fátima é artista plástica e sua família possui uma rotina alternativa, sem horários definidos. Sua realidade sócio-econômica é muito diferente da vivida pela família de Mariene, posto que, a cada dia, a família Tomaz tem que vencer uma batalha com a falta de dinheiro numa cidade em que o custo de vida é elevado. No entanto, apesar do “aperto” econômico, a família Tomaz é divertida, despreocupada, e aproveitando a vida na medida do possível.

Fátima é definida pelos filhos como estressada, de pavio curto, e controladora, porém com um grande coração, o que a faz a “mãezona” não só da família como de toda a turma de amigos. Ela tem um visual “*new hippie*”, com seus longos cabelos vermelhos e suas batas coloridas, e aprecia modos de vida alternativos. Seu marido é bem mais jovem do que ela e a conheceu em um grupo de teatro do qual fazia parte também seu filho mais velho. Charlie, o marido de Fátima, apesar de trabalhar na época do *Troca de família*, estava sem receber seu salário há três meses. Os filhos de Fátima aprovam seu novo casamento e o padrasto, dos quais eles são grandes amigos.

A família Tomaz leva uma vida agitada. Seus membros dificilmente fazem suas refeições juntos. A casa está constantemente desorganizada. Os próprios filhos se definem como preguiçosos para os serviços da casa, cabendo à mãe as tarefas paralelas de manter a organização da casa e de trabalhar em seu atelier para gerar renda complementar para as

despesas. Os membros são dependentes da presença de Fátima. A filha chega a afirmar que só faz as tarefas de casa se a mãe ordenar. O filho mais velho trabalha fora e também não coopera com a organização. Além disso, a família tem diversos animais: uma cadela que fica num pátio externo e gatos que vivem dentro de casa.

Crenças e valores que derivam da estrutura familiar de Fátima

Depreende-se da estrutura familiar de Fátima que o ambiente familiar dos Tomaz propicia as seguintes crenças e valores:

- a) os membros da família apreciam um modo alternativo de vida e horários, de modo que cada um tenha liberdade para realizar suas atividades quando bem lhes aprouver (ainda que convocados para a limpeza da casa);
- b) não há necessidade de horários fixos e nem a presença de todos nas refeições;
- c) a desorganização de uma casa não implica em descaracterizá-la como um lar;
- d) a arte e as tradições culturais são valores a serem compartilhados entre os membros da família (teatro, pintura, artesanato, música, folclore português, etc.);
- e) a responsabilidade em organizar e limpar a casa pertence, principalmente, à mãe, e os filhos só contribuem se forem mandados ou se seu esforço for exigido pela mãe;
- f) a mãe é o esteio da família, o membro de quem todos dependem;
- g) os membros amam os animais, e eles devem ficar próximos à família, convivendo, inclusive, dentro de casa;
- h) as dívidas não impedem o bom humor e a descontração.

Perceba-se que essas crenças e valores podem ser tomados como um conjunto de suposições básicas que são armazenadas na memória dos membros da família de Mariene e de Fátima, **sendo considerados** como uma descrição verdadeira do mundo real. São essas suposições factuais que compõem o ambiente cognitivo de cada indivíduo de ambas as famílias.

Pode-se admitir que essas suposições são mutuamente manifestas aos participantes da família, ou seja, que há uma intersecção dos ambientes cognitivos de seus membros, formado pelo conjunto de fatos que são ou deveriam ser manifestos a todos eles. É dessa intersecção que se origina um ambiente cognitivo mútuo que facilita o processo de escolha do contexto adequado e da conseqüente compreensão dos atos comunicativos.

3.2 CONTEXTUALIZANDO A TROCA

Para uma análise adequada das situações comunicativas de que participou Mariene no decorrer dos dois programas de *Troca de Família* que compõem o *corpus*, decidiu-se por realizar a análise em três momentos distintos: antes da troca de famílias; durante a troca familiar e depois desta.

Acredita-se necessário que, antes de analisar as implicaturas de Mariene, devamos descrever as cenas iniciais do primeiro dos programas que retratam a troca entre mães da família Stier e da família Tomaz.

3.2.1 Cenas iniciais da família Stier

No início do programa, a partir de depoimentos de pais e filhos, os membros da família Stier apresentam o seu modo de vida. O programa começa com cenas de Guarajuba, na Bahia, e da casa da família Stier. A casa tem um vasto jardim, e a família pode ser considerada de classe média, com boa qualidade de vida.

As cenas seguintes mostram Mariene e Robert acordando com o despertador do celular. Marido e mulher fazem sua higiene pessoal e vão acordar as crianças. Mariene acorda os dois filhos maiores e Robert a caçula. As crianças fazem sua higiene pessoal (escovam dentes, penteiam-se) e se vestem. Mariene é quem prepara o café da manhã da família e todos tomam café juntos na varanda de sua casa.

O programa mostra a pousada dos Stier. Mariene e Robert encontram-se na cozinha com os funcionários. Em seguida, volta-se à rotina da família e destaca-se Mariene preparando-se para levar as crianças para a escola no carro da família. Nesse contexto, os membros da família Stier começam a falar de algumas de suas crenças e, em especial, dão opiniões pessoais em relação à mãe Mariene.

Veja-se a transcrição destes depoimentos.

Mariene: “Meu nome é Mariene. Tenho 40 anos. Sou casada com Robert. Robert é alemão e é muito divertido. Ele sempre fala o que ele pensa. Sempre direto. Não faz diferenças. Outras... como no caso eu... às vezes quero falar, mas fico esperando o

momento certo. Ele acha que tem que falar, porque ficar esperando esse momento. Esse momento é agora”.

Robert: “Mariene é uma mulher maravilhosa, uma ótima mãe”.

Mariene: “Eu gosto desse jeito dele e aprendi até muito com ele. Eu falo também. Hoje eu aprendi”. “Tenho três filhos. Tenho o Lourenço de 11 anos...”

Lourenço: “Minha mãe é paciente, legal, divertida, alegre”.

Mariene: “Tenho a Samira de 7 e Melissa de 5”.

Cada uma das crianças fala uma frase em alemão.

Samira: “Eu aprendi a falar alemão com o meu pai, causeo que ele nasceu na Alemanha”.

Melissa: “Eu gosto muito da minha mamãe. E eu amo ela”.

Mariene: “Temos uma pousada em Guarajuba e trabalhamos na pousada, os dois”.

Robert: “A coisa mais marcante de Mariene é a personalidade dela”.

Nesse momento, o programa enfatiza uma troca comunicativa entre Mariene e Melissa. Mariene está se preparando para levar as crianças à escola e dirige-se a Melissa:

Mariene: “Oh, meu! Você pega as suas coisas, por favor, e vai pro carro, não fica de maresia aí não! Viu, meu?”.

Melissa, em resposta, pega sua mochila da escola e a coloca no porta-malas do carro. Lourenço fecha o porta-malas, logo após.

Na situação, algumas suposições são mutuamente manifestas a mãe e filha e constituem o provável ambiente cognitivo inicial:

S1: Está na hora de ir para a escola.

S2: Para ir à escola, deve-se levar a mochila escolar.

S3: As crianças vão para a escola todos os dias no carro da família.

S4: A mochila escolar deve ser colocada no porta-malas.

S5: É a mãe quem leva as crianças à escola.

S6: A mãe deve ser obedecida.

S7: Não se deve perder tempo ou atrasar-se.

Mariene então diz:

Enunciado: “[...]Você pega as suas coisas [...] e vai pro carro [...]”.

Esse trecho do enunciado encerra a seguinte forma lógica:

Forma lógica: dever x (pegar x , $y \wedge$ ir x , z).

Forma lógica: \emptyset_x dever (você_x pega as suas coisas y e \emptyset_x vai pro carro z).

O trecho do enunciado de Mariene encerra uma forma lógica não-proposicional, ou seja, sintaticamente bem formada, mas semanticamente incompleta. Para tornar esse enunciado uma forma lógica semanticamente completa, Melissa precisa enriquecê-lo. Conforme a TEORIA DA RELEVÂNCIA, a primeira interpretação acessível de um estímulo ostensivo compatível com o princípio da relevância é a correta, exceto se forem contraditas por novos estímulos contextuais. Para completar a forma lógica, Melissa precisa explicitar vários elementos do enunciado de Mariene. No processo de recuperar a explicatura, ela precisa recuperar inferencialmente: o referente para os itens lexicais ‘você’ e ‘coisas’, ela própria e a mochila escolar, respectivamente; o preenchimento da elipse do sujeito sintático da segunda cláusula, mais uma vez, ela própria; e, por fim o referente adequado para o item lexical ‘carro’, a saber, o carro da família. Além disso, Melissa precisa recuperar a atitude proposicional de alto nível, dado que a explicatura deve conter a necessidade da ação de Melissa.

O resultado desses processos pode ser visto a seguir:

Forma lógica proposicional ou explicatura: \emptyset_x [Melissa $_x$] \emptyset [dever] (Você $_x$ [Melissa $_x$] pega as suas coisas $_y$ [mochila escolar $_y$] e \emptyset_x [Melissa $_x$] vai pro carro $_z$ [da família $_z$]).

A referida explicatura entra no mecanismo dedutivo como uma premissa implicada que funciona como antecedente de uma regra de dedução por *modus ponendo ponens*, cujo resultado comporta-se como uma conclusão implicada, no caso em questão, um estímulo não verbal. Veja-se:

S1 – Melissa deve pegar a mochila escolar e Melissa deve ir para o carro da família;
 S2 – Se S1, então S3;
 S3 – Melissa deve colocar a mochila dentro do porta-malas do carro da família e Melissa deve entrar no carro da família.

O comportamento de Melissa, o de colocar a mochila no porta-malas e, em seguida, entrar no carro, revela sua capacidade inferencial. O êxito na interpretação da menina deveu-se a intersecção de ambientes cognitivos dela e de sua mãe.

No mesmo enunciado, chama atenção a metáfora que Mariene usa ao comunicar-se com Melissa ao dizer:

Mariene: “[...] não fica de maresia aí não! Viu, meu?”.

Mariene utiliza a metáfora: ‘ficar de maresia’. Intuitivamente, o que acontece ao utilizar-se uma metáfora “é que o significado comunicado pelo uso de uma palavra ou frase particular difere do significado ‘literal’ linguisticamente codificado pela gramática” (WILSON, 2004). Na TEORIA DA RELEVÂNCIA, o significado codificado de uma palavra ou frase não é mais do que uma pista para o significado do falante, podendo ser enriquecido de várias maneiras para que se construa uma adequada hipótese sobre o significado do falante. Guiada pela relevância e pelas suposições factuais mútuas, Melissa não tem dificuldade em interpretar ‘ficar de maresia’, como algo semelhante a ficar parado, inerte, sem ação, etc. Ambas, Mariene e Melissa compartilham ambiente litorâneo, onde a maresia é fato corriqueiro. Isso, mais uma vez reforça que há um espaço de intersecção que facilita o processo de comunicação entre os membros da família. Melissa põe sua mochila no portamalas e entra no carro rapidamente.

Na seqüência, o programa, então, reproduz outra fala de Robert sobre sua esposa:

Robert: “Mariene vem de uma origem muito simples, mas ela sempre teve uma personalidade muito forte”.

Essa personalidade forte, como será visto adiante, será responsável por diversas discussões com a família Tomaz. Mariene sempre diz o que pensa, o que vai gerar problemas no convívio com pessoas que não têm as mesmas suposições factuais.

Esse primeiro quadro das cenas iniciais da família Stier se encerra com Mariene, entrando no carro para levar as crianças na escola e dizendo:

Mariene: “Este carro tá é sujo, viu? Deus benza”.

Após algumas cenas iniciais do contexto familiar dos Tomaz (que serão analisadas na seção 3.2.2), o programa apresenta mais cenas do convívio familiar dos Stier.

Mariene: “Eu me acordo todos os dias às cinco e meia da manhã”.

Durante o depoimento de Mariene, as câmeras destacam o cotidiano dos Stier, mostrando Mariene chamando Melissa na calçada da escola de ‘minha flor’, nova metáfora:

Mariene: “Vem minha flor”.

As câmeras continuam a acompanhar Mariene, revelando-a como mãe amorosa, cuidadosa e responsável: cuidados com a alimentação da família, com a educação das crianças para a escola, com a pousada da família. Na sequência, destaca-se a vaidade de Mariene.

Mariene: “Preparo o café das crianças e levo pra escola”.

Mariene falando com Lourenço enquanto sobem a escadaria da escola: “Se terminar antes você me espera, viu?”

Mariene: “Depois faço compras da pousada... faço um cursinho de português, também. E daí eu aproveito o intervalo, vou na manicure. Ah, eu gosto de me cuidar, me acho bonita... quando eu me arrumo. Pra mim. Eu gosto de me sentir bem”.

Robert (rindo): “Acho que a coisa mais difícil pra ela, até hoje, é o cabelo dela que ela sempre briga”.

Mariene: “Cabelo duro é assim mesmo, demora prá cuidar”.

Mariene e Robert falam do começo de seu relacionamento. A produção do programa alterna os depoimentos de Mariene com os de Robert.

Mariene ao falar de como começou sua relação com Robert: “Minha história com ele é tão engraçada”.

Robert: “Vim por acaso de férias há 20 anos atrás, conheci a Mariene”.

Mariene: “Ele não falava português, eu não falava alemão, mas nada disso atrapalhou. Minhas irmãs sempre falavam: mas este homem que você quer prá você? Um alemão que não fala a sua língua. Você que adora um samba e esse daí que nem sabe sambar... Entendeu?”.

Robert: “Moramos lá 5 anos. E depois retornamos para morar aqui”.

Mariene fala uma frase em alemão.

Em seguida, o casal fala de seus filhos.

Mariene: “Meu marido adora mandar e as crianças tão seguindo o caminho dele”.

Os depoimentos são interrompidos por nova interação de Mariene com Melissa, onde o comportamento de Melissa novamente sugere que entre suas crenças inclui-se a obediência aos pais.

Mariene para Melissa: “Fora meu, por favor. Não gosto de estar falando várias vezes”.

Como resposta Melissa segue ao lado da mãe.

Retomando os depoimentos sobre as crianças, Mariene afirma que os meninos são autoritários, reforçando o enunciado anterior em que disse que eles gostavam de mandar como o pai deles (afinal, nos Stier, os pais são exemplos a serem seguidos).

Mariene: “Autoritários”.

Nova interação de Melissa e Mariene reforça o aspecto autoritário das crianças.

Mariene: “Não precisa botar estas figurinhas não. Fecha isso”.

Melissa com um pacotinho de figurinhas nas mãos, demonstrando teimosia: “Não, eu ponho”.

Mariene desiste: “Então, você coloca”.

Robert fala sobre seus filhos:

Robert: “Lourenço nasceu, a gente achou que já era um pacote de energia, um energético. Coisa que quando a Samira veio, superou muito. E a Melissa detonou. Na verdade a Melissa foi um acidente de trabalho, ali... (risos)”.

Ao referir-se à troca, Mariene conta de seus medos e expectativas.

Mariene: “Eu só to indo pra passar uns dias e tenho certeza de que isso eles têm que botar na cabecinha deles. E falar... Sei lá: ela está aqui, vai ficar 5 dias, vai embora, mesmo se me acharem uma chata”.

Mariene: “Eu acho que experiência é sempre bom. Você poder trocar uma experiência um com o outro. Eu gosto de aprender sempre”.

Mariene: “Curiosidade, medo. Sabe aquela coisa que você percebe que você está com medo? Será que tem, sabe? Aquelas pernas bambas”.

Mariene: “Eu não sei como ela é, como ela vai cuidar dos meus filhos”.

No último enunciado de Mariene, ressalta **um dos valores** proeminentes na família dos Stier: o cuidado das crianças cabe à mãe. Ela mostra-se preocupada, pois terá que deixar as crianças e, ainda por cima, com uma estranha.

No momento de pegar o veículo que a levaria ao aeroporto rumo a São Paulo, Mariene despede-se de sua família e chora. Ela se despede de Melissa, abraçando-a e beijando-a diz:

Mariene: “Conta nos dedinhos que mamãe vai voltar bem rápido, viu meu amor?”

Ao depor sobre como se sentia, Mariene afirma:

Mariene: “Isso aqui é o coração de mãe mesmo que fica assim, preso, né? No sentimento, como será que vai ser?”.

Neste momento, nova situação comunicativa é destacada.

Robert diz em alemão: “Não desanime” (o programa traduz por legendas).

Mariene: “As crianças...” (reticente, chorando e demonstrando preocupação).

Robert em alemão diz: “Sim”.

Mariene: “Ouviu?”
Robert: “Ovi.”

Mariene, ao despedir-se de Robert, demonstra toda aflição de uma mãe que nunca se afastou de seus filhos (conforme crença familiar, a mãe deve sempre estar presente). Muito do diálogo não está explícito, porém Robert percebe a preocupação de Mariene. Parece que ele a conhece bem e detém, assim como ela, suposições factuais semelhantes sobre valores familiares. Robert percebe que são suas crenças em relação ao seu papel de mãe que a estão deixando preocupada. Mariene chega a perguntar a Robert se a ouviu, embora nada tenha sido dito a ele de forma explícita. Ele responde afirmativamente.

Outra interação ocorre na despedida de Mariene e Melissa e que se mostra um desafio para a TEORIA DA RELEVÂNCIA, posto que nenhuma informação nova é acrescentada, mas efeitos emocionais são especialmente importantes em um ambiente familiar.

Mariene para Melissa: “Beijo. Te amo.”

Costa (2005, p. 162-167), ao referir-se ao discurso amoroso entre casais apaixonados, fala dos clichês afetivos, dentre os quais se destaca a expressão ‘Eu te amo’. Embora o diálogo acima se refira a uma situação entre mãe e filha, permite-se, por analogia, estender o argumento do autor à situação. Melissa bem sabe que sua mãe a ama. Assim, quando Mariene diz isso, ter-se-ia que admitir que nenhum efeito cognitivo teria advindo que acrescentasse algo à representação de mundo de Melissa. Na relação de custo/benefício informativa, afirma o autor que a redundância da expressão ‘Eu te amo’ valoriza aspectos emocionais e afetivos e não o acréscimo de informação. Há um benefício nestas “irrelevâncias da vida cotidiana” que está contido nos clichês afetivos que se mostram um desafio à noção de relevância.

Rauen afirma que, acerca dessas irrelevantias do cotidiano, o princípio cognitivo de relevância deveria ser revisto, pois “seres humanos saudáveis alternam estados tensos e distensos, onde aparentemente a cognição opera guiada ora pelos efeitos, ora pelos custos”. Diante disso, o autor propõe duas variáveis a serem avaliadas: a exaustão dos recursos cognitivos e a saturação dos estímulos salientes.

Para Rauen (inédito), a capacidade energética dos indivíduos modera a eficiência destes enquanto guiados pela relevância. Para ele, seres humanos alternam estratégias tensas de obtenção de relevância com estratégias distensas que visam poupar energia, já que os recursos são escassos e necessitam de reposição. “O balanço de atividades tensas e distensas

varia de indivíduo para indivíduo e de situação para situação, posto que os ótimos de Pareto variam individualmente e situacionalmente”.¹¹

Conforme Rauen, um conjunto de suposições factuais é tratado pelo indivíduo como certo ou quase certo, de modo que ele direciona sua existência a partir dessas informações. Esse conjunto é considerado como assegurado pelo indivíduo e encontra-se fortemente enraizado em sua cognição. O autor defende que reiteraões sucessivas de uma suposição a tornam mais forte ou mais factual, até um limite onde passa a ser tratada pelo indivíduo como otimamente certa ou factual. Essa repetição se faria necessária até um limiar teórico de saturação para além do qual, uma nova repetição da mesma suposição deixaria de ser saliente e passaria a ser filtrada pelo organismo, posto que irrelevante. Assim, haveria um ótimo de Pareto “de modo que um estímulo novamente apresentado deixa de sensibilizar os mecanismos, na medida em que os efeitos cognitivos não mais compensam os esforços para a obtenção desses efeitos cognitivos de fortalecimento mediante reiteração” (RAUEN, inédito).

A adoção da variável de saturação e do limiar de saturação é importante, porque pode fornecer explicação para a adesão dos seres humanos a rotinas habituais, sejam elas conscientes ou não. Para um organismo que, embora guiado para a relevância, poupa recursos energéticos, é importante que o contexto seja composto do maior número de suposições tomadas como factuais e estáveis (*idem*).

Em seus argumentos, Rauen propõe que a variável de saturação liga-se tanto aos efeitos como aos esforços de processamento. Ele defende a tese de que para operar otimamente a cognição precisa trabalhar em ambientes cognitivos estáveis. Essa estabilidade decorreria “das regularidades recorrentes derivadas de sucessivas reiterações do maior conjunto de suposições possível”. Assim, a variável de saturação, na visão do autor, deve funcionar como um ótimo de Pareto, de modo que haveria um limiar para além do qual a informação novamente apresentada deixaria de ser relevante e passaria a ser transparente, segura, factual ou otimamente certa.

Rauen afirma que

¹¹ A noção de ótimo ou eficiência de Pareto foi criada por Vilfredo Pareto para questões econômicas. Uma situação econômica é ótima no sentido de Pareto se não for possível melhorar a situação, ou mais genericamente a utilidade, de um agente econômico sem degradar a situação ou utilidade de qualquer outro agente econômico. Por analogia, no escopo de uma variável de exaustão, num processamento cognitivo ótimo, no sentido de Pareto, não é possível aumentar a obtenção de efeitos cognitivos sem degradar a reserva energética do sistema cognitivo. Em outras palavras, o investimento em termos de custos cognitivos é restringido por um limiar para além do qual: a) os efeitos cognitivos não compensam o investimento energético; e b) o investimento energético degrada as reservas de energia do sistema (RAUEN, inédito)..

um enunciado sucessivamente reiterado pode tornar-se baixo em relevância, de modo a direcionar a atenção do ouvinte para outros aspectos da interação. Aqui, a expectativa de relevância do ouvinte não está relacionada com o conteúdo proposicional do enunciado em si mesmo, mas com aspectos que se tornam disponibilizados pelo enunciado, como os fatores emocionais e afetivos. Se esse é o caso, os clichês funcionam, tais como os enunciados fáticos, como mantenedores do contato, isto é, constituem-se como reforçadores da interação (*idem*).

As cenas de contextualização da família Stier terminam com uma frase de Mariene em que novamente manifesta preocupação com seus filhos, mais uma vez reveladora da sua crença de que a mãe deve estar constantemente presente na relação com as crianças.

Mariene: “Eu nunca deixei os meus filhos”.

3.2.2 Cenas iniciais da família Tomaz

Da mesma forma que a família Stier, os Tomaz falam sobre seu modo de vida, de suas dificuldades, personalidades e crenças. No início das cenas da família Tomaz, Fátima acorda pela manhã e faz sua higiene pessoal. Enquanto está lavando o rosto no banheiro, Charles mostra-lhe uma xícara de café, numa oferta não-verbal. Fátima recusa a oferta, mostrando ao marido que está escovando os dentes naquele momento.

Charles então diz: “Tá, então vou deixar aqui. Você toma tá?” (levantando a xícara e demonstrando onde irá colocá-la).

Fátima consegue recuperar o referente em relação ao que será deixado “aqui”, no sentido de que o contexto e a atitude proposicional de Charles lhe indicam que se trata de uma xícara de café que ela deverá tomar. Ela baseia-se nas seguintes suposições: é de manhã cedo; recém estou acordando; pela manhã é costume tomar um café, não é costume da família Tomaz reunir-se em conjunto à mesa para o café da manhã, assim, não é anormal tomar o café em outro local da casa.

Charles consegue captar igualmente a mensagem não-verbal de Fátima de que naquele momento não poderá beber o café, baseando-se em sua percepção visual quando a vê escovando os dentes, resgatando as seguintes suposições: é de manhã cedo; é hora de tomar

um café; ao acordar é feita a higiene pessoal; enquanto se escovam os dentes não se pode tomar o café da manhã.

Desperta interesse o fato de as câmeras destacarem um dos gatos da família no banheiro, logo atrás de Fátima, enquanto ela está fazendo sua higiene matinal. Isso será um aspecto especialmente relevante quando da inserção de Mariene na família Tomaz.

Começam então os depoimentos dos membros da família Stier.

Fátima: “Eu não gosto de ficar parada. Eu tô sempre tendo que fazer alguma coisa”.
Fátima: “Sou meio chata, meio exigente em algumas coisas...” (ela está pintando um objeto na sala enquanto fala).

Neste momento, destaca-se uma interação de Fátima e Charles, em que se valoriza a crença de que a arte deve ser compartilhada.

Fátima: “Oh, pincelzinho aqui limpo. Limpa o copinho de água”. (alcançando o copo de água que serve de apoio para a limpeza dos pincéis para Charles).
Ele pega o copo.

Logo após, continuam os depoimentos familiares e nova interação do casal.

Fátima: “Tenho pavio curto, sou meio estoradinha”.
Fátima (falando com Charles na cozinha): “Oh, você que é mais altinho, depois você vai guardar para mim aquele pratão (apontando para o prato) e aquela fruteira (apontando para a fruteira)”.
Charles presta atenção às recomendações de Fátima.

Seguem depoimentos de Fátima e Rafael.

Fátima: “Charles é uma pessoa que topa, enfrenta tudo. Pela família: Vanessa, Rafael e eu, ele faz qualquer coisa. É o paizão mesmo... em tudo”.
Rafael: “Charles era meu amigo de teatro, o iluminador da peça. Eu saí da peça, minha mãe ficou, eles ficaram. Aí acabaram ficando. Ele ficou aqui e vai ficar prá sempre”.

Em seguida, a edição reforça o comportamento estourado de Fátima. Depreende-se do contexto do enunciado que Fátima está insatisfeita com alguma atitude de Charles e lhe apresenta as possíveis conseqüências da sua insatisfação. O diálogo que sugere que se ele não se comportar da forma esperada, Fátima o porá para fora de casa e o impedirá de entrar.

Fátima falando com Charles: “Eu já falei pra você que eu choro uma noite”.
Charles alcançando a xícara em que bebia: “Hum...”.

Fátima: “Aí eu ponho a malinha pro lado de fora do portão e chamo o chaveiro e troco a fechadura e resolvo tudo”.

Outros depoimentos esclarecem a personalidade dos membros da família Tomaz e suas crenças e valores.

Charles: “Como dona de casa ela é meio... (inaudível). No sentido de tentar deixar as coisas organizadas”.

Fátima falando com a cachorra: “Vamos lá limpar esta sujeira bebê?”.

Charles: “Por conta de a gente fazer muita coisa, não dá tempo de arrumar uma roupa. Ela não vê que o nosso estilo de vida provoca isto”.

Vanessa: “Aqui é uma disputa grande prá que... pra ver quem é mais preguiçoso”.

Fátima “Porque as crianças sempre... Eu vou ajudar. Mas, aí um vai pro ensaio, outro vai pra escola (com entonação de voz normal). Aí tem cinema, tem o shopping... (com voz alterada e com sarcasmo, como se imitasse os filhos) Todo mundo foge da faxina (voltando à entonação normal)”.

O programa mostra Fátima lavando louça, dobrando roupas, “serviços de casa”. Ela demonstra que está muito cansada e ao final suspira. Isso decorre da crença familiar de que a limpeza é um papel quase exclusivo da mãe.

Após algumas cenas da família Stier, as relações da família Tomaz entram em foco novamente. Ocorrem três seqüências, que são apresentadas em três momentos distintos, mas que têm a ver com o mesmo contexto: o problema das finanças da família.

Seqüência 1

Rafael: “O carro tem gasolina?”.

Fátima: “Hã..., Não!”

Fátima, possivelmente falando com Charles: “Pega R\$ 10,00, dá pra ele. Ele põe gasolina”.

Fátima, dirigindo-se novamente a Rafael e alcançando alguns papéis a ele: “Você vai resolver isso, quando você voltar, você pega o seu cavaco. Tá bom?”.

Seqüência 2

Fátima para Charles: “Rafa chegou!”.

Fátima para Rafael: “Resolveu?”.

Rafael: alcança as contas pagas para a mãe.

Fátima: “Tá, segunda, a gente recebendo, a gente já te devolve, tá?”

Seqüência 3

Fátima falando para Charles e Rafael: “Se a Eletropaulo vier... Vier! Está aqui” (guardando as contas que Rafael pagou na prateleira de livros da sala).

De volta aos depoimentos de Fátima, os seguintes enunciados demonstram a crise financeira por que passa a família Tomaz:

Fátima: “Nós estamos numa crise muito feia”

Fátima: “Paga duas contas e faz uma comprinha contadinha no supermercado. Tem que separar o dinheiro da gasolina, da condução, enfim. É bem segura mesmo. O

salário do Charles tá muito atrasado. São três meses atrasados. E o que a gente ganha aqui no atelier realmente é muito pouco. A situação financeira nos obriga a segurar ainda mais do que a gente gostaria...”.

A próxima cena mostra Fátima ao dividir um café da manhã em uma padaria com Charles, reforçando a crise financeira em que vivem. Ela depõe.

Fátima: “Dividir conta, hoje em dia, é normal, porque ninguém tem dinheiro para jogar fora”.

Ao falar da personalidade de sua filha mais nova, Fátima afirma:

Fátima: “A Vanessa é meiga, ela é amorosa. Quando tá num momento bom”.

Fátima e Vanessa (que arrumava a mesa onde a mãe estava pintando) interagem.

Fátima: “Você vai organizar minha mesa de trabalho?”.
Vanessa: “... (inaudível) sou eu!”.

Vanessa, então, expõe sua crença sobre o papel materno de Fátima, baseada na premissa de que ser controladora é uma característica que uma mãe detém.

Vanessa: “É mãe né, então sempre pega no pé”.

Nova interação reforça a autoridade que Fátima exerce sobre a filha Vanessa.

Fátima dirigindo-se a Vanessa: “Vai já pra cozinha”. (com o dedo indicando o caminho em tom de ordem).

Vanessa: “Deixa eu ver se chegou...” (querendo tomar o rumo da porta de entrada da casa).

Fátima: “Vai já prá cozinha. Pode fazer seu prato e comer” (ordenando, brava, apontando o caminho da cozinha).

Vanessa enfim obedece.

Fátima: “Depois você fica morrendo de dor de cabeça e sou eu que tenho de ir atrás de comprimido”.

Seguem-se depoimentos dos membros da família Tomaz.

Vanessa: “Se ela não mandar eu fazer as coisas, eu não faço. Eu acho que não tenho que fazer nada”.

Rafael: “Ficar uma semana sem minha mãe vai ser o Ó. Vai ser muito difícil, cara”.

Rafael: “Sentir saudade de vez em quando é bom. Principalmente quando a gente pode matar ela depois”.

Fátima, referindo-se a Rafael: “Ele é grandão, mas o coração dele é maior do que ele. Ele deixa de fazer as coisas pra ele porque se preocupa com os outros”.

Nas cenas seguintes, os Tomaz estão realizando uma reunião de amigos em sua casa. Fátima, de forma bastante informal, deixa claro que ela não estará servindo ninguém.

Fátima falando com o “povo”: “Acho que tem uma cervejinha perdida na geladeira... Vai lá... Pega, se vira!”.

Rafael, destacando características da personalidade de sua mãe, demonstra esperança em relação àquela que a virá substituir durante a troca de família.

Rafael: “Eu espero que a mãe que vir prá cá, que ela tenha paciência e um décimo da loucura que a minha mãe tem”.

Ainda na reunião de amigos em sua casa, um diálogo entre Fátima e Vanessa ilustra a irresponsabilidade de Vanessa, que, em vez de cuidar do alimento que estava preparando, ficou conversando na sala com os amigos. Aliás, é crença dentro da família Tomaz o fato de só fazer algo se for ordenado a isso.

Fátima: “Você tirou o frango, Vanessa?”.
Vanessa: “Não! Ai, o frango”.
Fátima: “Ai, meu Deus!”.

Resultado:

Fátima: “Torrou”.

Vanessa passa a expor seus receios em relação à mãe substituta.

Vanessa: “Eu já imaginei uma sargento de quartel. Acorda às 4, vai dormir às 8 horas”.

Charles, por seu turno, mostra-se dependente da presença de sua esposa.

Charles: “Viver sem a Fátima vai ser bem complicado”.

Nesse momento, Fátima convida o esposo a ir com ela ao quarto para preparar a mala para a troca no dia seguinte.

Novos depoimentos dos familiares de Fátima demonstram que pensar em viver sem ela, ainda que por poucos dias, é algo para o qual eles não estão preparados.

Rafael: “Não é fácil conviver comigo e com a minha irmã. Com o Charles é fácil porque ele sabe levar”.

Charles: “Ela do meu lado e ela pensando em outras coisas já me faz falta”.

Na manhã seguinte, é o dia da troca, e Fátima terá que embarcar rumo à Bahia. Assim, Charles a acorda bem cedo para que ela não se atrase.

Demonstrando preocupação em relação à personalidade da mãe substituta, Fátima depõe acerca do tipo de pessoa que sua família não toleraria. Este aspecto será especialmente interessante quando da inserção de Mariene Stier na família Tomaz. A primeira impressão que os membros da família Tomaz terão, e que dirigirá as interações comunicativas durante o convívio de Mariene com eles, baseia-se no fato de tê-la percebido como uma pessoa que se enquadrava perfeitamente nessa descrição de Fátima.

Fátima: “Minha família reagiria mal se a pessoa fosse vazia, meio dondoca, meio madame, assim. Como se fosse um nojo, aquela coisa de nariz empinado. Isso irrita a gente. Aí sim, o bicho ía pegar mesmo, né?”

Próximo da partida, Fátima demonstra insegurança com a experiência.

Fátima (para Charles): “Tô com medo!”.

Ela e Charles se abraçam e se beijam.

Como a dependência materna é parte das crenças dos Tomaz, Fátima teme não poder estar no controle do que ocorrerá com seus familiares, já que por uma semana não terá contato com eles.

Fátima: “Ficar sem controle. Não ter contato com eles é uma coisa que eu não sei como vais ser, porque eu não costumo fazer”.

3.3 INSERÇÃO DE MARIENE STIER NA FAMÍLIA TOMAZ

Nesta seção, serão analisados os eventos referentes à troca de mães. A análise enfatizará os eventos de inserção de Mariene na família Tomaz. Porém, à medida que se desenrolarem os acontecimentos, será considerada a inserção de Fátima na família Stier. Serão destacados apenas os eventos e situações comunicativas julgados mais importantes e que contribuem para o objetivos desta pesquisa.

Antes das mães conhecerem suas novas famílias, o programa apresenta as impressões de Mariene e Fátima dentro dos veículos que as estão conduzindo aos aeroportos.

Mariene: “Eu acho que uma despedida é assim, é muito difícil”.

Fátima: “Eu fico um pouco tensa com esta situação. Vai passar rápido. Vinte e quatro horas têm que virar vinte e quatro segundos”.

Ambas colocam suas dificuldades de se afastarem de suas famílias. Deve-se lembrar que Mariene Stier jamais saiu de perto de sua família. Ela crê que a mãe é personagem fundamental na família (a “rainha do lar”), responsável pela criação dos filhos (cuidados como alimentação, educação, etc.) e sempre presente. Fátima também sente, pois dentre suas crenças familiares, está o fato de a mãe ser o esteio da família, o membro de quem todos dependem. Aliás, os filhos definiram Fátima como altamente controladora, o que os torna dependentes dela.

Mariene e Fátima, então, embarcam rumo aos destinos determinados pelas trocas. A partir desse momento, o programa começa a mostrar as famílias que estão esperando pelas “suas novas mães” no aeroporto.

O primeiro evento a ser analisado é o desembarque no aeroporto de destino e a recepção que as novas famílias dão tanto à Fátima, quanto à Mariene. A edição do programa alterna cenas da chegada e recepção a Mariene e a Fátima. Para efeitos de descrição, apresentam-se as cenas separadamente.

Os Tomaz recebem Mariene (do aeroporto até a casa dos Tomaz)

Os Tomaz falam de sua primeira impressão sobre Mariene. Já se percebe, aqui, a rejeição de Rafael em relação à mãe substituta. Recorde-se que Fátima afirmou, antes da troca, que sua família não aceitaria a presença de uma pessoa “meio dondoca, meio madame,

assim. Como se fosse um nojo, aquela coisa de nariz empinado”. Isso irritaria sua família e o “o bicho” pegaria se ocorresse. Charles tentará conciliar os ânimos de Rafael e Mariene.

Rafael: “Achei... Achei que a Mariene é perua. Quando eu a vi chegando no aeroporto, assim. Pareceu meio dondoquinha, tal”.

O enunciado de Rafael pode ter derivado das seguintes suposições:

S1 – A mãe substituta está muito produzida (premissa implicada do *input* visual do vestuário e da aparência);

S2 – Mulheres muito produzidas são peruas (premissa implicada da memória enciclopédica);

S3 – Se S1 e S2 então S4;

S4 – A mãe substituta [Mariene] é perua (conclusão implicada).

Charles foi mais polido que Rafael e não estranhou a aparência de Mariene, pois esperava qualquer coisa. Ainda assim, não se mostrou animado com o estilo de Mariene.

Charles: “Mas como a gente tinha imaginado milhões de pessoas, né? De rostos diferentes. Eu quase pensei numa loira de cabeça morena e de cabelo ruivo (Charles faz cara de que não gostou)”.

No trânsito engarrafado de São Paulo, Rafael segue na direção, Mariene sentada ao seu lado e Charles no banco detrás. Mariene começa a falar sobre sua família.

Mariene: “Lourenço de 12 anos, Samira tem 7 anos e Melissa de 5. Bem sapecas”.

Mariene: “Que trânsito é esse, meu? Primeira vez que eu saio, vou deixar os meus filhos com uma mãe estranha”.

Mariene: “Eu nunca saí... prá deixar eles. Eu sempre tô com eles”.

Corta-se a cena e na volta Charles está respondendo a um questionamento de Mariene. Possivelmente, ela perguntou qual era a sua idade:

Charles: “Trinta”.

Mariene: “Ah, você tem trinta? E ela tem...?”.

Charles: “Quarenta e três”.

Charles recupera o referente da segunda pergunta de Mariene, percebendo que ela está se referindo a Fátima. Também, em vista do contexto da pergunta que antecedeu a resposta de Charles quanto à sua idade, este consegue inferir que Mariene está questionando acerca da idade de Fátima. Dedutivamente, Charles afirma que sua esposa tem 43 anos.

A família Tomaz apresenta sua casa a Mariene

Mariene, ao entrar no portão da frente da casa dos Tomaz, diz a Charles e Rafael:

Marine: “Casa de artista”.

Eles entram na casa, e Mariene conhece Vanessa. As duas apresentam-se e se cumprimentam socialmente:

Vanessa: “Tudo bem?”

Mariene: “Tudo ótimo”.

Vanessa: “Vanessa”. (trocam beijos)

Mariene: “Prazer”.

Para Costa (2005), cumprimentos e conversas de puro contato são constituídas de frases pré-prontas adequadas à situação, ou seja, adequadas às obrigações decorrentes da interatividade social. “A fala é puro ato comunicativo, e o reconhecimento recíproco, uma necessidade de convivência. [...] Mas a verdade é que tais atos comunicativos são altamente redundantes e pouco significativos, se é a informação ou conteúdo semântico o que está em jogo” (COSTA, 2005, p. 166). Novamente uma irrelevância da vida cotidiana que desafia a noção de custo/benefício informativo da TEORIA DA RELEVÂNCIA.

Segundo Rauen (inédito), enunciados fáticos, tais como os cumprimentos e conversas de puro contato, que se comportam

mais claramente como uma fórmula ritualística, podem ser analisados sob a perspectiva da variável de saturação. [...] Tal variável está associada à capacidade de um estímulo sucessivamente repetido sensibilizar o organismo, de modo que sua consideração ainda gere algum efeito cognitivo que compense o esforço cognitivo dispensado (p. 17).

Na perspectiva de Rauen, portanto, os enunciados fáticos

são enunciados que ultrapassaram o limiar de saturação, para além do qual não podem ser analisados sob o ponto de vista das proposições que veiculam, mas como pistas que desviam a atenção a outros elementos da interação e, entre outras funções, podem ser deflagradores de conversas relevantes (*idem*, p. 17).

O depoimento de Mariene sobre sua primeira impressão em relação à morada dos Tomaz revela que algo a impressionou de maneira negativa:

Mariene: “A primeira impressão é... Eu pensei logo se eu poderia ser artista, né? Prá morar aqui. (riso meio sem graça)”.

Charles continua a apresentar sua casa a Mariene:

Charles: “Este é um quadro meu e da Fátima. A casa foi a gente que pintou”.

Manifestando suposições factuais que permeiam sua visão sobre o que é ser artista, Mariene demonstra que esta não se coaduna com as suposições factuais dos Tomaz sobre esse assunto. Assim, começam a ser percebidas diferenças de crenças capazes de provocar conflitos na relação de Mariene com sua nova família. Veja-se:

Mariene: “Artista pra mim é outra coisa. Mas o que eu vi aqui, não faz parte de ser artista. Completamente diferente”.

A edição destaca um depoimento de Robert antes de a troca começar. Robert acreditava que a família Tomaz agradaria Mariene por ser de artistas. Tal predição de Robert baseava-se nas suposições que ele e Mariene possuem sobre o que é ser um artista.

Robert: “Ela vai se divertir. Mariene é bastante criativa também. Mariene gosta de arte”.

Charles continua a apresentar sua casa à Mariene, e ela começa a revelar sua personalidade forte e que sempre diz o que pensa. Os Tomaz não estão acostumados com isso.

Mariene: “É grande sua casa, mas eu acho que só tem... É mal dividida ela, não? É grande, mas, eu acho assim... Uma coisa em cima da outra. Muito corredor que você poderia aproveitar de outras formas também”.

Depoimento de Rafael em relação à sua “nova mãe” começa a desenhar o relacionamento conflituoso que existirá entre os dois durante todo o período da troca. Tal depoimento baseou-se profundamente nas crenças e valores distintos que ambos trazem do seio de suas famílias. Basicamente, houve um problema de visão de mundo, portanto, de suposições factuais derivadas de cada uma das famílias. De alguma maneira, entretanto, a suposição anterior que Rafael tinha sobre Mariene começou a enfraquecer e a se modificar.

Rafael: “Mudou um pouco a minha visão sobre ela, sim. Ainda acho que a Mariene é perua. Folgada (falando com desdém)”.

Rafael parte da premissa de que Mariene é perua e lhe concebe como folgada. Para ele, provavelmente, pessoas que costumam dar palpite na vida dos outros e se metem na vida alheia, possuem esta característica negativa. Fátima já havia previsto que uma pessoa com personalidade e crenças de perua e dondoca geraria conflito com sua família. Ambos partem de premissas distintas. Mariene apega-se às suas crenças sobre organização de um lar para criticar o modo de vida dos Tomaz. Rafael apega-se à crença de que Mariene é perua.

Para realçar que suposições factuais distintas provocam conflitos de relacionamento entre Mariene e os Tomaz, veja-se o seguinte depoimento:

Mariene: “Falta de organização. Não tem nenhuma”.

A crença de que um lar deve ser organizado e sem sujeira é uma suposição factual de Mariene e mutuamente manifesta aos membros da família Stier. Adiante, essa crença será fonte de conflito com a família Tomaz. A partir dessa constatação, aparecem os primeiros sinais de animosidade, principalmente de Rafael, que já teria armado o “campo de guerra” e a quem se poderia atribuir, a princípio, a característica de mimado por não estar disposto a aceitar a visão de mundo de Mariene.

Rafael: “Não vai ter prá ela não”.

Os editores notam que a falta de organização e a sujeira levarão a situações de conflito entre Mariene e os Tomaz. Assim, enquanto Mariene conhece a casa, a edição destaca a bagunça que existe nela: a cozinha está desarrumada, com todas as louças por lavar, os produtos da alimentação não estão guardados, a lavanderia e o quarto estão numa completa desorganização. Segundo Fátima, ninguém costuma ajudá-la na limpeza e, conforme Vanessa havia afirmado, ela só faz alguma coisa se a mãe mandar: caso contrário, ela não vê o porquê de fazê-lo. São crenças já destacadas como suposições factuais da família Tomaz.

Os Stier recebem Fátima (do aeroporto até a casa dos Stier)

A recepção a Fátima na Bahia foi mais cortês e gentil. Robert e seus filhos a aguardavam no aeroporto com um buquê de flores nas mãos. Ao vê-la chegando, Robert a diferencia de Mariene. O visual de Fátima lembra uma *hippie*, com seus longos cabelos vermelhos atados, suas batas coloridas e calça *jeans*. Nada nela lembra a maneira clássica de Mariene se vestir e de sua vaidade em relação à aparência.

Robert: “Virgem Maria! Será? É, com certeza é essa. E é mesmo. Eu sabia”.

Possivelmente informado pela produção de que a mãe substituta é uma artista, Robert acredita que o visual de Fátima se coaduna com as suposições factuais do que ele acredita ser uma artista. Ou seja, possivelmente alguém despreocupada com a opinião dos outros, com um modo alternativo de vida e um visual fora do tradicional. Assim, ao ver Fátima, ele logo apreende que ela é a mãe substituta.

Lourenço achou legal o visual de Fátima (os cabelos bem vermelhos). As meninas ficaram mais arredias e não quiseram cumprimentá-la com beijos.

Robert, então, entrega o buquê de flores à Fátima.

Robert: “Prá você!” (oferecendo o buquê de flores)

Fátima: “Ah, obrigada, muito gentil!” (pegando o buquê das mãos de Robert).

Fátima destaca a gentileza de Robert e afirma em depoimento:

Fátima: “Encontrar pessoas que eu nunca vi e receber flores foi um ato muito gentil. Provavelmente a mulher dele não receba flores”.

Fátima afirma isso, pois, baseada nas crenças de sua família, ela sabe que tal comportamento não fará parte dos valores que sua família preserva. Ela estava certa, pois a recepção à Mariene foi mais fria e sem gentilezas.

No caminho para a casa dos Stier, o carro de Robert estraga, e eles têm que chamar um mecânico. Enquanto aguardam o mecânico, ocorre um fato que vai se repetir durante toda a estada de Fátima na Bahia e vai sugerir que os valores dela não se coadunam com os da família Stier: Fátima perde a filha menor dos Stier, Melissa.

Fátima perde a filha menor dos Stier e desesperada pergunta às outras crianças onde ela está.

Fátima: “Cadê a Melissa? Onde tá a Melissa?”.

Fátima: “Primeiro dia, perder logo a filha menor... Vai ser drama..., né?”.

Mas em seguida, com o olhar, ela localiza a menina e expressa alívio.

Fátima vem de uma família em que os filhos já são bastante independentes. Sua filha menor tem 16 anos, seu filho mais velho já passou dos 21. Ela não está acostumada a ter de prestar atenção aos passos e atividades de seus filhos e repetirá este comportamento na casa dos Stier, em relação aos filhos de Mariene e Robert. Isto ocorre, porque a crença de um

cuidado e vigilância constantes em relação aos filhos não faz mais parte do lar dos Tomaz, tendo em vista a idade de Rafael e Vanessa.

A família Stier apresenta sua casa a Fátima

Fátima verifica que a casa dos Stier é grande e confortável, com peças amplas: portanto, diferente de sua casa em São Paulo. Apesar de ter inúmeras peças, sua casa possui cômodos pequenos. Ela compara o quintal ao redor da casa dos Stier com o corredor que ela chama de quintal em sua casa.

Fátima sente que as crianças, num primeiro momento, estranharam a sua presença, mas que aos poucos estão se tornando mais receptivas. O almoço foi servido a toda a família, que costuma fazer suas refeições na varanda da casa. Isto contrasta com os hábitos da família Tomaz, posto que os Stier concebem a hora da refeição como um momento em que toda a família deve estar reunida. Mariene não vivenciará isso em São Paulo.

Inserção de Mariene Stier na família Tomaz

Já na primeira noite na casa dos Tomaz, Mariene começa a sentir a diferença de crenças e valores. Assim, enquanto prepara sua refeição sozinha, ela começa a depor sobre a situação que está vivendo naquele momento.

Mariene: “Eu ainda não comi o dia inteiro. Só que agora bateu a fome de verdade”. Ela continua a falar enquanto **senta para jantar sozinha**: “Um pouco esquisito você chegar numa casa e... Já é diferente da sua, entendeu? Você não come o dia inteiro e ainda falta energia. Eu tenho certeza que ela chegou na minha casa, ela encontrou tudo. Meu marido na mesa, meus filhos esperando ela, com almoço pronto. Eu cheguei aqui, ainda tive que fazer o meu almoço e ainda comer no escuro e sozinha. Nunca fui tratada assim, entendeu? Nem quando vivi fora do país me receberam dessa forma”.

Mais tarde, os membros da família Tomaz começam a voltar para casa, e Mariene passa a conversar com Vanessa sobre o fato de ter jantado sozinha, coisa que havia estranhado muitíssimo. Outras crenças de Mariene, principalmente as relativas à limpeza e organização de um lar, também aparecem no diálogo.

Vanessa: “Não é. É que a gente tá acostumado diferente”.

Mariene: “O que você vai passar para a sua família, **no futuro**?”.

Vanessa mostra estranheza à pergunta, erguendo os ombros e franzindo a testa.

Mariene continua enquanto Vanessa apenas se mantém calada e com um leve sorriso no rosto: “Pelo que eu tô vendo, não vai passar muita coisa não, Oh. Esses tapetes aí tão tudo cheio de cabelo de gato. Não que eu seja,... que eu tenha nada contra os gatos não. Desde quando você cuide dele, limpe ele, dá banho no gato. O gato toma banho?”

Vanessa estranha o questionamento de Mariene. Dentre as suposições factuais que são mutuamente manifestas aos membros da família Tomaz, não há nada de errado em fazer as refeições em horários distintos, mesmo porque os homens da casa trabalham fora e não têm horários que viabilizem a prática de todos estarem reunidos na hora das refeições. Aliás, isto deriva do próprio ritmo de São Paulo, que é muito mais agitado do que o ritmo de uma praia no nordeste: fatores culturais interferem nas representações dos indivíduos.

Além disso, os Tomaz demonstram preocupar-se em viver cada dia, sem traçar muitos planos para o futuro. Por isso, o questionamento de Mariene sobre o que Vanessa passará mais à frente para sua futura família soa estranho para a caçula dos Tomaz.

Vanessa mantém-se calada diante do segundo enunciado de Mariene, posto que ela questiona, novamente, suposições factuais da família Tomaz: o fato de os gatos viverem dentro de casa. Mariene parte da premissa de que um lar deve ser limpo e organizado e questiona Vanessa se os animais são limpos e bem cuidados para estarem dentro de casa. Na realidade Vanessa está perplexa com os questionamentos de Mariene, pois o que ocorre é um conflito de crenças e valores familiares. As suposições factuais, as visões de mundo de Mariene são distintas daquelas mutuamente manifestas aos membros da família Tomaz.

A edição interrompe o diálogo com um depoimento de Mariene.

Mariene: “As pessoas têm costumes diferentes, mas, assim, sujeira...” (com cara de quem está com nojo).

Continuando a falar com Vanessa, Mariene afirma:

Mariene: “Aquela cozinha ali tá cheia de bactéria. Tá assim, Oh” (passando os dedos na estante e mostrando a poeira a Vanessa). “Isso que vocês querem trocar de experiência? Se você fala que todos fazem. Fazem sim, sujar. Porque limpar aqui, pelo amor de Deus. Eu tava segurando até agora”.

Vanessa verifica que não terá um convívio tranquilo com Mariene, já que ela não está gostando da maneira como os Tomaz vivem. Vanessa afirma em depoimento:

Vanessa mostrando-se frustrada: “Eu acho que eu queria pular um pouquinho dessas férias. Interessante”.

Mariene demonstra que não gostou da atitude de Vanessa tê-la deixada sozinha, no momento em que criticava os hábitos familiares dos Tomaz. Assim, numa conversa com um amigo dos Tomaz, que estava de visita na casa, ela diz:

Mariene: “Vanessa me largou, me abandonou. Ela não me aceitou”.

O que contrariou Vanessa foi o questionamento das suposições factuais que sua família defende. Assim, subindo as escadas rumo a seu quarto, ela demonstrará sua insatisfação mediante um enunciado revelador.

Vanessa: “Galera, eu vou dormir, que a minha quota por hoje já deu”.
Trancando a porta do quarto logo após.

Aos presentes na casa, é recuperável o referente de ‘galera’, eles próprios. Diante das impressões que os Tomaz tiveram de Mariene, eles conseguem compreender que a cota de que Vanessa fala é a de sua paciência, ou seja, tal cota se esgotou (“por hoje já deu”).

Charles para Mariene: “Vocês já jantaram?”
Mariene: “Eu jantei. Só eu, sozinha”.

Charles e Mariene falam sobre isso à mesa:

Mariene: “Eu tô chegando. Você sabe por que eu cheguei na sua casa? Prá gente trocar experiência. Eu falei: Mas quem arruma a casa? Todo mundo junto, faz um pouco dali, outro faz de cá. Aí ela oh, me deu as costas, foi embora e eu...”

Mariene parte da suposição de que sua participação no programa *Troca de família* pressupõe a troca de experiências, ou seja, o compartilhamento de diferentes visões de mundo. Percebe-se que ela pretendia alargar seu ambiente cognitivo com a família Tomaz, buscando tornar mutuamente manifestas aos Tomaz suas suposições factuais, ou seja, as representações de mundo que ela tem como verdadeiras. A reação de Vanessa, no entanto, demonstra que tornar mutuamente manifestas tais suposições factuais será algo muito difícil devido às fronteiras que as crenças e valores que derivam de diferentes padrões culturais de cada uma das famílias imporá.

Rafael ouve a conversa de Charles e Mariene, quando Charles depõe.

Charles: “Aconteceu mais rápido do que eu imaginava. Eu não devia ter me espantado com isso. Misturar pessoas que nunca se viram e, de repente, querer que óleo e água se misture, é bem complicado”.

Charles, com a metáfora que usa, ‘querer que óleo e água se misture’, sugere que as suposições factuais distintas podem afetar o relacionamento. Ele nota que existe uma barreira de difícil transposição. Charles sugere apreender a existência de uma fronteira familiar com base nas crenças e valores distintos dos Stier e dos Tomaz, ou, conforme a TEORIA DA RELEVÂNCIA, nas suposições factuais distintas e na dificuldade de alargamento do ambiente cognitivo mútuo.

A discussão entre Mariene e Rafael

A discussão entre Mariene e Rafael é central para os argumentos que se que defender nessa dissertação.

Veja-se o diálogo:

Mariene: “Aonde vocês faz faxina?”.

Rafael: “Na casa inteira”.

Mariene: “Eu não vejo”.

[corte de edição]

Mariene: “Eu faço, sim. Justamente é por aí”.

Rafael: “Eu te respeito. Vou deixar você falando, certo?”.

Mariene: “Oh, quando alguém...”.

Rafael: “Eu tava falando e você tá falando por cima”.

Mariene: “Exatamente. Porque você tá muito mal acostumado, isso sim”.

Rafael, furioso: “Eu sou muito bem educado”.

Charles: “Rafael, Rafael?”.

Mariene: “Não, acostumado. É outra coisa”.

Charles para Mariene: “Calma aí, só um pouco” (colocando sua mão sobre a de Mariene).

Rafael, ainda bravo: “Eu sou muito bem educado”.

[corte de edição]

Rafael: “Cê acha que tá suja?”

Mariene: “Não tá suja?”

Rafael: “Eu perguntei. Só responde”.

Mariene: “Eu acho”.

Rafael: “Acha? Limpa!” (saindo pelo corredor que se dirige à sala).

Retomem-se os três primeiros turnos.¹²

Mariene: “Aonde vocês faz faxina?”.

¹² Os três níveis representacionais serão explicitados na análise do primeiro diálogo. As demais trocas serão analisadas de forma mais discursiva.

Rafael: “Na casa inteira”.

Mariene: “Eu não vejo”.

Mariene questiona em que local os Tomaz fazem faxina. Rafael, responde:

Estrutura lingüística do enunciado: Na casa inteira.

Forma lógica: [fazer] x, y em z lugar.

Forma lógica: $\emptyset_x \emptyset$ [fazer] \emptyset_y na casa inteira $_z$.

Explicatura: \emptyset [Nós] $_x \emptyset$ [fazer] \emptyset [faxina] $_y$ na casa inteira $_z$.

A explicatura da resposta de Rafael funciona como premissa implicada, cuja implicatura ou conclusão implicada será expressa lingüisticamente por Mariene.

S1 – A casa não está limpa (premissa implicada do *input* visual);

S2 – Os Tomaz fazem faxina na casa inteira (premissa implicada do *input* lingüístico);

S3 – Se S1 e S2, então S4;

S4 – Mariene não vê os Tomaz fazerem faxina na casa inteira (conclusão implicada).

Estrutura lingüística do enunciado: Eu não vejo!

Forma lógica: \sim [ver] x, y ([fazer] x, y em z lugar).

Forma lógica: Eu_x não ver ($\emptyset_x \emptyset$ [fazer] \emptyset_y na casa inteira $_z$) $_y$.

Explicatura: Eu [Mariene] $_x$ não vejo (\emptyset [Tomaz] $_x \emptyset$ [fazer] \emptyset [faxina] $_y \emptyset$ [na casa inteira] $_z$) $_y$.

Na seqüência, há um corte de edição, Mariene infere que Rafael a vê de uma maneira que não corresponde à realidade: como alguém que não costuma limpar uma casa. Possivelmente, apreende que ele a está comparando com uma dondoca. Ela complementa a fala anterior, que se repete aqui.

Mariene: “Eu não vejo”.

[Corte de edição]

Mariene: “Eu faço, sim. Justamente é por aí”.

Supostamente, a atitude não-verbal de Rafael pretende sugerir que Mariene está falando sem conhecimento de causa. Ele fundamenta-se na premissa, desde o primeiro momento em que a viu, de que Mariene é uma perua, uma dondoca, uma folgada.

Rafael partiu, possivelmente, da seguinte cadeia inferencial:

S1 – Mariene é dondoca;

S2 – Se S1, então S3;

S3 – Mariene não faz faxina;

S4 – Se S3 então S5;

S5 – Mariene não tem direito de cobrar faxina.

Assim ao afirmar que “eu faço, sim. Justamente é por aí”, possivelmente Mariene parte da seguinte cadeia inferencial.

- S1 – Mariene não é dondoca;
- S2 – Se S1, então S3;
- S3 – Mariene faz faxina;
- S4 – Se S3 então S5;
- S5 – Justamente por aí, Mariene tem direito de cobrar faxina.

A discussão prossegue:

- Rafael: “Eu te respeito. Vou deixar você falando, certo?”.
- Mariene: “Oh, quando alguém...”.

Neste momento, Rafael percebe que ele e Mariene não conseguem chegar até o fim dos seus pensamentos, pois um está interrompendo a fala do outro. Ele afirma a Mariene que a respeita e que a deixará falar. Todavia, a fala de Mariene sobre o fato de estarem falando ao mesmo tempo o interrompe.

Rafael provavelmente parte das seguintes suposições:

- S1 – Mariene é mais velha;
- S2 – Pessoas mais velhas merecem respeito;
- S3 – Se S1 e S2 então S4;
- S4 – Rafael respeita Mariene.

Partindo dessa premissa, Rafael diz que a deixará falar:

- S1 – Mariene está interrompendo minha fala;
- S2 – Não se pode dialogar com dois falando ao mesmo tempo;
- S3 – Se S1 e S2 então S4;
- S4 – Rafael deixará Mariene falar.

Mariene interrompe Rafael, com um enunciado inacabado, mas que pode ser explicitado da seguinte forma:

- Estrutura lingüística: Quando alguém.
- Forma lógica: falar x \rightarrow ~ dever ser interrompido x, por y.
- Explicatura: quando alguém [Mariene]_x \emptyset falar \emptyset [então] \emptyset [Mariene]_x \emptyset [não] \emptyset [dever ser interrompida] [por Rafael]_y.

Tal enunciado decorre possivelmente das seguintes suposições de Mariene:

- S1 – Falantes não devem ser interrompidos;
- S2 – Mariene está falando;
- S3 – Se S1 e S2 então S4;
- S4 – Mariene não deve ser interrompida por Rafael.

Segue a discussão:

- Rafael: “Eu tava falando e você tá falando por cima”.
- Mariene: “Exatamente. Porque você tá muito mal acostumado, isso sim”.
- Rafael, furioso: “Eu sou muito bem educado”.
- Charles: “Rafael, Rafael?”.
- Mariene: “Não, acostumado. É outra coisa”.
- Charles para Mariene: “Calma aí, só um pouco” (colocando sua mão sobre a de Mariene).
- Rafael, ainda bravo: “Eu sou muito bem educado”.

Mariene havia cobrado postura de Rafael, no sentido de que este não falasse ao mesmo tempo que ela: “oh, quando alguém...”. Em função disso, Rafael diz a Mariene que era ele quem estava falando e que ela estava falando por cima. Mariene, então, sugere a Rafael que ele está mal acostumado, ou seja, sugere que ele seja mimado. Rafael não compreende a fala de Mariene dessa forma e a interpreta como um questionamento sobre sua educação. Rafael parte das seguintes suposições:

- S1 – Mal educado é quem interrompe a fala do outro;
- S2 – Mariene afirma que Rafael é mal educado;
- S3 – Rafael estava falando;
- S4 – Mariene estava interrompendo a fala de Rafael;
- S5 – Se S3 e S4 então S6;
- S6 – Mariene é mal-educada.

Desse modo, Rafael procura enfraquecer a suposição de Mariene de que ele não seja educado, defendendo que é ela quem não tem educação por estar interrompendo sua fala.

Charles tenta intervir, sem sucesso, para acalmar os ânimos: “Rafael, Rafael!”. Mariene infere que Rafael não interpretou seu enunciado da forma adequada. Possivelmente suas suposições são as seguintes:

- S1 – Mariene falou acostumado;
- S2 – Rafael está furioso porque entendeu educado;
- S3 – Se S1 e S2 então S4;
- S4 – Rafael não deve ficar furioso, pois Mariene falou acostumado e não educado.

Charles novamente tenta intervir, sem sucesso, para acalmar os ânimos, pois possivelmente detecta que está havendo um mal entendido: “Calma aí, só um pouco”

(segurando a mão de Mariene). Mas Rafael continua interpretando o enunciado de Mariene da mesma forma e retruca novamente que: “Eu sou muito bem educado”.

Seguem-se novas discussões.

Rafael: “Cê acha que tá suja?”.

Mariene: “Não tá suja?”.

Rafael: “Eu perguntei. Só responde”.

Mariene: “Eu acho”.

Rafael: “Acha? Limpa!” (saindo pelo corredor que se dirige à sala).

Rafael retoma a questão da limpeza da casa, com um ar desafiador. Ele parte da premissa de que Mariene o havia questionado sobre a limpeza da casa, deixando claro que não acreditava que tal limpeza era feita pelos Tomaz. Rafael parte das seguintes suposições:

S1 – Mariene não acredita que os Tomaz façam faxina na casa;

S2 – Se S1 então S3;

S3 – Mariene acha que a casa está suja.

Rafael quer apenas uma confirmação de que Mariene detém essa crença como uma suposição factual, ou seja, como algo verdadeiro. Mariene, em vez de responder à pergunta de Rafael, retruca com outra pergunta: “Não tá suja?”. Querendo fazer com que Rafael admita a sujeira da casa, Mariene possivelmente partiu das seguintes suposições:

S1 – A casa está suja (do *input* visual);

S2 – Rafael deve enxergar esta sujeira;

S3 – Se S1 e S2 então S4;

S4 – Rafael deve admitir que a casa está suja.

Rafael afirma que fez um questionamento, esperando uma resposta positiva ou negativa de Mariene. Rafael está perguntando *Qu-P*, onde *Qu-P* é uma pergunta indireta (“Cê acha que tá suja?”). Perguntas retóricas, tais como a feita por Rafael, são “formas preparadas como deixas para a recuperação de informações que a pessoa falante considera relevantes para o ouvinte” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 370), uma forma de recordar alguém de algo. Ao interpretar *P* da maneira esperada por Rafael, Mariene totalizará a forma lógica proposicional pretendida por ele.

Assim, os indicadores da força ilocutória, tais como o modo declarativo ou imperativo ou da ordem interrogativa das palavras, têm simplesmente de tornar manifesta uma propriedade um tanto abstracta da intenção informativa da pessoa falante: a direção em que deverá ser procurada a relevância da elocução (SPERBER; WILSON, 2001, p. 372).

Diante do tom desafiador de Rafael, Mariene afirma, a partir do *input* visual, que efetivamente ela acha a casa suja, o que é contestado por Rafael. Uma vez que está irritado, Rafael sugere que Mariene limpe a casa.

Rafael parte das seguintes suposições:

- S1 – Para Rafael a casa está limpa;
- S2 – Para Mariene a casa está suja;
- S3 – Se S2 então S4;
- S4 – Mariene deve limpá-la.

Para Mariene, limpeza e organização são essenciais em um lar, como se pode verificar. Veja-se seu depoimento.

Mariene: “Se você entra dentro de casa, cansado de um dia de trabalho dentro de uma casa dessas. Eu não teria vontade de voltar prá casa não. Eu preferia dormir no banco da praça” (chorando).

Rafael volta para a cozinha e novamente conversa com Mariene.

Rafael: “Uma suposição. Mesmo se você dissesse que eu sou obrigado. Eu toparia”.
 Mariene: “Olha Rafa, Eu acho melhor você ir dormir, viu Rafa. Depois é melhor, a gente conversa amanhã, realmente.
 Rafael: “Chega na minha casa e me manda eu dormir, cara...” (acenando negativamente com a cabeça).

Nessa interação, Mariene sugere lidar com Rafael como quem lida com seus filhos menores. Ela manda Rafael dormir, como ordenasse a um de seus filhos. Obviamente, Rafael, homem com mais de 21 anos, não suporta o tratamento que Mariene está lhe dispensando nesse momento. Possivelmente, ainda baseado na premissa de que Mariene é folgada, Rafael reclama e acena negativamente com a cabeça.

Charles em depoimento, avalia os acontecimentos.

Charles: “Foi um completo desastre. Exagerado”.

Mariene, muito magoada e furiosa, continua a conversar com Charles na cozinha.

Mariene: “E você viu que me chamou de puta” (apontando para a direção que Rafael tomou). “Fala prá ele: ninguém me chama de puta” (com o dedo em riste e querendo chorar).
 Charles, com a cabeça baixa: “Tá!”
 Mariene: “Não sabe, eu ensino assim (batendo com as duas mãos), em dois tempos”.
 Charles: “Tá!” (ainda com a cabeça baixa e acenando positivamente).

Seguem-se depoimentos que demonstram as expectativas antes da troca e a realidade do momento que Mariene e Rafael estão vivendo.

Mariene: “Este tipo de casa era o meu pior pesadelo. Sabia que ía incomodar muito se eu chegasse numa casa e fosse igual a essa”.

Depoimento de Robert: “Prá ela vai ser uma experiência muito boa com dois filhos adolescentes”.

Rafael depõe: “Prá ela vai ser bem difícil esta semana, não só difícil, bem difícil” (com cara de quem fica satisfeito ao dizer isso).

Robert: “E com certeza vai ser um bom convívio”.

Enquanto isso, na Bahia, Fátima em depoimento aponta as diferenças entre a sua família e a dos Stier.

Fátima: “Por mais que tenha briga, que tenha bronca, tenha desavença, isto é o calor da família. Não sinto isto aqui”.

Fátima não convive bem com regras. Ela acredita que os Stier têm um modo de vida muito regrado e, em suas inferências, ela interpreta isso como falta de calor humano, de apego familiar. Para ela, os Stier não possuem uma família no sentido que os Tomaz valorizam.

Neste ínterim, o programa anuncia às participantes que, em relação ao prêmio de vinte e cinco mil reais a que terá direito cada família participante, quem definirá em que será gasto o dinheiro na família Stier, será Fátima; em relação aos Tomaz, será Mariene. Essa informação não será repassada aos demais membros de cada uma das famílias.

Segue-se a reação das mães à notícia de que elas terão a incumbência de decidir como as novas famílias irão gastar o dinheiro do prêmio. Fátima dirigindo-se a alguém da produção que lhe comunicou o fato.

Fátima: “É uma responsabilidade muito grande. Porque se você errar a tacada, tudo isso foi em vão”.

Fátima, demonstrando muito nervosismo continua: “É pesado. Você espantou o meu sono”.

Mariene: “Eu já começava pela cozinha”.

“Como ela saiu dia a dia com as crianças, ela vai ver o carro, entendeu? Ela vai ter que dirigir.”

As duas mostram-se preocupadas.

Segundo programa

O segundo programa traz novas interações que demonstram que a dificuldade de relacionamento Mariene e Tomaz decorre das crenças e valores distintos que possuem.

Mariene: “Vanessa, vem cá, por favor amor?”.
 Vanessa atende o chamado.
 Mariene mostra novas fezes do gato no chão da cozinha: “Oh!”.
 Vanessa pega um papel e limpa.
 Mariene falando sobre o gato que está rondando na cozinha: “Se ele não comeu de manhã deve estar com fome”.

O convívio de animais dentro de casa contraria a concepção de lar de Mariene. Ainda mais quando o gato faz suas fezes no chão da cozinha. O fato de Mariene questionar sobre se o gato já havia comido despertará em Vanessa a necessidade de conferir se o pratinho dos animais que fica ao lado da geladeira permanece no mesmo local. Vanessa então questiona se Mariene mexeu no alimento dos gatos, pois não se encontra no lugar reservado para este fim. Veja o diálogo abaixo.

Mariene: “Fala que ama o bichinho, aí dorme até meio-dia. O bichinho ainda não comeu”.
 Vanessa: “Mariene é você que tem tirado a comida dos gatos daqui” (apontando para o local em que a comida dos gatos costuma ficar à disposição todo o dia)
 Mariene: “É, eu tirei hoje de manhã”.

Mariene comenta que além de tirar o alimento, ela ainda criticou a atitude de alimentar os gatos dentro de casa.

Mariene: “Também comentei que... que ficá botando comida pro gato dentro da cozinha não é necessário. Não precisa disso”.

A discussão entre Mariene e Charles

Mariene, em conversa com Charles, questiona se é necessário alimentar os gatos dentro de casa. Charles retruca, pois aquele é o seu lar e seus animais e que ele pode agir da maneira que entender melhor.

Mariene: “Precisa dá comida dentro de casa?”.
 Charles: “Precisa estar no lugar que eu escolhi prá o gato comê. Concorda? É meu gato, minha casa e eu ponho onde eu quiser”.

Mariene parte da premissa de que animais não devem estar dentro de casa. Logo, não se deve alimentá-los no interior da casa. Charles, entendendo que Mariene está intrometendo-se em seara que não lhe cabe, destaca que a casa e os gatos são dele e a ele compete escolher o local onde irá alimentá-los. Ele parte das seguintes suposições: a casa é dele, os gatos são deles, Mariene apenas está inserida no lar dos Tomaz temporariamente. A conclusão implicada é a de que os gatos podem ser alimentados onde ele bem entender.

Enquanto a discussão entre Charles e Mariene continua na cozinha, Rafael fala com amigos na sala:

Rafael: “Tá querendo arrumar uma treta. Ela tá querendo pilhá uma pessoa que não sabe o que é isso”.

Rafael mostra a mão trêmula aos amigos, pois está nervoso com a discussão de Mariene e Charles.

A amiga diz: “Nós temos cinco dedos na mão e os cinco são diferentes”.

Amigo: “Mas eu só mostro um neste tipo de situação”

Amiga: “Isso. Eu também”.

Para Rafael, Mariene quer arrumar problemas com Charles. Segundo ele, Charles não está acostumado a discutir com ninguém, pois é uma pessoa pacífica. Rafael começa a mostrar-se nervoso. Isso o levará a uma crise que será temporizada por Charles e Vanessa.

Enquanto isso, o programa mostra um depoimento de Mariene, que ressalta sua tendência em sempre dizer o que pensa, doa a quem doer.

Mariene: “Problema deles. O interesse em gatos... Eu falo o que penso. Tô pouco me lixando que alguém tá gostando ou não”.

O diálogo na cozinha continua:

Mariene: “Não gostar de limpeza? Prá gostar de sujeira?”

Charles: “É uma opção, Mariene”.

Mariene: “De ficar no cocô do gato, cheirando?”

Charles: “É uma opção”.

Mariene: “Deus é mais”.

Charles: “Se você quer falar que você acha que a gente é porco, que acha que isso e aquilo, é problema seu, não meu”.

Mariene: “Isso aqui, prá falar a verdade, realmente é bicho que dói.”

Charles: “Olha aqui, eu acho isso e pronto”.

Mariene parte da premissa de que Charles lhe afirmou que ele tem os gatos onde ele bem entender, inclusive dentro de casa para afirmar que Charles gosta de sujeira. Ela partiu, possivelmente, das seguintes suposições:

- S1: Charles afirma que os gatos ficam onde ele bem entender.
 S2: Os gatos estão na cozinha.
 S3: Os gatos fazem fezes e se alimentam na cozinha.
 S4: Os gatos fazerem fezes na cozinha implica em não haver limpeza
 S5: Não haver limpeza, implica que existe sujeira na cozinha.
 S6: Se S1 a S5 então S7.
 S7: Charles gosta de sujeira na cozinha.

Diante do enunciado de Mariene, Charles a nível de explicatura responde:

Charles: Ø [ter os gatos dentro de casa fazendo suas fezes] é uma opção, Mariene.

Ao que Mariene retruca, afirmando

Mariene: Ø [é uma opção] de ficar no cocô do gato, cheirando Ø [o cocô]?

Charles volta a responder:

Charles: Ø [ficar no cocô do gato] é uma opção.

Apavorada Mariene diz: “Deus é mais” e Charles, então responde:

Charles: Se você [Mariene] quer falar que você [Mariene] acha que a gente [Os Tomaz] é porco [não gosta de limpeza, mas sim de sujeira], que acha que isso e aquilo [que não gosta de limpeza, mas sim de sujeira], é problema seu [Mariene], não meu [Charles].

Mariene afirma:

Mariene: Isso aqui [a situação de tantos animais dentro de casa], prá falar a verdade, realmente é bicho que dói [em excesso].

Para encerrar a discussão Charles diz:

Charles: Olha aqui [Mariene], eu [Charles] acho isso [que é uma opção] e pronto.

Seguem-se depoimentos sobre o ocorrido.

Mariene: “O gato pode fazer cocô dentro do seu prato e você chuta prá o lado e come o resto?”

Rafael, referindo-se a Mariene: “Uma pessoa extremamente preconceituosa com idéias vivas, idéias diferentes da dela”.

Mariene: “É todo mundo farinha do mesmo saco. Todo mundo vê igual. E se alguém vê diferente nós apóia aquele outro justamente prá não falar a verdade, prá não machucar”.

Este último depoimento de Mariene refere-se ao fato de Charles e Vanessa terem prestado socorro a Rafael, que estava passando mal por conta do episódio da briga entre Charles e Mariene. Ela parte da suposição de que eles se apóiam mutuamente contra ela por ter crenças e valores diferentes, daí a afirmação de que são todos “farinha do mesmo saco”. Mariene parte da premissa de que Rafael, em realidade, seja mimado.

Ainda um outro momento em que o universo de crenças e valores familiares dos Tomaz transparece na seguinte situação comunicativa:

Mariene para Charles: “Procurei tomate e não tinha”.
 Charles, examinando a geladeira: “Ah, tá, então não há. Pode ver aí, tá...”.
 Mariene: “Por favor, aproveita pega uma água sanitária”.

Mariene, preocupada com a refeição, começa a examinar a geladeira e não encontra um item que ela necessitaria. Charles verifica que realmente não há mais tomate. Porém, Mariene vai além e comunica Charles que também a água sanitária tem que ser buscada, sugerindo a ele que a compre também.

Já na sala a conversa que começou na cozinha continua:

Charles: “Você não tá entendendo. Eu quero ficá aqui. De todo jeito o Rafael falou assim: ‘Vem jogar videogame comigo’. Então vou prá ficar, jogar um pouco”.
 Mariene: “Porque a máquina lava sozinha. Ela não precisa de você né?”.
 Charles: “Tudo bem, mas ela vai precisar que eu compre o sabão, não vai?”.
 Mariene: “Exatamente, porque to vendo que não tem sabão lá”.
 Charles: “Só que...”.

É que Mariene quer adiantar o trabalho, colocando a máquina de lavar roupa para funcionar, porém Charles afirma que ela não o está compreendendo. Charles parte da premissa de que se seu enteado convidou-o para jogar videogame, e a roupa pode esperar para ser lavada. Em outros termos, ele não comprará os produtos que faltam naquele momento, pois aproveitará um momento de lazer com seu enteado. Recorde-se que dentre as suposições factuais dos Tomaz, os momentos de lazer devem existir em família, ainda que atrasando alguma outra tarefa que seja mais útil no momento. Claro que, diante das crenças de Mariene, a organização e a limpeza vêm em primeiro lugar em um lar.

Charles começa a explicar a Rafael o que está acontecendo: “Ela vai por a roupa, só que não tem o sabão. Só que eu não vou sair agora, porque eu já falei que ía jogar”.

Ao mesmo tempo, Mariene fala com Vanessa, que também está na sala: “Não porque eu queria adiantar ali as roupas. Eu tenho uma idéia assim: a máquina vai lavando enquanto tá assistindo televisão”.

Charles, voltando a conversar com Mariene: “Quando eu falo prá eles que eu vou fazer alguma coisa, eu não mudei de idéia”.

Para Charles, o convite que Rafael lhe fez é mais importante do que qualquer tarefa que Mariene queira lhe colocar no momento. Charles afirma que toda vez que afirma aos seus enteados que vai fazer alguma coisa ele a faz. Ou melhor, ele deixa claro a Mariene que os valores que ela cultua diferem em muito dos que a família Tomaz preza.

Rafael comentando o acontecido: “A experiência acaba em sete dias, mas as coisas boas vão prá vida toda.” E continua: “E o meu pai, o Charles. Eu já o admirava antes, hoje eu admiro um zilhão de vezes mais”.

A situação de Fátima nos Stier

Enquanto isso, na casa dos Stier, Fátima também enfrenta problemas de relacionamento com os familiares de Mariene em função das crenças e valores distintos das duas famílias. Fátima tem um grande problema de adaptação a horários e regras, o que contraria o jeito germânico de ser dos Stier. Ela nunca acorda na hora adequada e nem consegue dar conta das atribuições que Robert lhe passa. Note que isto tem origem nas crenças e valores dos Tomaz, que não se pautam por horários fixos ou regras no seu dia-a-dia.

O comportamento de Fátima sugere que ela tem fobia de Robert. Ela fica nervosa diante dele. Ela o considera severo e autoritário. Fátima também teve problemas com Melissa e Samira, que a todo minuto a desafiavam sua autoridade com birras.

Em algumas ocasiões, ela deixou claro que a situação na casa dos Stier era insuportável. Eles falam em alemão sem que ela compreenda, o que a deixa furiosa. Fátima não conseguiu substituir Mariene em suas tarefas diárias, sequer nos cuidados da pousada. Além disso, Fátima, por diversas vezes, “perdeu” os filhos dos Stier, ou seja, ela não parece demonstrar ter a habilidade necessária para cuidar de crianças pequenas.

Em outras palavras, assim como ocorreu com Mariene, Fátima não consegue adaptar-se à rotina de vida dos Stier, possivelmente decorrente de crenças e valores diversos. Como se vê, Fátima teve dificuldades tão grandes quanto as de Mariene em implementar um ambiente cognitivo mútuo com os membros da família em que foram colocadas.

3.4 EFEITOS DA TROCA NAS FAMÍLIAS

Ao encerrar-se a troca, as mães e suas respectivas famílias demonstram saudades e a ansiedade pelo reencontro. Porém, antes de as mães voltarem para casa, elas se encontram em um hotel para entregarem as cartas com a definição de onde seria gasto o prêmio e para falar da experiência que tiveram com a troca.

Fátima e Mariene estavam bastante apreensivas com o encontro. Depois de cumprimentos amistosos, elas falam da forma como foram recebidas. Fátima elogia a família e os amigos de Mariene quando diz:

Fátima: “Você tem filhos maravilhosos. Amigos divinos. Quanto à relação familiar, eu acho que tem que ter regra, mas eu também acho que não pode ser uma coisa de quartel E, às vezes, dava impressão que eu tava, assim, tal hora, tal hora, tal hora. E isso eu não consigo viver. Mas se você consegue, continue, seja feliz”.

Ao que Mariene responde:

Mariene: “Minhas crianças têm assim uns horários ainda, que eu tenho que manter porque são pequeninhos”.

Mariene: “Se eu não manter esses horários agora, o que será dessas crianças no futuro?”

Mariene: “E tenho certeza que eles vão tá preparados prá encarar esse mundo de hoje”.

Fátima percebe, pela maneira de se portar, que Mariene é muito semelhante a Robert, ou seja, é taxativa e autoritária. Fátima confessa que, por vezes, sentiu-se magoada pela maneira de ser de Robert.

Mariene, chorando, conta que na casa dos Tomaz a situação foi difícil e afirma a Fátima que ela deveria ser mais dura no trato com seus familiares. Fátima, porém, depõe:

Fátima: “Eu tenho muito pouco tempo com as pessoas que eu amo e não posso ser tão durona assim com eles”.

Mariene afirma que foi dura ao início com os familiares de Fátima. Que ela falou algumas coisas que eles não aceitaram e que até machucou-os um pouco.

Fátima percebe que a mãe baiana tem postura, crenças e valores distintos do seu. Em depoimento, diz:

Fátima: “Assim como os deles aprendem dentro do regime dela, os meus tão aprendendo dentro do que eu posso oferecer”.

Ao comentar sua relação com Rafael, Mariene deixa claro que ele não gostou nem um pouco da experiência. Deixou claro que o achou mimado. Fátima afirma que já esperava por esta reação de Rafael, pois ele já é adulto.

Em seguida, as duas trocam as cartas contendo a divisão do prêmio e algumas ilações sobre os problemas que detectaram na casa em que ficaram inseridas por uma semana. As duas levantam-se e se dirigem para fora do recinto. Cada uma leva em mãos a carta que a outra lhe escreveu.

Ao voltarem para casa, as mães só pensam em beijar e abraçar seus familiares. Reencontrando suas famílias, elas respiram mais aliviadas, choram e falam da experiência a seus filhos e maridos.

Na Bahia

Mariene demonstra estar preocupada com as crianças, em saber como a experiência foi para elas. Ela afirma que estava com muita saudade de sua família e sente-se feliz por estar em sua casa.

Mariene conta a seus familiares que os Tomaz têm uma vida completamente diferente da deles. Que os Tomaz acham normal coisas que ela acha um absurdo. Ela afirma que, daquele momento em diante, todos os dias dirá ao seu marido que o ama, porque ela gosta quando ele lhe faz isso.

Robert afirma que:

Robert, falando em alemão e traduzido em legendas: “O mais importante para todos é que exista amor no nosso mundo, que possamos viver juntos em paz e harmonia. E isso é o mais importante para uma família”.

Lourenço afirma que compreendeu a importância da mãe, admitindo que não sabia que iria sentir tantas saudades de Mariene. Os familiares de Mariene depõem sobre a possibilidade de sentirem falta de Fátima após o encerramento da troca.

Robert: “Não vou sentir falta de Fátima não”.

Melissa: “Ela não fez comida nenhum dia”.

Samira: “A minha mãe brinca mais do que a tia Fátima”.

Lourenço: “Não vou sentir falta dela”.

Observe-se que o papel da mãe “rainha do lar”, a responsável pelos cuidados da casa e das crianças ressalta nos depoimentos que falam de Fátima, ou seja, Fátima não fará falta, pois esta não conseguiu substituir Mariene no papel de mãe.

Apesar disso tudo, segundo Mariene, ela faria tudo de novo.

Quanto à distribuição de prêmio, Mariene e os Stier mostraram-se satisfeitos com a divisão feita por Fátima. Eles ressaltaram que mesmo que Fátima não tivesse designado parte do dinheiro para uma viagem da família Stier, isto já estava nos planos deles. Quanto à designação de parte do dinheiro para a compra de um novo carro, Mariene afirmou que eles só não haviam adquirido outro carro antes da troca por falta de dinheiro. Para eles, Fátima captou as necessidades dos Stier.

Em São Paulo

Ao compartilhar com a família a experiência que teve na Bahia, Fátima concebeu como áspera e fria a estrutura familiar dos Stier. Ela relatou que o convívio foi muito difícil e que retornar para casa e poder sentir os seus amores, a sua própria vida olhando para ela, e sentindo nisso tudo o reflexo do que ela sempre quis ensinar, a deixava muito feliz.

Na leitura da carta que trazia a distribuição do prêmio, os Tomaz não se mostram nada satisfeitos. Para Charles é como se Mariene não tivesse entendido a precária situação econômica de sua família. No conceito dos Tomaz, Mariene distribuiu o dinheiro do prêmio para coisas fúteis.

Em realidade, Mariene distribuiu o prêmio de acordo com as suas crenças em garantir um futuro melhor para a família Tomaz. Ela não teve uma perspectiva imediatista do prêmio, ou seja, em sua visão, ele não serviria apenas para pagar as contas atrasadas, mas para garantir um modo de a família Tomaz ter uma renda melhor em um futuro próximo. Assim, Mariene dirigiu parte do prêmio para Fátima fazer uma faculdade (possivelmente para qualificar-se para um futuro emprego, e não ser mais dependente do artesanato que tão pouco retorno financeiro lhe dá), pois Mariene acredita no valor da educação. Ainda com o pensamento em Fátima, Mariene designou um valor do prêmio para reforma de um quarto que existe no fundo da casa dos Tomaz, onde Fátima deveria montar o seu atelier. Para Mariene, organização é essencial, e ela possivelmente achou péssimo que Fátima fizesse seus trabalhos de artesanato no meio da sala de estar. Outra parte do prêmio foi para Charles adquirir um computador mais moderno, possivelmente para lhe garantir uma melhor estrutura profissional, já que ele trabalha em iluminação de eventos e peças teatrais. Como os Tomaz não se

preocupam com o futuro, mas com o momento, eles não compreenderam a distribuição do prêmio. Novamente ressaltam-se diferenças de visão de mundo, de suposições factuais entre as duas famílias.

Referindo-se à experiência da troca, Vanessa afirma:

Vanessa: “As pessoas não dão o mesmo valor prás coisas. Não dá a mesma importância prás coisas que a gente dá”.

A este depoimento, segue o de Fátima que percebe que os aspectos culturais interferem no modo de ver a vida.

Fátima: “Cultura muito diferente. É muita frieza, muito distanciamento. Muita regra, ordem, aspereza”.

Fátima: “Às vezes eu me sentia num freezer”.

Neste momento, as cenas focam uma situação comunicativa que traz à memória da família Tomaz a experiência da troca, em que Mariene é colocada com o algoz.

Fátima: “Lisa, recolher o coco da Grinever”.

Vanessa: “Ah, não”.

Charles: “Vai! Então vou trazer a Mariene de volta”.

Vanessa: “Com a minha mãe eu até faço” (enquanto recolhe as fezes em um plástico).

Encerrando sua participação no programa, Fátima diz a sua família: “Não troco nada nesse mundo por vocês. Nada” (chorando).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados que compuseram o *corpus* desta pesquisa, pode-se afirmar que as suposições factuais mutuamente manifestas e o ambiente cognitivo mútuo contribuem de forma intensa para a delimitação das fronteiras familiares. A partir desta conclusão, é necessário que as questões de pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho sejam retomadas e respondidas.

A primeira questão de pesquisa dizia respeito ao que caracterizaria as suposições factuais e o ambiente cognitivo mútuo nas famílias Stier e Tomaz. Para responder a esta questão, primeiramente devemos lembrar aspectos referentes ao sistema familiar que foram destacados na fundamentação teórica.

No decorrer da pesquisa, demonstrou-se que uma família ora pode ser descrita como um sistema biológico (definido por certas relações de sangue), como ocorre com a Família Stier, ora como um sistema conceitual (definido por certos papéis e parentescos que podem ou não ter qualquer relação com parentescos de sangue entre os seus membros), como ocorre com a família Tomaz em relação à figura paterna representada por Charles.

A família constitui um sistema dinâmico que varia de acordo com o momento histórico, econômico, cultural e social que vivencia, pois é percebida como um sistema aberto que realiza trocas com o meio quer através de energia, matéria e/ou de informação. Há elementos no *corpus* que apóiam essa assertiva. Os Stier e os Tomaz divergem em inúmeros aspectos representacionais devido a estas variações, apresentando, portanto, diferenças entre os valores, crenças, normas e conhecimentos que foram adquiridos ao longo de sua história familiar. Como se verificou, tais fatores podem alterar a estrutura e organização familiar e, conseqüentemente, interferir na visão de mundo de seus membros, ou seja, nas suas suposições factuais. Aliás, a produção do programa procura mesclar famílias de perfis opostos, que tenham diferenças sociais, culturais e econômicas.

A relação familiar é um processo ininterrupto de atribuição de significados que constrói a realidade que a cerca. Tais relações, uma vez estabelecidas, criam acordos, consensos e narrativas, que são partilhadas pelos membros do grupo social. Assim, como afirma Rapizo, “os vínculos da família produzem sistemas de significação que tem a ver com o tipo de organização familiar e com a família de origem” (*apud* ROMAGNOLI, 2007).

Os valores, crenças e a forma de organizar-se, vão sendo estabelecidos na convivência íntima, a partir da interação entre seus membros, no compartilhamento da linguagem, onde a família passa a constituir “um espaço simultaneamente físico, relacional e simbólico que privilegia a construção social da realidade”, como afirma Pereira (1998).

Na análise das interações, verificou-se que os familiares funcionam como pontos de referência no desenvolvimento de valores do ser humano, como propunha Messa (2007). A todo o momento, em depoimentos, os membros de cada uma das famílias observavam que a nova mãe não agia ou pensava como a mãe, ou esposa deles agiria ou pensaria.

Dentre os princípios dos sistemas em geral aplicáveis à família, verificou-se que a globalidade e a retroalimentação foram percebidas no decorrer da análise do *corpus*. A lembrar, conforme o princípio de globalidade, o comportamento de todo indivíduo que compõe uma família está relacionado e é dependente do comportamento de todos os outros. Por sua vez, conforme o princípio de retroalimentação, o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das demais pessoas, configurando um sistema circular e automodificável.

Tanto os Stier quanto os Tomaz demonstraram-se altamente dependentes das figuras das mães que participaram das trocas. Ao final da troca, novos elementos representacionais foram inseridos. Por exemplo, na família Tomaz, onde Mariene passou a ser metáfora de algo ruim, destaca-se um episódio em que Fátima pede para Vanessa que limpe as fezes da cadela e Charles a ameaça com a volta de Mariene se ela não o fizer.

Para responder à primeira questão (sobre as suposições factuais e o ambiente cognitivo mútuo nas famílias Stier e Tomaz) fez-se uma análise das cenas iniciais de ambas as famílias enquanto as mães ainda estavam inseridas no relacionamento intrafamiliar. Essa análise buscou conhecer as crenças e valores que emanavam do convívio de seus membros. Percebeu-se que aspectos culturais afetavam a estrutura e organização familiar, refletindo nas suposições factuais que seus membros detêm como crenças e valores verdadeiros. Dentre as crenças e valores dos Stier (onde há a manutenção dos papéis tradicionais de uma família brasileira), encontraram-se os seguintes:

- a) a mãe é personagem fundamental na família (a “rainha do lar”), responsável pela criação dos filhos (cuidados como alimentação, educação, etc.) e sempre presente;
- b) os pais são exemplos a serem seguidos pelos filhos;
- c) as refeições são momentos de compartilhar experiências entre os membros da família, portanto, todos participam delas;

- d) a casa, para ser definida como um lar, deve estar sempre limpa e organizada. Sujeira é algo abominável em um lar;
- e) os horários são rígidos, posto que, além das crianças terem seu horário para ir à escola, os pais trabalham juntos em sua pousada para sustento da família.

Para os Tomaz as crenças e valores que se destacaram foram os seguintes:

- a) não há necessidade de horários fixos para as refeições e nem de os membros da família estarem todos presentes a elas;
- b) aprecia-se um modo alternativo de vida e horários, de modo que cada membro tem liberdade para realizar suas atividades quando bem lhes aprouver (ainda que convocados para a limpeza da casa);
- c) desorganização de uma casa não implica em descaracterizá-la como um lar;
- d) a arte e as tradições culturais são valores a serem compartilhados entre os membros da família (teatro, pintura, artesanato, música, folclore português, etc.);
- e) a responsabilidade em organizar e limpar a casa pertence, principalmente, à mãe;
- f) Os filhos só contribuem para o serviço da casa se forem mandados, se seu esforço for exigido pela mãe;
- g) a mãe é o esteio da família, o membro de quem todos dependem;
- h) amam-se os animais e eles devem ficar próximos à família, convivendo, inclusive, dentro de casa;
- i) dívidas não impedem o bom humor e a descontração.

Percebe-se que as suposições factuais dos Stier diferem das suposições factuais dos Tomaz. Apenas em um ponto elas encontram certa semelhança: a importância do papel da mãe no seio da família.

Sperber e Wilson diriam, em relação ao ambiente cognitivo mútuo, que seu alargamento é facilitado pelo conjunto de suposições factuais mutuamente manifestas aos participantes de cada uma das famílias, oportunizando que os membros de ambas as famílias não encontrem problemas mais sérios de interação. Porém, corroborando Rauen (inédito), haver suposições factuais mutuamente manifestas aos membros de cada família permite uma economia de esforços cognitivos. Noutros termos, há uma queda de esforços diante de um conjunto significativo de suposições saturadas.

Promovida a troca das mães, isso exige que membros familiares remanescentes e a mãe substituta alarguem seu ambiente cognitivo, num acréscimo de investimento cognitivo nem sempre compensado por ganhos cognitivos mútuos. Isso explica as estressantes situações de conflito em que se envolveram, por exemplo, Mariene e Rafael no decorrer da experiência. Em outras palavras, estímulos ostensivos produzidos por indivíduos externos ao grupo familiar, visto que pressupõem suposições factuais diversas daquelas dos membros do grupo, por definição, exigem aumento no custo de processamento. Como o aumento de custos se justifica somente pelo aumento de benefícios cognitivos, essas trocas serão relevantes apenas quando um ambiente de cooperação se instala. Não foi o caso das situações tensas que ocorreram no *Troca de família*, das quais emergiram conflitos em decorrência de falhas ou de discordâncias explícitas no mapeamento das suposições factuais.

Obviamente, os aspectos contextuais contribuíram para que isso ocorresse. O contexto caracteriza-se por ser um subconjunto de suposições mentalmente representadas que, interagindo com as informações novas ou novamente apresentadas, são capazes de gerar efeitos contextuais. Como a história de vida de cada indivíduo leva a diferentes suposições factuais, compartilhar um ambiente familiar auxilia os relacionamentos uma vez que os indivíduos envolvidos potencializam a manifestação mútua de uma série de suposições que, de outra maneira, poderiam inexistir.

A segunda questão de pesquisa referia-se a como se manifestariam os conflitos e as adaptações nas trocas comunicativas de Mariene Stier no contexto da família Tomaz. Os achados revelam que a mãe baiana travou diversas discussões com os membros da família substituta. Todos os conflitos foram gerados a partir das crenças e valores distintos das duas famílias. A questão que mais contribuiu para os conflitos foi relativa à limpeza e organização da casa. Para Mariene, limpeza e organização são questões importantes num lar, crença não compartilhada pelos Tomaz. Nesse aspecto, havia uma fronteira que podia ser percebida não só pelos participantes da troca, mas também pelos espectadores e pelos responsáveis pela edição. Aliás, baseada em suposições factuais distintas, tal fronteira foi altamente explorada pela edição, como se pôde perceber no decorrer dos dois episódios que compõem o *corpus*.

Segundo Rapizo a fronteira do sistema familiar é resultado das experiências recursivas de seus membros em relação (*apud* ROMAGNOLI, 2007). Na visão de Capra (*apud* BARBOSA, 2006) as fronteiras de um sistema social, portanto, não são físicas, mas fronteiras de expectativas, de confidências, de lealdade, e assim por diante.

Por conta da mencionada fronteira, Mariene teve sérias dificuldades de adaptação na família Tomaz. Os Tomaz também não a aceitaram, especialmente os filhos de Fátima.

Eles afirmaram que não sentiriam nenhuma saudade da mãe substituta. Mariene foi dura no tratamento com os filhos de Fátima, impôs suas opiniões (suas visões de mundo) e fez com que os Tomaz se obrigassem a fazer coisas com as quais não estavam acostumados no convívio familiar. Os Tomaz não estão acostumados com regras ou ordens e estranharam a mãe substituta, que baseava seu modo de agir exatamente em regras e ordens.

Na terceira questão, quis-se saber se as trocas comunicativas de Mariene Stier com os membros da família Tomaz revelariam fronteiras familiares de ambos os grupos. Destacamos, na questão anterior, que a fronteira familiar pôde ser realmente detectada.

A partir dos dados do *corpus*, inexistiram conflitos maiores no convívio intrafamiliar, posto que os membros de cada família possuíam suposições factuais que são mutuamente manifestas. Nas trocas comunicativas de Mariene com os Tomaz, isso é dramaticamente diferente. Emergiram constantes situações de conflito, manifestadas por estresse recorrente, incluindo cenas de choro.

O último questionamento do trabalho consistia em saber se as ferramentas fornecidas pela TEORIA DA RELEVÂNCIA seriam capazes de configurar as fronteiras familiares se acaso elas fossem detectadas. A análise do *corpus* demonstrou que nas suposições factuais mutuamente manifestas e no ambiente cognitivo mútuo encontravam-se aspectos delimitadores da fronteira familiar. As noções de forma lógica, explicatura e implicatura, conforme elaboradas pela teoria, revelaram-se adequadas para o tratamento descritivo e explicativo do *corpus*.

Através da análise, verificou-se que o sistema de significação que é produzido pela família pode ser definido por suposições factuais. Para Sperber e Wilson (1997), a cultura de um povo pode ser identificada em conteúdos representacionais duradouros que podem ser distribuídos ao longo de uma população humana através das trocas comunicativas.

Sperber e Wilson (2001) afirmam que as pessoas não partilham ambientes cognitivos totais. Embora partilhem o mesmo ambiente físico e tenham semelhantes capacidades cognitivas, os ambientes físicos nunca são estritamente idênticos, e as capacidades cognitivas são afetadas pelas informações já memorizadas, diferindo de uma pessoa para a outra. Apesar de partilharem mesmo ambiente cognitivo, não é correto crer que as pessoas façam as mesmas suposições, mas que simplesmente têm a capacidade de as fazer. Isto foi percebido na inserção de Mariene na família Tomaz.

Pelo fato de a comunicação ser um processo assimétrico, em que responsabilidade de evitar incompreensões fica com o falante, pois é ele quem deve escolher as suposições a que o receptor terá acesso e que possivelmente utilizará no processo de compreensão de um

ato comunicativo, as diferenças de suposições factuais entre os membros das famílias que participaram da troca ocasionaram falhas na escolha das suposições que iriam ser desenvolvidas pelos membros da nova família. Isso gerou problemas na escolha dos estímulos ostensivos que foram utilizados pelos participantes da troca.

O contexto, como afirmam Sperber e Wilson (2001), é um construto psicológico que não se limita às informações que se referem ao ambiente físico imediato, ou a enunciados imediatamente anteriores, mas que se liga, também, as expectativas do futuro, às crenças religiosas ou científicas, às suposições culturais gerais e, inclusive, opiniões sobre o estado mental da pessoa falante. A discussão que existiu entre Mariene e Rafael ilustra este fato. Rafael, baseado em *input* visual, percebeu Mariene de maneira distinta da realidade e a inseriu em um mundo que não correspondia ao ambiente de onde ela havia vindo. O mesmo ocorreu com Fátima em relação a Robert, chegando a apresentar-se amedrontada na presença dele.

Os achados dessa pesquisa sugerem que a TEORIA DA RELEVÂNCIA tem muito a contribuir no estudo da cultura e da sociedade. Este trabalho iluminou aspectos caracterizadores das fronteiras familiares e os achados sugerem que os conceitos de suposições factuais mutuamente manifestas e de ambiente cognitivo mútuo, tais como previstos pela teoria, são capazes de delimitar essas fronteiras.

Para dar conta dessa intuição, os achados decorreram de trocas comunicativas insertas em um *reality show*. Como argumentamos, trata-se de uma decisão metodológica que, se por um lado, é compreensível, não é isenta de limitações. Posto isso, seja reconhecido que os achados são limitados pelas condições de produção de um programa de televisão.

Uma das restrições possíveis aos resultados, reconhecemos, é a de que conflitos intrafamiliares não foram apresentados ao passo que os conflitos interfamiliares foram potencializados. Isso põe em evidência a questão da edição. De fato, o que os editores fizeram foi destacar os conflitos gerados pela troca e, supostamente, ignorar os alargamentos bem sucedidos. Todavia, isso não obsta os resultados encontrados. Mesmo que Mariene tivesse algumas boas interações com os membros da família Tomaz, elas teriam sido produtos do consenso onde supostamente os atores envolvidos não deixariam de manifestar as fronteiras de cada núcleo familiar. Seja como for, vale investigar o papel dos editores na condução desses eventos. Sugere-se, aqui que a TEORIA DA RELEVÂNCIA possa contribuir para explicar e descrever como a edição realizou tal proeza. Um desafio instigante para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Luciana Santos Guilhon. **Mídia e transformação da intimidade na atualidade:** as implicações subjetivas da exposição da vida íntima nos *reality shows*. Dissertação. 2005. Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Instituto de Psicologia. Programa EICOS. Disponível em: <http://www.eicos.psych.ufrj.br/programaeicos/banco_teses/t05.htm#lucianasantos> Acesso em: 15 maio 2007.
- BARBOSA, Everaldo Torres. **Compromisso universal da universidade em vista do método de pesquisa do ensino e do mundo do trabalho.** Disponível em: <http://www.adufpb.org.br/publica/conceitos/08/art_07.pdf> Acesso em: 14 jun. 2006.
- BAUMEIER, Michele Valeska Méndez. **A terapia sistêmica.** 1999. Disponível em: <<http://br.geocities.com/centropsi/terapia.htm>> Acesso em 20 abr. 2007.
- CARSTON, Robyn. **Thoughts and utterances:** the pragmatics of explicit communication. Tradução de Fábio José Rauen. Apêndice. Londres: Brackwell, 2002, p. 376-381.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- CEZAR-FERREIRA, Verônica A. da Motta. **A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família.** Disponível em: <http://www.usp.br/nemge/textos_seminario_familia/pesq_qualitativa_veronica.pdf> Acesso em: 15 abr. 2007.
- COSTA, Jorge Campos da. A teoria da relevância e as irrelevâncias da vida cotidiana. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 161-169, 2005.
- MONTEIRO, Lúcia. Definição de família. 30 maio 2007. **Blog da Psicopedagogia.** Disponível em: <<http://vluciamonteiro.com/blog/index.php?/archives/6-Definico-de-Familia.html>> Acesso em: 20 out. 2007.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 5. ed. São Paulo: Global, 1984.
- GARCIA, Deomara Cristina Damasceno; VIEIRA, Antoniella Santos; PIRES, Cristiane Carneiro. **A explosão do fenômeno: reality show.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/garcia-deomara-reality-show.pdf>> Acesso em: 15 maio 2007.
- GORESTIN, Beatriz; PINHEIRO, Márcia Estarque. **Gestalt-terapia:** uma breve reflexão. Ano 2. n. 3. 2005. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/Revistas/R3/>> Acesso em: 20 abr. 2007.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e conversação. Tradução João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística** Campinas:Unicamp, 1982, v. 4.

IBAÑOS, Ana. Algumas considerações informais sobre inferência. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 5, n. esp., p. 151-159, 2005.

KAUFFMANN, Daniel. **A família reconstituída e o seu ciclo vital**: uma análise qualitativa dos seus perfis. Monografia apresentada ao Programa de Iniciação Científica da Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: 2000. Disponível em: <<http://www.agirweb.com.br/psic/trab/tg.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2006.

MATURANA, Humberto R.. **A ontologia da realidade**. MAGRO, Cristina; Graciano, Miriam; Vaz, Nelso (Orgs.). 3. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MELO, Mônica Cristina Batista de et al. **A família e o processo de adoecer de câncer bucal**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 413-419, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a08.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2007.

MESSA, Alcione Aparecida. **O impacto da doença crônica na família**. Disponível em: <<http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl49.htm>> Acesso em: 05 mar. 2007.

MILLAN, Marília Pereira Bueno. *Reality shows*: uma abordagem psicossocial. **Psicologia: Ciência e Profissão** [versão on line]. v. 26, n.2, Brasília, jun. 2006, p. 190-197. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893.> Acesso em: 15 maio 2007.

PEREIRA, Sara de Jesus Gomes. **A televisão na família**: processos de mediação com crianças em idade pré-escolar. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho. Braga/Portugal: 1998. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4265>> Acesso em 15 abr. 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Os caminhos da pragmática no Brasil. **DELTA**, v. 15, São Paulo: 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300013&script=sci_arttext> Acesso em: 19 jun. 2006.

RAUEN, Fábio José. Inferências em resumo com consulta ao texto de base: estudo de caso com base na TEORIA DA RELEVÂNCIA. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 33- 57, 2005.

_____. **Sobre relevâncias e irrelevâncias**. Porto Alegre: 2006. Manuscrito inédito.

_____. **Roteiros de Pesquisa**. Rio do Sul: Nova Era, 2006.

_____; SILVEIRA, Jane Rita Caetano da (Orgs). **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 1-268, 2005.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Os encontros e a relação familiar**: uma leitura deleuziana. Disponível em: <http://www.pucminas.br/documentos/encontros_relacao_familiar.pdf?PHPSESSID=c5666f07eeb4d85b38f450dcb1d1ce60> Acesso em: 15 abr. 2007.

SANTOS, Mauro Bittencourt. Contrato de cooperação e implicaturas. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Orgs.). **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997, p.39-58.

SILVA, Célia Maria da. **Processos ostensivo-inferenciais do filme Neve sobre os cedros de Scott Hicks**, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da Silveira; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância**. 2. ed.. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SILVEIRA, Teresinha Mello. **Caminhando na corda bamba: a gestalt-terapia de casal e de família**. GT na Rede. ano 2. n. 03. 2005. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/Artigos/caminhando_na_corda_bamba.htm> Acesso em: 15 abr. 2007.

SLUZKI, C. **Terapia familiar sistêmica: um breve histórico**. 1985. Disponível em: <http://www.familia.med.br/textos/texto_terapia.htm> Acesso em: 20 abr. 2007.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. **Relevance: communication & cognition**. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1995.

_____; _____. Remarks on relevance theory and the social sciences. In: **Multilingua**, v. 16, 1997, p. 145-151. Disponível em: <<http://www.dan.sperber.com/rel-soc.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2007.

_____; _____. **Relevância: Comunicação e Cognição**. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

_____; _____. TEORIA DA RELEVÂNCIA. Tradução de Fábio José Rauen e Jane Rita Caetano da Silveira. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 221-268, 2005a.

_____; _____. Posfácio da edição de 1995 de “Relevância: comunicação & cognição”. Tradução de Fábio José Rauen e Jane Rita Caetano da Silveira. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 171-220, 2005b.

TRILLAS, Cristina Trullá. A terapia familiar sistêmica: em sintonia com o mundo. **Psicologiamédica**. Disponível em: <<http://www.psiconica.com/psimed/files/html/terapia%20familiar%20sistemica.html>> Acesso em: 20 jul. 2006.

TROCA de família: conheça sua nova mãe. Rede Record de Televisão. Disponível em: <<http://www.rederecord.com.br/frameset.asp?prog=58>> Acesso em: 15 nov. 2006.

VIANNA, Branca. TEORIA DA RELEVÂNCIA e interpretação simultânea. **Revista SINTRA On line**, ano 1, n. 1, Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Tradutores, 2005. Disponível em: <<http://www.sintra.org.br/site/index.php?pag=sobre> > Acesso em: 07 jan. 2007.

VITAL, Marina Soares. **A família e sua projeção frente aos direitos humanos internacionais**. Mato Grosso: UFMG, 2002. Disponível em: <<http://www.jep.org.br/Downloads/MarinaVital.doc>> Acesso em: 20 jul. 2006.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana**. [Tradução: Álvaro Cabral] São Paulo: Cultrix, 1967.

WILSON, Deirdre. **Pragmatic theory**. Tradução de Fábio José Rauén. London: UCL Linguistics Dept, 2004. Disponível em: <<http://www.phon.ucl.ac.uk/home/nick/pragtheory/>> Acesso em: 15 mar. 2005.

ZAPELINI, Clésia da Silva Mendes. **Produção de texto oral e escrito a partir da interpretação de história em quadrinhos: análise com base na TEORIA DA RELEVÂNCIA**. 2005. Dissertação (Mestrado de Ciências da Linguagem). – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

ANEXOS

ANEXO A – Transcrição do *Corpus*

Família Stier

No início do programa os membros da família Stier apresentam sua família e seu modo de vida. O programa começa mostrando cenas de Guarajuba, na Bahia (um paraíso tropical) e a casa da família Stier. A casa tem um vasto jardim e a família pode ser considerada como uma família de classe média, com uma boa qualidade de vida. Em seguida, as cenas mostram Mariene e Robert acordando com o despertador do celular. Marido e mulher fazem sua higiene pessoal e vão acordar as crianças. Mariene acorda os dois filhos maiores e Robert a caçula. As crianças fazem sua higiene pessoal (escovam dentes, penteiam-se) e se vestem. Mariene é quem prepara o café da manhã da família e todos os membros da família tomam café juntos na varanda de sua casa. As cenas, em seguir, mostram a pousada dos Stier, onde Mariene e Robert encontram-se na cozinha com os funcionários. Após, as cenas voltam à rotina da família e focam Mariene preparando-se para levar as crianças para a escola no carro da família.

Enquanto estas cenas estão sendo transmitidas, os membros da família Stier começam a falar de algumas de suas crenças e em especial, dão opiniões pessoais em relação à mãe Mariene (ela é quem participará da troca, portanto, ela é um dos focos do programa).

Mariene: “Meu nome é Mariene. Tenho 40 anos. Sou casada com Robert. Robert é alemão e é muito divertido”. “Ele sempre fala o que ele pensa. Sempre direto. Não faz diferenças. Outras... como no caso eu... às vezes quero falar, mas fico esperando o momento certo. Ele acha que tem que falar, porque ficar esperando esse momento. Esse momento é agora”.

Robert: “Mariene é uma mulher maravilhosa, uma ótima mãe”.

Mariene: “Eu gosto desse jeito dele e aprendi até muito com ele. Eu falo também. Hoje eu aprendi”. “Tenho três filhos. Tenho o Lourenço de 11 anos...”

Lourenço: “Minha mãe é paciente, legal, divertida, alegre”.

Mariene: “Tenho a Samira de 7 e Melissa de 5”.

As crianças falam uma frase em alemão cada uma.

Samira: “Eu aprendi a falar alemão com o meu pai, causeo que ele nasceu na Alemanha”.

Melissa: “Eu gosto muito da minha mamãe. E eu amo ela”.

Mariene: “Temos uma pousada em Guarajuba e trabalhamos na pousada, os dois”.

Robert: “A coisa mais marcante de Mariene é a personalidade dela”.

Mariene, preparando-se para levar as crianças à escola e dirigindo-se a um dos filhos: “Oh, meu! Você pega as suas coisas, por favor, e vai pro carro, não fica de maresia aí não! Viu, meu?”

Melissa: atitude não verbal de pegar sua mochila da escola e colocá-la no porta-malas do carro.

Lourenço fecha o porta-malas, logo após.

Robert: “Mariene vem de uma origem muito simples, mas ela sempre teve uma personalidade muito forte”.

Mariene, entrando no carro para levar as crianças na escola: “Este carro ta é sujo, viu? Deus benza”.

Família Tomaz

Da mesma forma que a família Stier, os Tomaz falaram um pouco de seu modo de vida, de suas dificuldades, personalidades e crenças. Fátima acorda pela manhã e faz sua higiene pessoal. Enquanto está lavando o rosto no banheiro, Charles mostra-lhe

uma xícara de café, oferecendo a ela. Fátima mostra que está escovando os dentes naquele momento. Charles então diz: “Tá, então vou deixar aqui. Você toma tá?” Um dos gatos da família está atrás de Fátima, no banheiro, enquanto ela está fazendo sua higiene matinal.

Fátima afirma: “Eu não gosto de ficar parada. Eu to sempre tendo que fazer alguma coisa.” Fátima, ainda: “Sou meio chata, meio exigente em algumas coisas...” (ela está pintando um objeto na sala enquanto fala).

Fátima, dirigindo-se a Charles: “Oh, pincelzinho aqui limpo. Limpa o copinho de água”. (alcançando o copo de água que serve de apoio para a limpeza dos pincéis para Charles). Ele pega o copo. Fátima: “Tenho pavio curto, sou meio estoradinha”.

Fátima falando com Charles na cozinha: “Oh, você que é mais altinho, depois você vai guardar para mim aquele prato (apontando para o prato) e aquela fruteira (apontando para a fruteira). Charles presta atenção às recomendações de Fátima.

Fátima: “Charles é uma pessoa que topa, enfrenta tudo. Pela família: Vanessa, Rafael e eu, ele faz qualquer coisa. É o paizão mesmo em tudo”.

Rafael: “Charles era meu amigo de teatro, o iluminador da peça. Eu saí da peça, minha mãe ficou, eles ficaram. Aí acabaram ficando. Ele ficou aqui e vai ficar prá sempre”.

Fátima falando com Charles: “Eu já falei pra você que eu choro uma noite”.

Charles alcançando a xícara em que bebia: “Hum...”

Fátima: “Aí eu ponho a malinha pro lado de fora do portão e chamo o chaveiros e troco a fechadura e resolvo tudo”.

Charles: “Como dona de casa ela é meio.... No sentido de tentar deixar as coisas organizadas”.

Fátima falando com a cachorra: “Vamos lá limpar esta sujeira bebê?”

Charles: “Por conta de a gente fazer muita coisa, não dá tempo de arrumar uma roupa. Ela não vê que o nosso estilo de vida provoca isto.

Vanessa: “Aqui é uma disputa grande prá que... pra ver quem é mais preguiçoso”.

Fátima “Porque as crianças sempre... Eu vou ajudar. Mas, aí um vai pro ensaio, outro vai pra escol. Aí tem cinema, tem o shopping... (com sarcasmo) Todo mundo foge da faxina”.

Fátima durante estas cenas é mostrada lavando a louça, dobrando roupa, demonstrando que está muito cansada ao final e suspirando.

Família Stier

Mariene: “Eu me acordo todos os dias às 5:30 da manhã”.

Mariene falando com Melissa ao chegarem na calçada da escola: “Vem minha flor”.

Mariene: “Preparo o café das crianças e levo pra escola”.

Mariene falando com Lourenço enquanto sobem a escadaria da escola: “Se terminar antes você me espera, viu?”

Mariene: “Depois faço compras da pousada... faço um cursinho de português, também. E daí eu aproveito o intervalo, vou na manicure. Ah, eu gosto de me cuidar, me acho bonita... quando eu me arrumo. Pra mim, eu gosto de me sentir bem”.

Robert (rindo): “Acho que a coisa mais difícil pra ela, até hoje, é o cabelo dela que ela sempre briga”.

Mariene: “Cabelo duro é assim mesmo, demora pra cuidar”.

Mariene ao falar de como começou sua relação com Robert: “Minha história com ele é tão engraçada”.

Robert: “Vim por acaso de férias há 20 anos atrás, conheci a Mariene”.

Mariene: “Ele não falava português, eu não falava alemão, mas nada disso atrapalhou. Minhas irmãs sempre falavam: mas este homem que você quer prá você? Um alemão que não fala a sua língua. Você que adora um samba e esse daí que nem sabe sambar... Entendeu?”

Robert: “Moramos lá 5 anos. E depois retornamos para morar aqui”.

Mariene fala uma frase em alemão.

Família Tomaz

Rafael: “O carro tem gasolina?”

Fátima: “Hã..., Não!”

Fátima, possivelmente falando com Charles: “Pega R\$ 10,00, dá pra ele. Ele põe gasolina”.

Fátima, dirigindo-se novamente a Charles: “Você vai resolver isso, quando você voltar, você pega o seu cavaco. Tá bom?”

Fátima: “Nós estamos numa crise muito feia”

Fátima: “Paga duas contas e faz uma comprinha contadinha no supermercado. Tem que separar o dinheiro da gasolina, da condução, enfim. É bem segura mesmo. O salário do Charles tá muito atrasado. São três meses atrasados. E o que a gente ganha aqui no atelier realmente é muito pouco. A situação financeira nos obriga a segurar ainda mais do que a gente gostaria...”

Fátima: “Dividir conta, hoje em dia, é normal, porque ninguém tem dinheiro para jogar fora”.

As cenas mostram Fátima ao dividir um café da manhã em uma padaria com Charles.

Família Stier

Mariene: “Meu marido adora mandar e as crianças tão seguindo o caminho dele”.

Mariene para Melissa: “Fora meu, por favor. Não gosto de estar falando várias vezes”.

Como resposta Melissa segue ao lado da mãe.

Mariene: “Autoritários”.

Mariene para Melissa: “Não precisa botar estas figurinhas não. Fecha isso”.

Melissa: “Não, eu ponho”.

Mariene: “Então, você coloca”.

Robert: “Lourenço nasceu, a gente achou que já era um pacote de energia, um energético. Coisa que quando a Samira veio, superou muito. E a Melissa detonou. Na verdade a Melissa foi um acidente de trabalho, ali... (risos)”.

Família Tomaz

Fátima: “A Vanessa é meiga, ela é amorosa. Quando tá num momento bom”.

Fátima dirigindo-se a Vanessa (que arrumava a mesa onde a mãe estava pintando): “Você vai organizar minha mesa de trabalho?”

Vanessa:... sou eu”.

Vanessa: “É mãe né, então sempre pega no pé”.

Fátima dirigindo-se a Vanessa: “Vai já pra cozinha”. (com o dedo indicando o caminho em tom de ordem)

Vanessa: “Deixa eu ver se chegou...” (querendo tomar o rumo da porta de entrada da casa).

Fátima: “Vai já prá cozinha. Pode fazer seu prato e comer” (ordenando, brava, apontando o caminho da cozinha).

Vanessa enfim obedece.

Fátima: “Depois você fica morrendo de dor de cabeça e sou que tenho de ir atrás de comprimido”.

Vanessa: “Se ela não mandar eu fazer as coisas, eu não faço. Eu acho que não tenho que fazer nada”.

Rafael: “Ficar uma semana sem minha mãe vai ser o Ó. Vai ser muito difícil, cara”.

Família Tomaz

Fátima para Charles: “Rafa chegou!”

Fátima para Rafael: “Resolveu?”

Rafael: alcança as contas pagas para a mãe.

Fátima: “Tá, segunda, a gente recebendo, a gente já te devolve, tá?”

Rafael: “Sentir saudade de vez em quando é bom. Principalmente quando a gente pode matar ela depois”.

Fátima, referindo-se a Rafael: “Ele é grandão, mas o coração dele é maior do que ele. Ele deixa de fazer as coisas pra ele porque se preocupa com os outros”.

Família Tomaz

Fátima falando para Charles e Rafael: “Se a Eletropaulo vier... Vier! Está aqui” (guardando as contas que Rafael pagou na prateleira de livros da sala).

Família Stier

Mariene: “Eu só to indo pra passar uns dias e tenho certeza de que isso eles têm que botar na cabecinha deles. E falar... Sei lá: ela está aqui, vai ficar 5 dias, vai embora, mesmo se me acharem uma chata”.

Família Tomaz

Os Tomaz estão fazendo uma reunião de amigos em casa.

Fátima falando com o “povo”: “Acho que tem uma cervejinha perdida na geladeira...Vai lá..., pega, se vira!”

Rafael: “Eu espero que a mãe que vir prá cá, que ela tenha paciência e um décimo da loucura que a minha mãe tem”.

Fátima: “Você tirou o frango, Vanessa?”

Vanessa: “Não! Ai, o frango”.

Fátima: “Ai, meu Deus!”

Resultado – Fátima: “Torrou”.

Vanessa: “Eu já imaginei uma sargento de quartel. Acorda às 4, vai dormir às 8 horas”.

Charles: “Viver sem a Fátima vai ser bem complicado”.

Fátima falando com Charles: “Vamos fazer a mala, vai. Tá ficando tarde e eu não fiz a mala ainda”.

Rafael: “Não é fácil conviver comigo e com a minha irmã. Com o Charles é fácil porque ele sabe levar”.

Fátima, enquanto faz as malas com Charles: “Este casaquinho, este casaquinho...”

Charles: “Ela do meu lado e ela pensando em outras coisas já me faz falta”.

Fátima: “Chega por hoje”. (dando tchau para a câmera e fechando a porta do quarto)

Família Stier

Mariene: “Eu acho que experiência é sempre bom. Você poder trocar uma experiência um com o outro. Eu gosto de aprender sempre”.

Mariene: “Curiosidade, medo. Sabe aquela coisa que você percebe que você está com medo? Será que tem, sabe? Aquelas pernas bambas”.

Mariene: “Eu não sei como ela é, como ela vai cuidar dos meus filhos”.

Mariene: “Conta nos dedinhos que mamãe vai voltar bem rápido, viu meu amor?” (abraçando e beijando Melissa ao se despedir para ir para São Paulo realizar a troca).

Mariene: “Isso aqui é o coração de mãe mesmo que fica assim, preso, né? No sentimento, como será que vai ser?”

Robert diz em alemão: “Não desanime”.

Mariene: “As crianças...” (chorando e demonstrando preocupação).

Robert em alemão diz: “Sim”.

Mariene: Ouvia?

Robert: Ouvi.

Mariene para Melissa: “Beijo. Te amo.”

Mariene: “Eu nunca deixei os meus filhos”.

Família Tomaz

Charles ainda na cama diz para Fátima: “Vinte para as sete, você está atrasada”.

Fátima, levantando na cama sobressaltada: “Hã?”

Fátima: “Minha família reagiria mal se a pessoa fosse vazia, meio dondoca, meio madame, assim. Como se fosse um nojo, aquela coisa de nariz empinado. Isso irrita a gente. Aí sim, o bicho ia pegar mesmo, né?”

Fátima para Charles: “Tô com medo!”

Ela e Charles se abraçam e se beijam.

Fátima: “Ficar sem controle... Não ter contato com eles é uma coisa que eu não sei como vai ser, porque eu não costumo fazer.”

Começa a troca de família

Mariene: “Eu acho que uma despedida é assim, é muito difícil”.

Fátima: “Eu fico um pouco tensa com esta situação. Vai passar rápido. Vinte e quatro horas têm que virar vinte e quatro segundos”.

Elas embarcam rumo às suas novas famílias.

Enquanto isto, as famílias vão esperar pelas suas “novas mães” no aeroporto.

A edição do programa alterna cenas da chegada e recepção a Mariene e a Fátima.

Mas para que tenhamos uma continuidade, colocaremos todas as cenas de Mariene em seqüência e após, as cenas de Fátima.

Os Stier recebem Fátima

Robert com um buquê de flores nas mãos e com seus filhos aguarda Fátima no aeroporto. Ao vê-la chegando: “Virgem Maria! Será? É, com certeza é essa. E é mesmo. Eu sabia.”

Fátima com Lourenço que a aguardava com um cartaz com o nome dela escrito: “Olá, que lindo, que legal. Deixa eu dar um beijo, dar um beijo. Qual é teu nome?”

Lourenço: Eu não sabia que ela ia ser assim, desta forma. Bem legal!”

Fátima para Melissa: “Você não vai me dar um beijo, Melissa” (A menina se esconde, com o rosto virado, junto às pernas do pai) “Você ta morrendo de vergonha de mim, é isso?”

Robert: “Pra você!” (oferecendo o buquê de flores)

Fátima: “Ah, obrigada, muito gentil!” (pegando o buquê das mãos de Robert).

Fátima: “Encontrar pessoas que eu nunca vi e receber flores foi um ato muito gentil. Provavelmente a mulher dele não receba flores”.

Já dentro do carro dirigindo-se para a residência dos Stier. Robert dirige, ao seu lado está Fátima e atrás as três crianças.

Robert: “Você tem filhos?”

Fátima: “Tenho”.

Robert: “Quantos?”

Fátima: “Dois. Um de vinte e um e um de dezesseis.

Fátima em depoimento: “A gente tinha andado acho que tipo uns 5 a 10 minutos no máximo e eu tava sentindo um cheiro muito forte de gasolina. Ainda comentei: ‘Nossa, ta um cheiro forte de gasolina’”.

Robert, dirigindo-se a Fátima no carro: “Isto tá sendo muito complicado. O carro saiu da oficina ontem”.

Fátima depõe sobre o acontecido: “De repente começou a apitar um monte de coisa e ele falou assim: “Ah,...”

Robert para Fátima: “Este carro está doido”.

Robert depõe sobre o problema do carro na recepção a Fátima, todo sem jeito: “Pra mim foi um desastre. Exatamente aconteceu na hora errada”

Novo depoimento de Fátima: “Foi ver, tava vazando água, tava vazando óleo, tava vazando gasolina”.

Robert telefona e conversa com o mecânico: “Sim, você que eu faça o que?”

Fátima depondo no justo momento em que Robert telefonava para o mecânico: “Duro nessas horas que a gente não tem nem como voltar, né?”

Enquanto aguardam o mecânico chegar, Fátima perde a filha menor dos Stier e desesperada pergunta às outras crianças onde ela está.

Fátima: “Cadê a Melissa? Onde tá a Melissa?”

Fátima: “Primeiro dia, perder logo a filha menor... Vai ser drama..., né?”

Mas ela em seguida, com o olhar, ela localiza a menina e expressa alívio.

Neste meio tempo, chega um novo carro para a família Stier. E Robert o diálogo com Fátima, a fim de conhecê-la melhor. E pela situação comunicativa a seguir exposta, estavam falando da diferença de idade entre ela e seu marido, Charles.

Robert: Agora eu tô entendendo...”

Fátima: “Não. Você fez as contas, meu filho tem 21, ele tem 30. Impossível!” (Robert e Fátima riem muito da situação).

Os Tomaz recebem Mariene (Do aeroporto até a casa dos Tomaz)

Rafael: “Achei... Achei que a Mariene é perua. Quando eu a vi chegando no aeroporto, assim. Pareceu meio dondoquinha, tal”.

Charles:” Mas como a gente tinha imaginado milhões de pessoas, né? De rostos diferentes. Eu quase pensei numa loira de cabeça morena e de cabelo ruivo”. (Charles faz cara de que não gostou).

Conduzindo Mariene até o carro, Charles diz a ela para entrar pelo outro lado do carro, ao lado do motorista, posto que ela estava indo para o banco detrás.

Charles: “Por aqui”.

Mariene dá a volta para entrar pela porta do passageiro ao lado do motorista.

Já no trânsito engarrafado das avenidas de São Paulo. Rafael na direção, Mariene sentada ao seu lado e Charles atrás. Mariene conversa com sua nova família.

Mariene fala sobre sua família a Rafael e Charles.

Mariene: “Lourenço de 12 anos, Samira tem 7 anos e Melissa de 5. Bem sapecas.

Mariene: “Que trânsito é esse, meu? Primeira vez que eu saio, vou deixar os meus filhos com uma mãe estranha”.

Mariene: “Eu nunca saí... prá deixar eles. Eu sempre tô com eles”.

A cena é cortada e na volta Charles está respondendo a um questionamento de Mariene, possivelmente esta perguntou qual era a sua idade, pois a resposta de Charles foi:

Charles: “Trinta”.

Mariene: “Ah, você tem trinta? E ela tem...?”

Charles: “Quarenta e três”.

Família Tomaz apresenta sua casa a Mariene

Mariene ao adentrar no portão da frente da casa dos Tomaz, dirigindo-se a Charles e Rafael: “Casa de artista”.

Entram na casa e Mariene conhece Vanessa. As duas apresentam-se e se cumprimentam socialmente:

Vanessa: “Tudo bem?”

Mariene: “Tudo ótimo”.

Vanessa: “Vanessa”. (trocam beijos)

Mariene: “Prazer”.

Depoimento de Mariene sobre a primeira impressão dela em relação à morada dos Tomaz: “A primeira impressão é... Eu pensei logo se eu poderia ser artista, né? Pra morar aqui. (riso meio sem graça)”.

Charles para Mariene: “Este é um quadro meu e da Fátima. A casa foi a gente que pintou”.

Depoimento de Mariene: “Artista pra mim é outra coisa. Mas o que eu vi aqui, não faz parte de ser artista. Completamente diferente”. (começam a aparecer os conflitos pelas diferenças de crenças de Mariene em relação aos Tomaz)

A edição corta para um depoimento de Robert sobre Mariene, antes as troca começar: “Ela vai se divertir. Mariene é bastante criativa também. Mariene gosta de arte”.

Mariene para Charles, enquanto este continua a lhe apresentar a casa de sua família: “É grande sua casa, mas eu acho que só tem... É mal dividida ela, não? É grande, mas, eu acho assim... Uma coisa em cima da outra. Muito corredor que você poderia aproveitar de outras formas também”.

Depoimento de Rafael em relação à sua “nova mãe”: “Mudou um pouco a minha visão sobre ela, sim. Ainda acho que a Mariene é perua. Folgada (falando com desdém)”. (está sendo desenhado um relacionamento conflituoso entre Mariene e Rafael).

Mariene falando sobre suas impressões: “Falta de organização. Não tem nenhuma”. (a crença de que um lar deve ser organizado e sem sujeira é uma suposição factual de Mariene em relação a um contexto familiar, que vai conflitar o relacionamento com a nova família que não tem esta como uma crença ou valor necessário para ser uma família).

Depoimento de Rafael: “Não vai ter prá ela não”. (começa a surgir a animosidade)

As câmeras focam Mariene conhecendo a casa e destacando a bagunça da casa. A cozinha está desarrumada, com todas as louças por lavar e os produtos da alimentação sem serem guardados. Também focam a lavanderia e o quarto numa completa desorganização, tudo com vestígios de não ter sido arrumado desde que Fátima viajou. (Afim, como apontou Fátima, ninguém costuma ajudá-la na limpeza. E como Vanessa já depôs, ela só faz alguma coisa se a mãe mandar, caso contrário, ela não vê por que fazê-lo).

Na casa dos Tomaz

Mariene é apresentada aos pais de Fátima, cumprimenta-os. Enquanto isso, Vanessa prepara um suco para seus avós.

Em depoimento Vanessa diz: “Eu vi que ela era mandona e que ía sobrar tudo pra mim. Aí já me amolou já”.

Charles conversa com os sogros: “Eu tenho que sair andando porque tenho que levar as peças lá no atelier”.

Sogra: “Você vai trabalhar?”

Charles: “É!”

Sogra: “E ela vai sozinha lá no Conde?”

Sogra: “Olha cabeça...” (preocupado)

Mariene depondo diz: “Eu nem pensava que eu ia chegando e já ia ter que fazer isso, entendeu. Ele me encheu da rotina dele. Que a rotina dele é essa, essa e essa”.

Rafael em depoimento, justificando a atitude de Charles: “Ele não vai mudar a rotina da casa só porque ela tá aqui”.

Mariene embarca com Vanessa no carro dos Tomaz. Mariene depõe e afirma: “Eu peguei o carro e me mandei”.

Mariene, então, é guiada por Vanessa pelas avenidas e ruas de São Paulo. Chegam ao atelier, fazem a entrega e a moça que atende no atelier explica à Mariene que Fátima às vezes trabalha ali e, outras vezes, em casa.

Nos Stier

Enquanto Robert, Melissa e Fátima caminham em uma estrada de chão rumo à pousada dos Stier.

Fátima depõe: “Morar na praia, ter uma pousada, é um quadro totalmente diferente para quem mora em São Paulo. Uma casa e tal.

O programa exhibe imagens da pousada.

Em chegando, Robert apresenta a pousada a Fátima: “Aqui é a nossa pousada. Nós que construímos, nós que plantamos. Nós que fizemos tudo”.

Robert depõe: “Acho que, com certeza, vai ser um relacionamento saudável”.

Robert para Melissa (em alemão traduzido por legendas): “Cuidado. Você vai cair!”

Em depoimento Fátima: “Quando eu nascer de novo, eu quero nascer na bahia”.

Robert para Fátima, apresentando a pousada: “Ê, aqui a gente tem um pequeno restaurante. Também funciona pra o público, né?”

Robert, na cozinha, dirigindo-se a Fátima: “Aí, uma touquinha pra não cair cabelo na cozinha”.

Fátima: “Não... cheirinho de torta de limão”.

Robert em depoimento: “Com certeza vai ser uma troca de experiência pra ambos os lados”.

Robert apresenta as frutas locais, a praia, etc.

Fátima depõe: “O lugar é... Não tem o que falar. O lugar é maravilhoso. O lugar é... Não podia ser melhor”.

Nos Tomaz

Na primeira noite de convívio.

Mariene depõe, enquanto prepara sua comida: “Eu ainda não comi o dia inteiro. Só que agora bateu a fome de verdade”. Enquanto senta para jantar sozinha: “Um pouco esquisito você chegar numa casa e... Já é diferente da sua, entendeu? Você não come o dia inteiro e ainda falta energia. Eu tenho certeza que ela chegou na minha casa, ela encontrou tudo. Meu marido na mesa, meus filhos esperando ela, com almoço pronto. Eu cheguei aqui, ainda tive que fazer o meu almoço e ainda comer no escuro e sozinha. Nunca fui tratada assim, entendeu? Nem quando vivi fora do país me receberam dessa forma”.

Mariene conversa com Vanessa sobre a situação de comer sozinha que ela havia estranhado.

Vanessa: “Não é. É que a gente tá acostumado diferente”.

Mariene: “O que você vai passar para a sua família, no futuro?”

Vanessa mostra estranheza à pergunta, erguendo os ombros e franzindo a testa.

Mariene continua enquanto Vanessa apenas se mantém calada e com um leve sorriso no rosto: “Pelo que eu tô vendo, não vai passar muita coisa não, Oh. Esses tapetes aí tão tudo cheio de cabelo de gato. Não que eu seja,... que eu tenha nada contra os gatos não. Desde quando você cuide dele, limpe ele, dá banho no gato. O gato toma banho?”

A edição interrompe o diálogo com um depoimento de Mariene: “As pessoas têm costumes diferentes, mas, assim, sujeira...” (com cara de quem está com nojo).

Continuando a falar com Vanessa, Mariene afirma: “Aquela cozinha ali tá cheia de bactéria. Tá assim, Oh (passando os dedos na estante e mostrando a poeira a

Vanessa). Isso que vocês querem trocar de experiência? Se você fala que todos fazem. Fazem sim, sujar. Porque limpar aqui, pelo amor de Deus. Eu tava segurando até agora”.

Vanessa em depoimento: “Eu acho que eu queria pular um pouquinho dessas férias. Interessante”.

Mariene conversa com um amigo dos Tomaz que está na casa: “Vanessa me largou, me abandonou. Ela não me aceitou.

Vanessa, subindo a escada para ir para o quarto dela: “Galera, eu vou dormir, que a minha quota por hoje já deu”. Trancando a porta do quarto logo após.

Charles para Mariene: “Vocês já jantaram?”

Mariene: “Eu jantei. Só eu, sozinha”.

Charles e Mariene falam à mesa da cozinha sobre o que teria acontecido em relação a Vanessa.

Mariene: “Eu tô chegando. Você sabe por que eu cheguei na sua casa? Prá gente trocar experiência. Eu falei: Mas quem arruma a casa? Todo mundo junto, faz um pouco dali, outro faz de cá. Aí ela oh, me deu as costas, foi embora e eu...”

Rafael está ouvindo a conversa dos dois de pé.

Charles depõe: “Aconteceu mais rápido do que eu imaginava. Eu não devia ter me espantado com isso. Misturar pessoas que nunca se viram e, de repente, querer que óleo e água se misture, é bem complicado”.

Rafael começa a conversar com Mariene:

Mariene para Rafael: “Aonde vocês faz faxina?”

Rafael: “Na casa inteira”.

Mariene: “Eu não vejo”.

A discussão começa a esquentar e os ânimos de Rafael começam a mudar.

Mariene: “Eu faço, sim. Justamente é por aí”.

Rafael: “Eu te respeito. Vou deixar você falando, certo?”

Mariene: Oh, quando alguém...

Rafael: Eu tava falando e você tá falando por cima.

Mariene: “Exatamente. Porque você tá muito mal acostumado, isso sim”.

Rafael, furioso: “Eu sou muito bem educado”.

Charles tentando intervir para acalmar os ânimos: Rafael, Rafael?

Mariene: “Não, acostumado. É outra coisa”.

Charles para Mariene: “Calma aí, só um pouco”. (colocando sua mão sobre a de Mariene).

Rafael, ainda bravo: “Eu sou muito bem educado”.

Mais algumas discussões.

Rafael: Cê acha que tá suja?

Mariene: “Não tá suja?”

Rafael: “Eu perguntei. Só responde”.

Mariene: “Eu acho”.

Rafael: “Acha? Limpa!” (saindo pelo corredor que se dirige à sala).

Mariene em depoimento: “Se você entra dentro de casa, cansado de um dia de trabalho dentro de uma casa dessas. Eu não teria vontade de voltar prá casa não. Eu preferia dormir no banco da praça” (chorando).

Rafael volta para a cozinha e novamente conversa com Mariene: “Uma suposição. Mesmo se você dissesse que eu sou obrigado. Eu toparia”.

Mariene: “Olha Rafa, Eu acho melhor você ir dormir, viu Rafa. Depois é melhor, a gente conversa amanhã, realmente.

Rafael: “Chega na minha casa e me manda eu dormir, cara...” (acenando negativamente com a cabeça).

Charles em depoimento: “Foi um completo desastre. Exagerado”.

Mariene continua a conversar com Charles na cozinha: “E você viu que me chamou de puta” (apontando para a direção que Rafael tomou). “Fala prá ele: ninguém me chama de puta” (com o dedo em riste e querendo chorar).

Charles, com a cabeça baixa: “Tá!”

Mariene: “Não sabe, eu ensino assim (batendo com as duas mãos), em dois tempos”.

Charles: “Tá!” (ainda com a cabeça baixa e acenando positivamente).

Mariene em depoimento: “Este tipo de casa era o meu pior pesadelo. Sabia que ia incomodar muito se eu chegasse numa casa e fosse igual a essa”.

Depoimento de Robert: “Prá ela vai ser uma experiência muito boa com dois filhos adolescentes”.

Rafael depõe: “Prá ela vai ser bem difícil esta semana, não só difícil, bem difícil” (com cara de quem fica satisfeito ao dizer isso).

Robert: “E com certeza vai ser um bom convívio”.

Fátima apontando as diferenças entre a sua família e a dos Stier: “Por mais que tenha briga, que tenha bronca, tenha desavença, isto é o calor da família, Não sinto isto aqui”.

Neste ínterim, o programa anuncia às participantes que, em relação ao prêmio de R\$ 25.000,00 a que terá direito cada família participante, quem definirá em que será gasto o dinheiro na família Stier, será Fátima e, em relação aos Tomaz, será Mariene Tal informação não será repassada aos demais membros de cada uma das famílias.

Reação das mães à notícia de que elas terão a incumbência de decidir como as novas famílias irão gastar o dinheiro do prêmio.

Fátima dirigindo-se a alguém da produção que lhe comunicou o fato: “É uma responsabilidade muito grande. Porque se você errar a tacada, tudo isso foi em vão”.

Fátima, demonstrando muito nervosismo continua: “É pesado. Você espantou o meu sono”.

Mariene: “Eu já começava pela cozinha.”

“Como ela saiu dia a dia com as crianças, ela vai ver o carro, entendeu? Ela vai ter que dirigir.”

As duas mostram-se preocupadas.

Na casa dos Stier

Já é de manhã cedo e, enquanto Fátima continua a dormir (ela tem um cinzeiro cheio de tocos de cigarro ao lado de sua cama, no chão), todos na casa já se acordaram. Robert e Lourenço estão vendo os cavalos para a cavalgada que eles farão naquele dia. Melissa e Samira brinca na em uma rede na varanda da casa.

Surge uma situação comunicativa entre Samira e Melissa.

Samira diz: “Eu não quero que ela pinte o meu cabelo de laranja, não”.

Melissa: “Vermelho!”

Samira: “Laranja!”

Melissa: “Vermelho!”

Robert em depoimento: “Por enquanto eu to me sentido muito... um pouco não, muito sobrecarregado. Ela sempre aparece depois que ta tudo pronto” (risos).

Robert para Lourenço: “Vamos lá acordar. Vamos lá”.

Robert: “Os meninos tão tudo colado em mim, qualquer segundo que eu tenha, eles... É normal, né? A mãe não ta presente”.

Robert e Lourenço batem à porta de Fátima.

Robert: “Dia. Desculpa aí, mas tá na hora. A gente tem que se arrumar, senão não dá tempo”.

Fátima: “Não, não, eu já tinha levantado” (com cara e voz de sono).

Roberto depõe: “Tava amanhecendo. Tava sentado lá e ela pisou no cinzeiro cheio de ponta de cigarros, né? Achei meio estranho”.

Fátima: “Eu perguntei, quando pedi o cinzeiro, se eu podia fumar lá no quarto. Me deram o cinzeiro e tudo bem”.

Robert: “É... se tolera. Mas a saúde é dela”.

Fátima: “Onde tem cinzeiro você pode fumar. Eu acho”.

Nos Tomaz

Mariene: “Acordei com medo, até acordei chorando. Em silêncio, porque eu tava com medo que hoje fosse igual. O que eu poderia fazer para mudar e como fazer”.

Mariene: “Vou tomar café na padaria”.

Mariene na padaria com o atendente de balcão: “Um café com leite, por favor, e um pão de sal. Com manteiga”.

Vanessa referindo-se à relação entre Mariene e Rafael: “Acho que não mudou nada nem prá ela e nem prá ele. Porque, pelo que eu entendi, a briga de ontem não foi muito agradável. Pelo menos ele é fácil de esquecer. Acho que se não tivesse acontecido aquilo ontem, teria tudo de boa, mas acabou que aconteceu”.

Charles: “Eu achei que ía dormir rápido, mas tinha que rever algumas coisas na minha cabeça”.

Charles acorda e encontra Mariene sentada próximo à churrasqueira e a cumprimenta com um beijo no rosto.

Mariene para Charles: “E aí dorminhoco? Dormiu bem?”

Charles: “Dorminhoco? Não tem noção...”

Mariene: “Quem resiste, então?”

Vanessa também dá um beijo no rosto de Mariene e, logo em seguida, Rafael chega e a cumprimenta da mesma forma, porém, ela percebe que ao entrar e cumprimentá-la, Rafael estava falso, ou melhor, que o olhar dele está falso.

Mariene diz o que pensou naquela hora: “Ih, virou pit bull”.

Rafael em depoimento: “Eu deixei de acreditar em chapeuzinho vermelho e lobo mau há muito tempo atrás”.

Mariene reúne-se com toda a família na mesa da cozinha.

Mariene: “Nós podemos sim arrumar a casa, os quatro como o Rafael falou, mas tem uma coisa que nós não podemos fazer que é a limpeza do carpete”.

Vanessa: “Ta sendo estranho assim. Ela ta querendo mudar muita coisa de uma vez só”.

A apresentadora do programa diz que conflitos existem na inserção de Mariene na família Tomaz e que Mariene acha a família desleixada.

Nos Stier

Enquanto isso, Fátima vai a uma cavalgada com a família Stier.

Robert: “Como no ônibus foi engraçado. Claro, os amigos logo ofereceram cachaça. Quando chegamos lá no Jardim de Ala, ela viu a praia e... Vamos embora, descer, pegar os cavalos”.

Fátima: “Eu olhei aquele mar, aquela areia e eu só queria tirar o tênis e pisar um pouquinho na areia”.

Robert: “Oh, vou aqui na praia molhar os pés” (referindo-se à fala de Fátima). Eu falei não, me desculpa aí, mas não dá. Tem que pegar os cavalos, tem que carimbar, tem que fazer exames,...

Fátima: “Ele falou assim, ó: Não primeiro vamos cuidar dos bichos. Primeiro vamos carimbar, primeiro vamos fazer isso. Depois você vai ter muito tempo prá fazer isso”.

“Tudo bem”.

Robert: “Então tá, acho que ela ficou aí, sonhando e não viu nem o que aconteceu”.

Fátima: “Gosto de cavalo, sabe. Só que eu preferia tá lá, na praia andando na areia, com o pezinho na areia. Eu to começando a não gostar dessa história”.

Fátima: “Fiquei, acho, que umas duas horas com o cavalo como se ele fosse um cachorrinho atrás de mim e eu um cachorrinho atrás dele”.

Fátima, sentando-se na relva, próximo à praia com o cavalo seguro pela mão: “Tomara que me esqueçam aqui”.

Nos Tomaz

Mariene: Eu não entendo como é que uma família possa viver numa sujeira terrível dessa”.

Charles: “Tudo isso começou porque a casa estava desorganizada e suja em um determinado ponto de vista”.

Mariene: “E aí ficava até com medo de acordar e descer prá vê toda essa sujeira que tava aqui”.

A família começa a faxina geral.

Vanessa: “Ela gosta de mandar um pouco e fazer pouco, muito pouco. Posso ta errada”.

Rafael: “Ah, eu quero a minha mãe de volta. Urgente”.

Mariene para Charles: “Mesmo quando você faz a comida, o certo é, você não vai comer, você vai ter que esfriar ela e ir direto prá geladeira, porque baixou a temperatura um monte de bactéria vai ali e ataca ela”.

Mariene para Charles, em um momento a seguir: “Eu acho que sua casa tá precisando disso, entendeu? Quando você falou que o povo trabalha muito e não tem tempo, então, eu posso ajudar os dias que tô aqui a fazer isso”.

Chega a equipe da empresa que vai limpar o carpete. Mariene fala com eles: “Primeiro eu gostaria que vocês fizessem aqui a sala, porque temos pressa um pouco de arrumar”.

Charles comentando sobre a limpeza do carpete: “Ficou legal, proposta nova, foi criativa. Ficou limpo, ficou cheiroso”.

Mariene para Vanessa: “Até aqui agora. Só falta o fogão”.

Mariene para Vanessa: “Tu tá ajudando ou tá gastando os créditos do celular, amor?”

Vanessa: “O quê? Só um pouquinho”.

Mariene: “Só um pouquinho? Deste jeito é um poucão”.

Mariene: “Deixa seus créditos prá depois, rapaz”.

Vanessa: “Não vi diferença nenhuma na limpeza. Como se fosse uma limpeza feita pela gente”.

Nos Stier

Robert: “Ela gostou da cavalgada sim. Acho que ela ta curtindo de uma forma”.

Fátima: “Daí prá frente, foi muito legal. Não foi só pelo Lourenço que tava junto, o Robert, é lógico, teve a participação dele, mas os amigos dele são muito gente fina”.

Nos Tomaz

Mariene: “Estinca” (falando sobre o cachorro da família Tomaz).

Vanessa: “Quê?”

Mariene: Estinca quer dizer fedorenta”.

Vanessa: “Eu só lavo ela uma vez normalmente. Nem xampu, nem esfregar com a escovinha” (com a voz alterada, com sarcasmo).

Mariene: “Comigo eles... Dá tempo de eles aprenderem muita coisa comigo. Se estiverem abertos prá aprender”.

Rafael: “Uma limpeza como eu faria. Comum, como todas as outras”.

Mariene: “Eu já até escutei um amigo falando que, quando a mãe dele voltar, vai levar um choque de limpeza que vai encontrar na casa”.

Nos Stier

Fátima ao falar com um companheiro de cavalgada: “Se eu não tiver de pé amanhã, pelo menos de jelho eu tenho que ta, né? Prá andar...”

Robert: “É duro, falei prá ela. Casquinha e cereal. Pára, é melhor. Acho mais fácil você parar. Que vai encarar” (referindo-se à situação que ela ficaria após a cavalgada).

Robert: “Vai chegar em casa, vai tomar banho”.

Fátima: “E não é sono, é...”

Robert: “Vai cair água pelas costas assim (demonstrando) Aí você vai, Ah...”

Fátima: “Amanhã, provavelmente vai ta roxo. E dói muito, cara. Dói muito”.

Robert: “Amanhã ta toda quebrada. (risos) Aí, eu vou lhe dá já um hipogloss”.

Robert: “Bom, os meninos não comeram o dia todo. E daí, dá prá você providenciar comida pros meninos. Aí os meninos foram atrás de mim. Ela nem se preocupou.

Quando eu cheguei eu fui pega comida. Aí, depois ela: Ah, desculpe é que...”

Fátima: “Na verdade, é lógico, tem a fome e tem a sede, mas elas tão chamando pelo pai”.

Robert: “Podia ajudar um pouco. Os meninos tavam morrendo de fome”.

Samira: “Ela não viu minha irmã faze xixi. Só isso”.

Robert, referindo-se a Fátima: “Não conseguiu entrar na família, não. Também, é muito difícil de se chegar e fazer o que a gente faz”.

Nos Tomaz

Mariene: “Hoje à noite eles me convidaram prá ir com eles numa portuguesa, ali... Um espetáculo folclórico que ia ter lá, né?”

Rafael: “Tínhamos que ir, sozinha que ela não podia ficar”.

Rafael, ao falar do convite que ele fez a Mariene para dançar com ele: “Tirei prá dançar antes porque, afinal de contas, a pedido, né?”

Mariene: “Achei que ele tava sendo sincero. Já tava tudo assim normalizado”.

Rafael: “Posso até tentar me esconder dela. Não dançar. Mas, se ela tem um pouquinho de inteligência nesse ponto, um pouquinho de sagacidade, ela pegou. Não tem como esconder, num...”

Mariene: “Ah, muito bonito que eles tavam, assim, seguindo uma cultura dos avós”.

Rafael: “Mariene falou que gostou. Só que eu... A credibilidade dela comigo tá em baixa, então, não sei realmente o que tirar disso”.

Mariene: “Quero água de beber, pai”.

Charles: “Se você souber administrar as pessoas, você consegue tudo”.

Mariene, falando de Fátima: “Como ela não sabe o que é disciplina, lá em casa é que ela não vai gostar”.

Rafael falando sobre a mãe: “Acho que ela vai voltar energizada”.

Fátima: “Eu pegaria um avião agora prá voltar”.

Mariene: “Dá prá agüentar um pouquinho mais. A baiana é arretada”.

Robert: “A vida dela é diferente. De vez em quando eu penso que ela é uma sonhadora”.

Fátima: “Prá algumas pessoas a necessidade é ter um jardim. Eu necessito. Prá outros é pagar o aluguel”.

Mariene: “Necessidade todo mundo tem, mas como vai usar essa necessidade?”

Robert: Não, eu acho que a Fátima não vai dar certo na pousada não”!.

Nos Tomaz

Mariene: “Eu acordei o Charles e falei com ele que eu tava convidando ele prá tomar café da manhã com as crianças fora”.

Na Lanchonete:

Mariene: “Eu vou querer um café com leite médio”.

Charles: “Nos alimentamos bem, diferente do que a gente costuma fazer. Que o nosso café da manhã na verdade é as duas horas da manhã. A gente toma café antes de dormir”.

Mariene (falando sobre o Rafael): “E achei ótimo o café da manhã. Falei um pouco com ele, entendeu? Prá não me ver assim pelas costas que... que tudo é normal, tudo passa na vida, não?”

Charles: “Depois fomos pro MASP. Tem uma feira de antiguidades e artesanato lá”.

Mariene fala com Rafael na feira: “Eu não posso perder nada (risos). Eu tenho que ver tudo”.

Nos Stier

Robert: “Hoje fomos prá Aimbé, né? Visitar a aldeia hippie prá ela conhecer, que ela tanto queria conhecer a aldeia hippie”.

Robert no carro fala com Fátima: “Quando cheguei aqui eu era guia turístico”.

Fátima: “Você?”

Fátima: “Aimbé, maravilhoso. Totalmente alternativo”.

Moradora da aldeia conversa com Fátima: “Não tem energia, a energia nossa aqui é a divina”.

Continua: “Mundialmente conhecido aqui, né? Porque a Janis Joplin passou, né?”

Fátima: “Fui um pouquinho até a praia. Conheci o artesanato,...”

Robert para Melissa: “Não, não é prá abrir não. É arte também, tá todo cheio de colagens”.

Melissa: “Que horrível!”

Fátima: Não tem como descrever. Muito legal. Muito legal mesmo”.

Robert: “Eu senti a expressão dela. Acho que mudou. Hoje tava mais solto”.

Nos Tomaz

Mariene para Rafael, na feirinha do MASP: “Olha só que legal aqui, o tamanho da...” (fazendo mímica de quem está tocando sanfona)

Rafael: “Da sanfona”.

Mariene: “Da sanfona”.

Charles: “Nós compramos um presente prá Fátima, prá vinda dela”.

Vanessa par Charles: “Nossa, cara. Minha mãe ia pirar com isso, hein?” (um chapéu de bruxa roxo que Vanessa estava colocando sobre a cabeça).

Mariene: Depois fomos almoçar com o avô e a avó”.

Charles: “Receberam a Mariene, conversaram, ficaram curiosos”.

Mariene: “Foi o primeiro dia, que, assim, foi um almoço realmente gostoso entre família. Bater papo. Normal. Depois, todo mundo levanta da mesa e vai ajudar na cozinha. Uma vida normal como eu gosto de ter, entendeu?”

Nos Stier

Foram visitar o projeto TAMAR.

Melissa: “Agente levou a tia Fátima lá prá Praia do Forte prá ela vê os peixes e as tartaruga”.

Fátima: “Eu to chorona, eu não sou chorona”.

Robert: “Agora eu fiquei decepcionado”.

Fátima: “Não, não fique decepcionado. É que a saudade é muito forte”.

Robert: “Pó. Eu sabia que já tava em contagem regressiva. Eu não sabia, não”.

Fátima: “Em seguida, a gente foi prá feijoada. Tinha música ao vivo. Pessoal, prá variar, bem animado, bem receptivo, bem caloroso. Eu me senti como se conhecesse eles há muito tempo. Eles são muito legais”.

Nos Tomaz

Eles chegam do passeio.

Mariene encontra fezes de gato no chão da cozinha.

Mariene: “E isso aqui é o quê? Depois diz que os gatos não faz nada”.

Charles sobre o acontecido: “Eu acho que ela tem uma visão muito, muito, muito é... pequena duma criação, duma vivência com gatos”.

Mariene: “Isso é muito ruim. E acha, e me acha ruim porque eu falo. Ah, se falo”.

Mariene para Charles: “Procurei tomate e não tinha”.

Charles, examinando a geladeira: “Ah, ta, então não há. Pode ver aí, tá...”

Mariene: “Por favor, aproveita pega uma água sanitária”.

Já na sala a conversa continua:

Charles: “Você não ta entendendo. Eu quero fica aqui. De todo jeito o rafael falou assim: ‘Vem jogar videogame comigo’. Então vou prá ficar, jogar um pouco”.

Mariene: “Porque a máquina lava sozinha. Ela não precisa de você né?”

Charles: “Tudo bem, mas ela vai precisar que eu compre o sabão, não vai?”

Mariene: “Exatamente, porque to vendo que não tem sabão lá”.

Charles: “Só que...”

Charles começa a explicar a Rafael o que está acontecendo: “Ela vai por a roupa, só que não tem o sabão. Só que eu não vou sais agora, porque eu já falei que ía jogar”.

Ao mesmo tempo, Fátima fala com Vanessa, que também está na sala: “Não porque eu queria adiantar ali as roupas. Eu tenho uma idéia assim: a máquina vai lavando enquanto tá assistindo televisão”.

Charles, voltando a conversar com Mariene: “Quando eu falo prá eles que eu vou fazer alguma coisa, eu não mudei de idéia.

Rafael comentando o acontecido: “Aexperiência acaba em sete dias, mas as coisas boas vão prá vida toda.” E continua: “E o meu pai, o Charles. Eu já o admirava antes, hoje eu admiro um zilhão de vezes mais”.

Nos Stier

A festa continuava, mas...

Fátima: “Sumiu todo mundo. Sumiu Lourenço, sumiu Mel e sumiu Samira.

Todos procuram pelas crianças.

Fátima: “Eu não acho Samira”.

Robert (alterado): “E você deixou onde as crianças?”

Fátima (defendendo-se): “Eu não deixei as crianças. Samira saiu andando e foi prá casa jogar videogame. O Lourenço saiu agora de moto e Mel foi com o carro...”

Robert interrompe, parece zangado: “Ô, cadê a sua responsabilidade?”

A edição coloca o depoimento de Fátima neste instante: “Os filhos são dos dois. Por que só um senta e conversa a tarde inteira e o outro só cuida dos filhos”.

Robert comenta: “Tem que falar com mais autoridade”.

A discussão continua:

Fátima: “Não adianta eu falar gritando se ela não pára prá me ouvir, ela vai embora. Ela não dá satisfação”.

Robert: Ah, mas tem que me avisar se ela sai”.

Robert sobre o acontecido: “Acho que faltou diálogo”.

Robert falando com Melissa e Samira: “A Fátima tava reclamando aqui que ela fica olhando vocês e vocês saem e não avisam nada. Então tá”.

Fátima c/Melissa: “Você me avisa da próxima. Promete?”

Robert comentando: “A conversa foi boa e surtiu efeito”.

Nos Tomaz

Mariene: “Vanessa, vem cá, por favor amor?”

Vanessa atende o chamado.

Mariene mostra novas fezes do gato no chão da cozinha: “Oh!”

Vanessa pega um papel e limpa.

Mariene falando sobre o gato que está rondando na cozinha: “Se ele não comeu de manhã deve estar com fome”.

Mariene: “Fala que ama o bichinho, aí dorme até meio-dia. O bichinho ainda não comeu”.

Vanessa: “Mariene é você que tem tirado a comida dos gatos daqui” (apontando para o local em que a comida dos gatos costuma ficar à disposição todo o dia)

Mariene: “É, eu tirei hoje de manhã”.

Mariene: “Também comentei que... que ficá botando comida pro gato dentro da cozinha não é necessário. Não precisa disso”.

Mariene: “Precisa dá comida dentro de casa”.

Charles: “Precisa estar no lugar que eu escolhi prá o gato comê. Concorda? É meu gato, minha casa e eu ponho onde eu quiser”.

Rafael falando com amigos na sala, sobre o diálogo de Mariene e Charles na cozinha: “Tá querendo arrumar uma treta. Ela tá querendo pilha uma pessoa que não sabe o que é isso”.

Rafael mostra a mão trêmula aos amigos, pois está nervoso com a discussão de Mariene e Charles.

A amiga diz: “Nós temos cinco dedos na mão e os cinco são diferentes”.

Amigo: “Mas eu só mostro um neste tipo de situação”

Amiga: “Isso. Eu também”.

Mariene: “Problema deles. O interesse em gatos... Eu falo o que penso. To pouco me lixando que alguém ta gostando ou não”.

O diálogo na cozinha continua:

Mariene: “Não gostar de limpeza? Prá gostar de sujeira?”

Charles: “É uma opção Mariene”.

Mariene: “De ficar no cocô do gato, cheirando?”

Charles: “É uma opção”.

Mariene: “Deus é mais”.

Charles: “Se você quer fala que você acha que a gente é porco, que acha que isso e aquilo, é problema seu, não meu”.

Mariene: “Isso aqui, prá falar a verdade, realmente é bicho que dói.”

Charles: “Olha aqui, eu acho isso e pronto”.

Mariene: “O gato pode fazer cocô dentro do seu prato e você chuta prá o lado e come o resto?”

Rafael, referindo-se a Mariene: “Uma pessoa extremamente preconceituosa com idéias novas, idéias diferentes da dela”.

Mariene: “É todo mundo farinha do mesmo saco. Todo mundo vê igual. E se alguém vê diferente nós apóia aquele outro justamente prá não falar a verdade, prá não machucar”.

Rafael fica nervoso após a discussão de Charles e Mariene. Começa a chorar e Vanessa e Charles vêm consolar.

Charles para Rafael: “Tá tudo bem?”

Rafael faz sinal positivo com a cabeça, as mãos cobrindo o rosto.

Charles: “Tem certeza?”

Novamente Rafael faz sinal de positivo, o rosto ainda coberto pelas mãos.

Charles: “O que foi, o que tá sentindo?”

Enquanto isso Vanessa acaricia a cabeça do irmão.

Rafael: “Hoje não deu. Hoje segurei tudo prá mim e isso, no meu físico, acabou comigo”.

As cenas mostram Rafael deitado na cama com a camisa aberta. Charles está de pé abanando Rafael, enquanto Vanessa está junto a Rafael procurando acalmá-lo.

Mariene comenta o mal estar de Rafael: “Acho que foi frescura hoje. Não gosto da verdade e doeu. E o coração acelera um pouco, daí já que água com açúcar. E a baiana vai mostrar realmente, até o último dia, que vai te limpeza sim. Que existe, entendeu? Que existe organização, sim, prá fazer uma limpeza”.

Rafael: “Sairia daqui agora para os braços da minha mãe. Porque ela... ela ta fazendo muita falta”.

Ainda faltam três dias para terminar a troca, alerta a apresentadora do programa.

Nos Stier

Fátima está para sair para fazer alguns serviços para Robert e levar as crianças à escola.

Robert, mostrando um relógio de pulso para Fátima diz: “Me coloca um pino, por favor”. Depois ele mostra uma peça do carro e fala: “Comprar esta válvula prá o carro. Aqui dinheiro prá o pedágio e os dois depósitos que têm que ser feitos” (alcançando o dinheiro e os depósitos para Fátima fazer). Fátima ouve e pega tudo.

Fátima está prá sair, Robert a chama: “Aqui..., peraí, peraí, peraí. Olha aqui tem celular. Com certeza vou lhe abusar”.

Novamente Fátima está prá sair e Robert a impede dizendo: “Peraí, ainda tem coisa aqui”.

Robert: “Acho que ela nem dormiu direito com medo de perder o horário. E percebi que ela tem medo de mim, não sei porquê”.

Fátima: “Ao que eu vejo, é mais ou menos assim, as coisas funcionam como Robert quer”.

Robert: “Acho que, no final, prá alguém tremer, alguém tem medo de mim”.

Robert está com as crianças no quarto preparando-as para a escola.

Robert: “E o lanche? Você arrumou o lanche Fátima?”

Fátima: “Ontem a gente não conversou sobre o lanche. O que eles costumam levar?”

Robert: “Não, então dá um real, dois reais prá cada um. Eles compram um lanche no colégio”.

Fátima (apreensiva) referindo-se ao comportamento de Robert: “Até no jeito de falar, de perguntar coisas simples. Hoje foi...”

Robert: “Nunca briguei com ela. Então não faço idéia porquê”. (referindo-se ao fato de que Fátima lhe tem medo).

Fátima sai com as crianças para levá-las à escola e para cumprir as tarefas designadas por Robert. Robert despede-se.

Fátima: “Lourenço me lembra muito a criação que dei pros meus filhos. Não te ignora, não fz de conta que tu é uma abelhinha. Porque às vezes eu olho prá ele e sinto um certo conforto”.

Lourenço chora e diz: “Tô sentindo falta de minha mãe”.

Fátima deixa as crianças na escola e sai para cumprir as demais tarefas.

Nos Tomaz

Mariene e Vanessa andam pelas ruas do comércio de São Paulo (no Brás).

Vanessa: “O passeio hoje pelo Brás foi tranqüilo assim. Ficamos vendo umas lojas. A Mariene comprando algumas coisas. Foi calmo”.

Vanessa: “Não sei quem tema melhor lábia aí. Foi difícil”. Referindo-se a uma compra que Mariene fez no Brás.

Mariene: “Ah, comprei um pouquinho. Também, ninguém merece ir lá e não compra nada, né?”

Mariene falando com o gerente da loja: “Tá vendo aí que o senhor faz a confusão. Manda eu coloca o jeans, gosto do jeans e o senhor não tem coragem de me dar desconto”.

Mariene: “Primeiro ele não queria dar desconto, né? Ele só tava lá oferecendo o jeans, achando o jeans dele os mais lindos”.

Gerente falando com Mariene: “Esta calça custa R\$ 48,00”.

Gerente falando com a vendedora: “Ce fez quanto? R\$ 35,00?”

Funcionária: “33”.

Mariene: “Ai, ai, ai...”

Gerente c/Mariene: “Fazer o preço do atacado amor, por ser gentil, que você merece”.

Gerente c/vendedora: “Você vai fazer prá ela R\$ 32,00, só pra aju..., só prá não dizer que você não fez nada”.

Mariene: “Deixa 30 moço”.

Após a compra, Mariene sai da loja e cumprimenta o gerente com um aperto de mão.

Mariene: “Quem não chora não mama” (risos).

Nos Stier

Fátima está no supermercado: “Fui providenciar algumas coisas prá o Robert: depósito, peça de carro, relógio e correr atrás das coisas da festa”.

Robert liga para ela no celular.

Robert: “Podia ter avisado. Não? Vou me atrasar um pouquinho, não deu prá resolver tudo”.

Fátima ao celular: “Já to saindo daqui da padaria. Eu to na padaria”.

Robert: “Preparei almoço e talvez foi uma falha minha que não tinha dito o horário que a gente... Eu só tinha dito o horário que buscasse os meninos na escola”.

Fátima: “Vou curtir. Vou fazer tudo que é prá fazer. Vai entrar por aqui (mostrando os ouvidos) e sair por ali”.

Fátima: “Ele se acha o mais inteligente, o mais poderoso, o mais sabido”.

Fátima pega as crianças na escola e as leva par casa. É a hora do almoço da família e todos estão à mesa na varanda.

Robert procura convencer Melissa a comer, falando com ela em alemão.

Fátima comentando sobre o acontecido no almoço: “Eu tenho muito parente fora do Brasil. Eu tenho parentes na Alemanha. Eles vêm visitar a gente. Quando você sabe que as pessoas não falam a mesma língua que você, você não usa essa segunda língua”.

Fátima: “Não sei falar alemão. Foda-se”.

Nos Tomaz

Mariene chega da cidade e cumprimenta Charles com beijos no rosto.

Mariene: Pensei que tava... Ô, desculpe, assim, ah... (porque ao dar um beijo no rosto de Charles, quando ela fez menção de dar o outro, ele estava com o rosto virado e foi obrigado a virá-lo novamente para receber o outro beijo).

Charles: “Minha parede, ah”.

Mariene: “Ai, ai, ai. Que está ficando ótimo”.

Mariene fala sobre Charles: “Ele inventou lá que ele disse que é uma decoração chinesa, sei lá, hábito chinês”.

Mariene (olhando fezes da cachorra): “Fez, foi? Pelo amor de Deus! Poxa, tu já limpou tudo aí?”

Charles: “Já”.

Mariene: “Oh, ninguém merece, não”.

Vanessa: “A Mariene acha que, pelo que eu percebi, só a opinião dela ta certa e vai até o fim prá provar que os outros tão errados”.

Mariene encontra mais fezes da cachorra: “Hu...” (com nojo).

Vanessa: “Você? Oi, que nojo!” (indo limpar as fezes e falando com a cachorra: “Sua nojenta”).

Mariene: “Isso é novidade prá você por acaso?”

Charles: “Não é novidade, mas...”

Mariene: “Não é novidade”.

Vanessa: “Ui, Griniver!” (com dois sacos plásticos nas mãos).

Mariene: “Quer almoçar, Vanessa?”

Vanessa: “Não, obrigada”.

Mariene: “Leite só tira o apetite”.

Mariene: “Por que não?”

Vanessa: “To sem fome”.

Rafael: “Ela é sincera. Isso é uma qualidade. Quando qué, ela é ativa”.

Charles: “Tchau!”

Mariene: “Então deseja o que no teatro?”

Charles: “Merda”.

Mariene: “Por que?”

Vanessa: “Porque é assim”.

Mariene: “Porque dá sorte?”

Rafael: “Quando qué, ela é ativa”.

Mariene: “Simbora, simbora. Que nessa festa de hoje eu tenho que ta bem bonita”.

Vanessa: “É isso aí”.

Elas vão ao cabeleireiro.

Mariene: “Relaxei um pouquinho, pé e mão e o cabelo. Bem legal. Só prá quem pode bem, não é prá quem qué não”.

Depois de toda arrumada no cabeleireiro – Mariene: “Quando eu chegar em casa, Charles vais pensar que trocou de novo de esposa, viu? (risos)

Nos Stier

Fátima para Melissa: “Cê lembra o que que a professora mandou fazer? Hã? Lembra ou não?”

Melissa, deitada no sofá, não quer falar.

Fátima: “Melissa”.

Melissa se vira de costas para Fátima.

Fátima: “Ok, papai Robert vai resolver. Eu não vou me estressar com você”.

Fátima: “Criança faz birra mesmo prá conseguir o que quisé. E ela ta me testando”.

Fátima continua: “Eu não precisava ta passando por isso. Sabe quando você não precisava? Tipo assim, quero que se foda”.

Fátima para Melissa enquanto esta desenhava: “Melissa vamo junto na língua do A”.

Melissa nem dá bola.

Fátima: “Mãe é isso que você ta vendo. Tem que fazer a lição. Você tem que ficar em cima. Ou, então, você larga de mão”.

Fátima para Lourenço: “Qual é a parte de matemática que você tá? Você traça uma, legal, vamo embora”.

Fátima: “Sinto muito, mas eu to cansada”.

Fátima para Melissa: “Eu sei querida, na sua mochila não está o seu material”

Melissa: “E eu sei também” (falando alto, zangada).

Fátima, sentada atrás de samira, suspira cansada.

Nos Tomaz

Mariene e Fátima, como parte da troca de famílias, devem realizar uma festa para os amigos e parentes de sua nova família.

Mariene recebe os funcionários que vão trabalhar na execução de sua festa.

Vanessa: “Quando ela falou em bufet eu esperava um bufet normal, agora não bufet baiano”.

Mariene vai servir na festa típica baiana: acarajé, bobó de camarão, muqueca, farofa de banana, etc.

Mariene está ajudando a montar a festa. Ela coloca sal grosso no portão de entrada da casa dos Tomaz.

Mariene: “Eu botei ali um sal grosso na porta prá energia boa levanta. Que essa casa ta precisando um pouquinho”.

Mariene fal aos que estão preparando a festa que os que passarem pelo sal grosso vão pensar que é macumba da brava e todos riem muito.

Vanessa: “Eu preferi não pisa”.

Nos Stier

Fátima: “Cê dá banho nas crianças, então, cê faz esse favor?”

Robert: “É claro, faz o que, né? Você ta ocupada” (risos).

Fátima: “Obrigada”.

Fátima está preparando arranjos com fruta para decorar as mesas em sua festa.

Robert: “Ela se empenhou tanto prá festa que esqueceu as outras obrigações”.

Fátima contratou um cantor e está agitada nos preparativos da festa.

Fátima: “Foi uma correria. Sabe quando você tem a impressão que vai dá tudo errado num evento?” (risos).

Fátima: “Com licença, boa noite” (para Robert e sua irmã). Boa noite, tudo bem, já tomaram banhinho, já? (para as crianças)”.

Fátima: “Vou tomar banho rapidinho. Ce vai tomar banho em seguida? Ce já tomou? Não? Né?”

Robert: “Não, primeiro as crianças”.

Fátima: “Crianças”.

Robert: “Mariene não faria dessa forma. A gente faz festa, mas em primeiro lugar a família”.

Fátima: “Mochilas estão em ordem prá amanhã”.

Robert: “Fizeram o dever?”

Fátima: “Fizeram o dever”.

Fátima: “O foco é só direcionado só pras crianças. Crianças, crianças, crianças. Eu acho que a Mariene precisa de um tempinho prá ela”.

Nos Tomaz

Mariene recepciona os amigos e parentes de Fátima.

Mariene: “Vieram uns amigos que ele não conhecia. Amigos do amigo dele, que trouxe assim quatro pessoas que ele não gostou muito”. (referindo-se a Charles).

“Como eu não conhecia, claro, recebi todo mundo e apresentava prá ele”.

Ela apresentava Charles a todos que chegavam dizendo que ele era o dono da casa.

Mariene: “Mas ele disse que não... Hábitos e costumes diferentes, eu achei que era normal o amigo trazer um outro. Daí eu não estranhei também”.

Mariene manda servir a comida.

Mariene: “Nunca comeu?”

Charles: “Não to lembrado de ter comido não”.

Mariene para Charles: “Todos entram, não me conhecem, não conhecem você. Pelo amor de Deus (riso sarcástico)”.

Os amigos dos Tomaz estranham a comida e dizem que é muito oleosa”.

Vanessa: “Eu e o meu irmão sempre que a gente pode fugir da faxina, estamos aí”.

Nos Stier

Robert: “Gostei da festa. Ficou muito bem arrumada. Me surpreendeu. Não esperei tanto”.

A irmã de Robert pede tralheres a Fátima, posto que não tem na mesa. Ela não gosta de que peguem tudo com a mão”.

Robert apresenta sua cunhada caçula a Fátima.

A irmã de Mariene achou Fátima muito mais parada do que sua irmã. Para ela, Mariene é muito mais extrovertida.

Fátima conversa com amigos de Robert e diz a eles que um dos três ficou de dançar com ela.

Robert e Fátima dançam.

Fátima: “Mais que qualquer dia, fiquei muito à vontade”.

Fátima canta com o cantor e pede ao povo prá “chegar na tequila”.

Fátima: “As tequilas... fez fila né? E aí eu fui batizando meio que as pessoas na tequila. Dois, três que tomavam, eu tomava uma também”.

Robert: “A Fátima tomou o suficiente. A cachaça fez ela ficá mais alegre, mais solta. Talvez mostrou um pouco mais a verdade dela”.

Nos Tomaz

Mariene ensina os amigos dos Tomaz a fazerem caipirinha de pimenta c/rapadura.

Rafael: “Ah não, não tomei”.

Mariene: “Rafa? Não tem comentários. Ele faz de conta que eu to aqui e eu sou uma parede e ele é o outro lado dessa parede”.

Charles prova caipirinha com pimenta.

Mariene: “É pimenta, tá boa?”

Charles: “Não sei se foi a pimenta, mas tá boa”.

Mariene: “A única coisa que faltou, realmente, prá ficar completa uma festa era um samba. Acredito que todo mundo ia cair no samba. Depois daquela caipirinha ali com pimenta eu queria vê quem ia segurar o pé” (risos).

Nos Stier

Fátima meio alterada pela bebida: “Eu vim lhe tirar prá dançar porque, afinal de contas, dancei com um monte de gente menos com o marido”.

Robert: “Vamo lá”.

Fátima: “Vamo dança”.

Fátima, falando da quantidade de caipirinhas que ingeriu: “Até ali foi seis, depois tomei uma com fulano, uma com Beltrano. Ai, deixa prá lá, vamo toma outra”.

Fátima e os amigos de Robert beberam toda a tequila que havia na festa.

Neste momento a apresentadora anuncia que no dia seguinte as mães voltarão para suas casas. Neste meio tempo elas terão que refletir sobre a experiência que tiveram, verificar o que aprenderam e o que “levam na bagagem”. Cada mãe deverá escrever uma carta para a outra mãe onde também decidirão o que será feito do prêmio de R\$ 25.000,00 a que cada família terá direito ao final do programa.

Robert faz Samira acordar Fátima.

Melissa: “Eu acho até que ela tá gostando dos filhos todos”.

Samira: “E, quando a Fátima for embora, eu vou ficar com saudade dela”.

Samira fala com Fátima: “A gente não foi prá sala porque vocês chegaram às 4 horas da manhã e ficaram cansados”.

Fátima com Lourenço: “Melhor Lourenço? Tudo? Vamo prá praia?”

Lourenço: “O que eu gosto de Fátima é que, quando ela faz alguma coisa que ela gosta, ela se diverte muito”.

Robert no café da manhã: “Vamo dá uma volta na praia hoje?”

Fátima: “Hum, hum”.

Fátima: “Finalmente, porque até agora eu vi, tinha visto praia assim meio que quase cartão postal: ela lá e eu aqui”.

Fátima c/ as crianças (preparando-se para ir prá praia, passando protetor solar como pintura de guerra indígena no rosto): “Pronta prá guerra”.

Samira: “Eu sou um índio” (repetindo o gesto de Fátima ao passar protetor no rosto).

Robert: “Fica sem Mariene foi um tanto difícil. A Fátima não conseguiu assumir o lugar dela de forma nenhuma”.

Fátima com as crianças: “Pronto, posso levantar” (acocorada para Melissa arrumar alguma coisa nas costas dela).

Melissa: “Ainda não”.

Nos Tomaz

Mariene acorda e passa pelo quarto de um dos familiares de Fátima e convida-o para tomar um cafezinho. Em seguida desce as escadas.

Mariene para um amigo da família que está dormindo no sofá da sala: “Bom dia (cantarolando). Está na hora de acordar, prá tomar café comigo, que hoje é o meu último dia na casa”.

Ele não acorda, só resmunga um pouco.

Vanessa: “A Mariene fez um café diferente. Bom. Tava tudo ali na mesa, arrumadinho”.

Vanessa falando para os que estavam à mesa: “A gente precisava repetir isso mais vezes”.

Charles chega na cozinha e cumprimenta Mariene com um “oi” e um beijo no rosto.

Rafael: “Eu continuo afirmando que, se acabar o programa hoje eu não vou querer ela como uma amizade”.

Mariene: “Termina se acostumando e se adaptando com os outros também”.

Rafael: “Mas, lógico que traz um clima diferente prá casa é legal, né? De proporcionar idéias novas, legal. Mas não querer forçá-las”.

Mariene: “Vou sentir saudade deles, com certeza. De alguma forma. De ter trocado essa experiência, que não deixa de ser boa”.

Charles: “Existem dois tipos de pessoas que não entram aqui. As pessoas que podem me trazer algum mal. Que fiquem no sal”.

Mariene: “Prá lá, do outro lado”.

Charles: “Prá lá, pro outro lado”.

Charles: “E as pessoas que invadem o nosso espaço”.

Nos Stier

A família leva Fátima à praia.

Fátima: “meu barato com praia é ficar lagartixando mesmo, né? Tomá sol e andá”

Robert: “O que que eu aprendi com a Fátima? Acho que talvez não levá tudo tão sério”.

Melissa: “Lá na praia a gente enterrou na areia a tia Fátima”.

Enterrada na areia até o pescoço, Fátima diz: “Só não me esqueçam aqui”.

Fátima: “É bom participar, pagar um mico. Virar um empanado básico”.

Melissa: “Eu gostei da minha mãe nova” (rindo).

Fátima: “O que eu levo daqui é... são os lugares que eu conheci, que são legais. As pessoas que eu conheci e a coisa assim de dá mais valor mesmo, de aprender, de ter aprendido a dá mais valor pro que eu tenho”.

Fátima: “Tô chegando, tô chegando”.

Nos Tomaz

Agora será transcrito um diálogo entre Mariene e Charles que foi interrompido por inúmeros depoimentos, mas que, para fins de compreensão será colocado na seqüência contínua.

Mariene: “É, tu tinha feito, assim, uma listinha? Daquelas contas? Eu queria vê, por favor”.

Charles, mostrando a lista: “Esse aqui é manutenção do carro. Esse aqui é um amigo que me emprestou prá ajuda na conta de luz”.

Mariene: “Quanto que tem?”

Charles: “Ah, esse aqui tem bastante”.

Mariene: “Mas quanto bastante prá você?”

Charles: Ah... (suspirando).

Mariene: “Sim, mas olha esses 15 mil que ela pegou prá uma faculdade. Aí ela fica feliz? Ou achando que... que foi correto ou incorreto?”

Charles: “Aqui é parte de um cartão, parte de outro cartão e aqui é o financiamento”

Mariene: “Falta pagá isso?”

Charles: “Falta”.

Mariene: “E mais isso, mais isso e mais isso”.

Mariene: “Ave Maria”.

Mariene: “Deita no travesseiro e dorme de noite?”

Charles: “Isso”.

Mariene: “O negócio é você não desanimá, entendeu? Você vai conseguir sim um dia”.

Charles: “Eu quis mostrá prá entendê o quanto a gente corre atrás de uma coisa que é quitá esta dívida e os juros e sair das dívidas, prá poder ter a oportunidade de valorizar algumas coisas que ela valoriza”.

Mariene: “Eu queria saber um pouquinho, né? Como é que tava os... as contas da casa, porque eles sempre falam um pouquinho de dificuldades”.

Mariene: “Absurdo. As contas que ele tem prá pagar”.

Charles: “Talvez ela não tenha visão quão complicada foi a nossa situação”.

Charles: “Quando acabei o 1º. Grau e eles exigiam 2º. Grau, Cabei o 2º. Grau agora eles exigiam universitário. E eu vou bater em alguns lugares e eles qué o mestrado e o doutorado e assim por diante”.

Mariene: “E aí conta por cima de conta, né? Eu fiquei até com pena dele”.

Charles: “É, eu espero que ela tenha entendido como a gente chegou nessa situação”.

Mariene: “Uma coisa ele tem que elimina. E o mais forte é essa do banco”.

Charles: “Quando você entra numa bola de neve é... é complicado de sair”.

Nos Stier

Fátima: “Vamo se arrumar prá capoeira”.

Melissa: “Minha... tá aqui (colocando a mão no bolso da bermuda)”.

Fátima: “Eu guardo”.

Melissa: “Eu guardo”.

Fátima com veemência: “Eu guardo”.

Melissa: “Eu guardo”.

Fátima: “Eu”.

Melissa: “Eu”.

Fátima: “Eu vou embora”.

Melissa: “Eu guardo (entrando para guardar)”.

Fátima: “Tchau” (e sai).

Fátima: “Chega uma hora que trava”. “Então foi ao longo dos dias. Isso foi piorando”.

Fátima: “Cadê a roupa de capoeira, Mel?”

Fátima: “Você não tem que vestir prá ir prá capoeira?”

Melissa deitada na cama: “Tem mais eu não quero”.

Fátima suspira e se levanta, afastando-se de Melissa.

Melissa: “A primeira coisa que a minha mãezinha chegou, eu vou beijá e abraçá”.

Fátima: “Sami, vamo”.

Samira: “Espera”.

Fátima: “não, não espero. Vamo”.

Fátima: “Elas tão numa fase diferente. Uma fase de meio que testá até onde vai a autoridade, até onde vai paciência. E é uma coisa que eu não sou boa é paciência”.

Fátima: “Dá o suco, Melissa” (já na capoeira).

Samira: “Quería que a minha mãe viesse logo”.

Lourenço está jogando capoeira na roda.

Fátima: “Lourenço é uma graça, é um super-menino. Acho que ele poderia ter, pelo menos, duas horas livres prá fazer uma atividade que ele escolhesse, não que fosse escolhida porque é bom prá ele”.

Nos Tomaz

Mariene vai com Vanessa assistir uma peça de teatro em que Charles cuida do som.

Vanessa: “Ali é o Saulzinho. Aquele senhor ali. Tá vendo?”

Mariene: “Prá olhar tudo bem, mas prá participar é outra coisa”.

Mariene: “Sujou” (pois o grupo convida Vanessa e Mariene para participarem da peça teatral).

Charles: “A Mariene, ela é uma pessoa que aposta muito no que ela acredita e vai atrás disso”.

Vanessa: “Ela vinha de um lugar diferente, com um nível de vida diferente, costumes e tudo mais e a gente tenta se encaixar. No começo foi bem complicado, bem difícil. Eu podia ter tentado fazer ela entender algumas coisas”.

Mariene: “Eu gostei da peça, mas não é meu mundo não” (risos).

Nos Stier

A família reúne-se para jantar na varanda, com serviço de garçon.

Fátima: “Meu jantar hoje foi muito, muito, muito tenso”.

Fátima, falando com a família: “Eu tô ficando curiosa. O que será que tem preparado?”

Robert: “E ela disse que queria bife, batata frita, arroz e feijão que é típico da culinária dela”.

Fátima na mesa de jantar, quando chega um coquetel de camarão: “Nossa!”

Fátima: “Na verdade eu não esperava um coquetel. Coquetel de camarão antes de arroz, feijão com bife, ficou meio assim, estranho. Até pensei que tinham mudado o cardápio”.

Fátima continua: “Comi um camarãozinho prá não fazer a desfeita”.

Robert: “Pó, acho que fizemos um jantar de comemoração pra uma jornada que passamos juntos, uma experiência que trocamos. Então, acho que teria que ser um pouquinho a mais do que só apenas uma comida principal”.

Fátima: “E eu não quero deixá uma má impressão. Mesmo porque eu sei que o fator emocional está pesando prá mim, Fátima. Prá pessoa Fátima”.

Fátima: “Eu acho que o pior momento é o choque assim de me adaptar com formas diferentes de, de se relacionar”.

Robert: “Cada um tem os seus defeitos. Eu tenho os meus, você tem os seus. Cada um de nós tem um defeito. Eu não vi pior momento”.

Robert: “Pelo que eu entendi, os sentimentos que ela achou meio assim meio rígido, meio...Mas ela pensou o quê?”

Fátima: “Eu vi que ele tava tenso. Eu também. Sabe quando você está assim tipo, puta, hoje se acontecer alguma coisa não vai dá prá segurar”.

Fátima: “E tinha horas que eu me sentia muito mal com, com a frieza, com a aspereza. Aí eu me magoava”.

Robert: “Uma frieza minha?”

Fátima: “É. E aí eu me magoava”.

Robert: “Talvez eu sou frio porque sou alemão. Mas eu não acredito que isso não. Acho que é uma coisa que ela achou e ela tem o direito de ter a opinião dela, mas não concordo cem por cento, não”.

Robert: “Eu valorizei, de novo, muito mais minha esposa. Acho que essa troca, com essa coisa. Não desfazendo de você, mas a minha esposa é minha esposa e a mulher que eu escolhi porque a amo”.

Robert: “Como os dias foram agitados, teve bastante coisa prá fazer todo dia. Então, sobrou pouco tempo prá se conversar mais profundamente. Saber, conhecer mais profundo a pessoa”.

Fátima: “Eu acho que você procurou, dentro do possível, fazer tudo e mais um pouco. Não me deixou faltar nada. Não me deixou é... sempre à vontade em relação às crianças, em relação a querer alguma coisa, não quê”.

Robert: “Acho que a Fátima não me conheceu bem porque ela tava muito preocupada em agradar todo mundo, menos a mim”.

Fátima: “De tudo que aconteceu aqui essa semana, acho que a gente tirou um bom proveito”.

Robert: “Obrigado por tudo” (erguendo o copo como se fosse um brinde).

Fátima: “Obrigada”.

Robert: “Espero que você gostou da nossa casa”.

Fátima: “Com certeza”.

Robert: “E qualquer coisa, nós estamos à disposição”.

Chega o momento das mães substitutas decidirem como as famílias irão gastar os R\$ 25.000,00 de prêmio. Elas escrevem uma carta dirigida a outra mãe.

Mariene: Eu só espero que foi forma correta prá eles, entendeu? Tenho certeza que não vai ajudar completamente, mas de alguma forma vai. Que a parte ela tinha que pagar essas contas, porque ta absurdo em juros, não é bom prá ela, entendeu?”

Fátima: “Não quero ser injusta, né? E, também, eu sei o quanto é você tirar dinheiro de uma coisa que prá você ta sendo básica, necessária, querida, sei lá, e desviar, nem que seja um pouco, prá alguma coisa que não tem tanta necessidade ao teu ponto de vista”.

Mariene: “Eu me senti é... um pouquinho arrasada, né? Ao fazer isso. Não gosto de tomar esse tipo de decisão”.

As duas lacram as cartas.

Nos Stier

Fátima: “O que me trouxe de bom foi que vi muita coisa que, legal prá eles, funciona muito bem, acho bacana, prá eles, mas não quero prá mim”.

Fátima, ao acordar de manhã: “Acordei assustada. Perdi a hora”.

Robert: ri.

Fátima: “Se eles são felizes desse jeito, cara, tudo de bom, vai em frente”.

Enquanto arruma as malas, Fátima diz: “Chegá, chegá, chegá, chegá. Não vejo a hora”.

Fátima: “Mais luxo, mais conforto” (dá de ombros) “Não troco o meu”.

Fátima vai se despedir de Melissa que ainda está dormindo “Ô pequena, vamos acordá”.

Fátima: “Eles têm grandes tesouros. Têm filhos que são supereducados. Eles tem uma casa espaçosa, superconfortável.

Fátima com Samira: “Agora ta na hora de ir, mamãe chega logo, tá bom?”

Samira a beija e abraça.

Fátima: “Pulei, dancei, cantei, brinquei, ri e valeu muito a pena”.

Fátima para Lourenço: “Obrigado por tudo, viu?”

Robert: “Foi realmente uma experiência muito legal”.

Fátima abraça Robert e despede-se, embarcando no carro que a levaria ao aeroporto.

Fátima: “Eu passei. Quem gostou, legal; quem não gostou, sinto muito, eu sou assim”.

Nos Tomaz

Mariene: “Se você acha que teve uma experiência que você passou alguma coisa de bom para o outro, mesmo que prá você não foi tão bom, mas você vai se sentir realizada também”.

Charles: “Eu entrei no programa prá estar completamente no lugar da Fátima e acho que cumpri isso”.

Mariene: “Eu acho que plantei alguma coisa na casa da Fátima, entendeu? Que eu deixei lá, com uma sementinha que ela vai cuidar, se ela gostar. Espero que cuide. E isso me deixa feliz”.

Charles: “Mais uma coisa, prá você pôr na sua bagagem” (entregando a mariene um quadro feito por Charles que ela havia gostado).

Mariene: “Prá mim? Por que prá mim?” (Mariene começa a chorar).

Charles: “Porque você tinha gostado”.

Mariene: “Ah..., mas por que?” (chorando)

Charles: “Você não tinha comentado?”

Mariene: “Ah... Eu achei lindo”.

Charles: “Então? É todo seu agora. Eu pus aqui uma frase prá você lembrar da gente” (escrevendo uma mensagem atrás do quadro em nome da família Tomaz).

Mariene: “Ah, obrigada (abraçando Charles). De coração mesmo”.

Mariene: “Eu acho muito legal, assim, você descobrir que é capaz de passar alguma coisa boa prá o outro”.

Mariene: “Eu achei maravilhoso. Mesmo com sua... com assim o defeito que eu passei, a dificuldade”.

Mariene (abraçando Rafael na despedida): “Eu espero que você entenda algum dia de alguma forma”.

Charles (beijando e abraçando Mariene na despedida): “Obrigado por tudo, boa sorte”.

Mariene despede-se de Vanessa também.

Mariene: “Eu não vim prá rodar a baiana, só vim trazer um pouquinho de paz”.

Mariene: “E, por favor, manda esses dois aí tirar o cheirinho de gambá, entendeu? Dá uma geralzinha na casa. Desculpe que a mamãe ta indo, mas já ta dando mais umas ordens aí. Deixando, viu?”

Charles: “Não tem problema”.

Mariene: “E foi um prazer enorme conhecer vocês”. (Depois de cumprimentar Charles, Mariene embarca no carro que a levaria ao aeroporto).

Fátima: “Ah... expectativa prá o encontro”.

Mariene: “Minha barriga fica um gelo aqui. Com certeza ela deve ser uma mulher boa prá eles gostarem dela”.

Fátima: “mais é curiosidade, assim, de trocar duas palavras com a famosa Mariene, né?”

Mariene: “Do jeito que ela foi recebida na minha casa, eu tenho certeza que agora ela vai abrir os braços e me agradecer”.

Fátima: “Prá troca de cartas, eu to tentando não criar expectativas, porque é... isso ta me preocupando”.

As mães se encontram.

Mariene: “Olá, tudo bem?” Você que é a Fátima?”

Fátima: “Isso”.

Mariene: “Como vai? Tudo bem? Desculpe que eu sou assim, meio chorona” (risos).

Fátima: “Não faz mal, porque eu também fiquei esses dias”.

Mariene: “Em primeiro lugar eu queria saber como ela foi recebida na minha casa. Ela diz que foi muito bem recebida”.

Fátima: “Você tem filhos maravilhosos. Amigos divinos. Quanto à relação familiar, eu acho que tem que ter regra, mas eu também acho que não pode ser uma coisa de quartel E, às vezes, dava impressão que eu tava, assim, tal hora, tal hora, tal hora. E isso eu não consigo viver. Mas se você consegue, continue, seja feliz”.

Mariene: “Minhas crianças têm assim uns horários ainda, que eu tenho que manter porque são pequeninhos”.

Mariene: “Se eu não manter esses horários agora, o que será dessas crianças no futuro?”

Mariene: “E tenho certeza que eles vão ta preparados prá encarar esse mundo de hoje”.

Fátima: “Respeito seu ponto de vista, imagina, quem sou eu?”

Mariene: “Mais... exatamente”.

Fátima: “Ela é um pouco taxativa demais prá o meu gosto”.

Mariene: “E meu marido?”

Fátima: “Ah, seu marido me tratou educadamente. Ele tem um jeito diferente de ser. Me deixou um pouco magoada às vezes com... Às vezes brava. Mas, enfim, eu respeito”.

Fátima: “São parecidos. Senão não conviveriam, senão não se dariam tão bem, senão não estariam juntos, eu acredito, né?”

Fátima: “E lá em casa? Como foi?”

Mariene: “Ah, na sua casa?” (começa a chorar com as mãos cobrindo o rosto) “Foi um pouquinho difícil” (chora mais ainda). “Se por acaso eu plantei alguma sementinha, entendeu? Que você vai chegar e vai ver que valeu a pena, continue regando, entendeu? E seja um pouquinho mais dura com seu pessoal lá”.

Fátima: “Eu tenho muito pouco tempo com as pessoas que eu amo e não posso ser tão durona assim com eles”.

Mariene: “Eu peguei um pouquinho pesado no começo porque não aceitei. Eu pensei, tenho que aceitar, não tenho que aceitar? Tenho que ser eu ou não? Então reagi como se fosse eu, entendeu? E falei algumas coisas que talvez não gostaram, machucou um pouco”.

Fátima: “Vanessa?”

Mariene: “É, Vanessa ta lá ansiosa lhe esperando, né?”

Fátima: “É? Se comportou direitinho?”

Mariene: “Ah... Não tem nada que não tem jeito nessa vida, né?”

Fátima: “Nossa, fiquei preocupada agora”.

Fátima: “Assim como os deles aprendem dentro do regime dela, os meus tão aprendendo dentro do que eu posso oferecer”.

Mariene: “Rafael? Hum, não gostou um pouquinho, né? Mas eu acho que ele vai analisar depois e vai ver que eu não queria o mal, entendeu?”

Fátima: “É, já é homem feito, já tem a...”

Mariene: “Com os costumes da mamãe. Porque a mamãe não é assim, porque a mamãe não falava dessa forma. E justamente que eu não sou a sua mãe que eu tô falando”.

Fátima: “O Rafael, sabia que ia ser mais seco, porque já é um hominho feito, né?”

Mariene: “Fiz aqui, também, uma cartinha prá você. Não sei se fiz a coisa certa, mas tentei o possível, entendeu? Se por acaso você continuar em alguma dificuldade, você é forte, seu marido também. E é trabalhando que a gente consegue alguma coisa, entendeu?”

Fátima: “É claro”.

Mariene: “Gostaria de passar prá você”.

Fátima: “Vamo lá. E aqui ta a sua. Nessa cartinha também coloquei algumas coisas. Eu não podia deixar passar um item em especial. E você vai ver que é logo a primeira coisa que eu defino aí”.

Mariene: “É... eu não sei como ela dividiu o prêmio, mas eu tô curiosidade prá saber como foi”.

Fátima: “Valeu a pena?”

Mariene: “Com certeza”.

Fátima: “Então ta bom. Mas eu não troco a minha vida por nada”.

Mariene: “Não deu nem prá falar assim... que... alguma coisa de verdade, entendeu?”

Fátima: “Dê um abraço em todos lá por mim. Gostei de todos”.

Mariene (abraçando Fátima): “Tá, obrigada a você também, entendeu?”

Fátima: “Vamos voltar prá os nossos maridos”.

Mariene: “É, com certeza”.

Fátima: “Vamos, ta mais do que na hora”.

As duas levantam-se e se dirigem para fora do recinto, cada uma leva em sua mão a cartinha que a outra lhe escreveu.

Em São Paulo

Fátima dentro do carro: “Porque ele ta indo prá lá? Não é prá lá” (chorando).

Toda a família, inclusive os pais de Fátima, aguardam-na defronte ao portão de casa.

Vanessa: “A mãe não lembra mais onde é a casa. É isso?”

Fátima (ainda no carro): “Quero abraçá, beijá”. Ela continua: “Além de matá a saudade, eu não sei se eu vou trazer uma boa notícia. Eu não acredito que esteja a prioridade, a nossa prioridade aqui”.

Fátima chega em casa e corre para abraçar a família. Charles também corre e a abraça e beija. Depois, toda a família abraça Fátima a um só tempo.

Rafael: “Muito alívio, muita saudade, muito amor”.

Charles: “A Fátima é tudo prá mim. Ela é meu sangue, é o ar que eu respiro”.

Charles: “Benvinda prá casa”.

Fátima recebe um buquê de flores.

Charles: “Um bom retorno prá casa”.

Fátima: “Prêmio maior é voltar prá casa”.

Na Bahia

Mariene chega ao aeroporto.

Mariene (no carro): “Frio na barriga, desde de manhã que eu tô com esse frio. Saber como é que ta as crianças, como que foi”.

Robert prepara uma recepção para Mariene. Está colocando uma faixa em que se lê: “Nada substitui uma verdadeira amizade. Seus amigos da ACC”.

Mariene (ainda no carro): “Uma alegria danada nesse coração de vê todo mundo de novo”. Ela continua: “Eu procurei o melhor prá ela, entendeu?”

Melissa: “A gente pendurô a faixa bem bonita prá mamãe”.

Quando Mariene desce na rua de sua casa: “Vão me fazer chorar de novo (ri)”.

Ela apressa o passo para encontrar sua família, chorando.

Mariene com sua família: “A mamãe tava com tanta saudade”.

Mariene abraça seu esposo e filhos.

Mariene: “Você tava com saudade da mamãe, meu amor?” (erguendo melissa no colo).

Melissa: “Fiquei tão feliz da hora que minha mãe entrou”.

Entrando na casa de sua família e chorando muito, Mariene afirma: “Pai que bom minha casa”.

As mães começam a falar da troca que fizeram a seus familiares.

Mariene: “Sei lá, eles têm uma vida completamente diferente”.

Fátima: “É tudo muito áspero, tudo muito frio. É tudo muito...”

Mariene: “Eles acham assim tudo tão normal, entendeu? Um absurdo”.

Fátima: “Muito difícil, muito difícil”.

Fátima: “Voltar prá minha casa. Voltar prá...Sabe? Sentir os meus amores, a minha vida olhando prá mim, Sabe? Vendo refletir neles o que eu sempre procurei ensinar”.

Mariene: “Talvez agora eu vou acordar todos os dias já pensando: eu vou falar que amo ele, entendeu? Porque eu gosto quando ele fala prá mim”.

Robert, falando em alemão e traduzido em legendas: “O mais importante para todos é que exista amor no nosso mundo, que possamos viver juntos em paz e harmonia. E isso é o mais importante para uma família”.

Neste momento cada mãe começa a ler a carta que lhe foi endereçada pela substituta em seu lar. Elas compartilham o momento com seus familiares.

Os familiares e a própria Fátima estão muito tensos.

Fátima: “Aqui na minha mão tá uma carta e aquele prêmio de R\$ 25.000,00 tá definido nessa carta aqui como tem que ser gasto. A gente vai torcer prá que aquilo que a família combinou, desde o início, esteja aqui”.

Fátima começa a ler a carta:

Fátima: “Peço desculpas por algumas coisas que fiz ou falei durante esse tempo que você não estava em casa”.

“Gostaria que você pegasse os 15 mil. Você pagar a sua faculdade”.

Mil, Charles vai comprar um computador que ele precisa prá trabalhar”.

Vanessa: “Eu achei que ela poderia ter tomado uma decisão melhor” (chora).

Fátima lê: “Com 2 mil vocês fazem uma reforma nos fundos”.

Fátima: “Fundos?”

Fátima lê: “Prá você guardar seu material de trabalho e poder trabalhar em seu canto”.

Charles: “Ou eu não deixei bem claro, ou ela não compreendeu que é... Nós não estamos num momento de investir e sim de quitar”.

Fátima: “A prioridade máxima é quitar cartão de crédito”.

Vanessa: “Que ela sabia que o dinheiro era prá pagar as dívidas” (chorando) “E aí ela só usou para coisas um tanto quanto fúteis”.

Fátima continua a ler: “Felicidades prá você e sua família. Vou sentir saudade. Beijo. Mariene”.

Fátima depõe: “Um iceberg, o maior que tinha e o mais pontudo caiu em cima da minha cabeça”.

Fátima: “Eu sei exatamente, mais do que nunca, que isto eu não quero prá mim”.

Fátima falando com Charles: “Eu não posso me anular”.

Fátima ao pegar uma saia que lhe deram de presente: “Ah, que loquitia”.

Fátima no quarto: “Trocaram tudo de lugar”.

Charles: “De onde saiu essa planta? Você sabe?” (falando com Fátima e referindo-se a uma planta que está na sala de estar).

Vanessa abraça a mãe e chora. Fátima a consola dizendo: “Cora não, chora não”.

Vanessa: “As pessoas não dão o mesmo valor prá coisas. Não dá a mesma importância pras coisas que a gente dá”.

A mãe de Fátima diz: “Mariene é arretada. Ela é arretada sim”.

Fátima: “Cultura muito diferente. É muita frieza, muito distanciamento. Muitra regra, ordem, aspereza”.

No momento deste depoimento, são mostradas cenas da recepção a Mariene em que Robert abraçado a ela beija-a diversas vezes.

Fátima: “Às vezes eu me sentia num freezer”.

Fátima: “lisa, recolher o coco da Griniver”.

Vanessa: “Ah, não”.

Charles: “Vai. Então vou trazer a Mariene de volta”.

Vanessa: “Com a minha mãe eu até faço” (enquanto recolhe as fezes em um plástico).

Vanessa: “Foi difícil, mas acabou”.

Fátima falando para sua família: “Não troco nada nesse mundo por vocês. Nada” (chorando).

Mariene: “Que será que ela colocou aqui prá mim?”

Mariene começa a leitura da carta: “Mariene, em primeiro lugar quero agradecer pela hospitalidade com a sua família”.

Robert continua a ler: “Gostaria, também, de parabenizá-la pelos filhos que tem, supereducados”.

Robert: “Destino 3 mil para serem gastos com as crianças”.

Lourenço ri.

Robert: “Peço, então que seja feito um passeio totalmente familiar”.

Robert depõe: “Isso, sem ela ter dito, a gente teria feito de qualquer forma”.

Robert continua a ler: “O restante tem de ser utilizado com a compra de um carro para vocês, sendo assim o segundo carro da família”.

Mariene depõe: “O destino que ela deu prá o dinheiro eu gostei. Porque, realmente, isso já tava nos planos há muito tempo, só que, como não tinha capital...”

Mariene para Robert: “Se eu tivesse dinheiro, eu te juro, se eu tivesse dinheiro prá dizer assim: eu tô dando, doando o meu, eu ia fazer uma doação prá poder eu vê eles assim do zero e eu dizer pronto agora ela chegou. Vocês vão começar do zero, entendeu? E economizando prá vê se vocês vão ter alguma coisa, porque desse jeito que não dá”.

Mariene: “Galera, cheguei” (com os familiares e amigos numa festa de recepção a ela). “E cheguei para ficar” (risos).

Melissa: “A gente ta fazendo uma festa prá minha mãe lá embaixo”.

Robert: “Não vou sentir falta de Fátima não”.

Melissa: “Ela não fez comida nenhum dia”.

Samira: “A minha mãe brinca mais do que a tia Fátima”.

Lourenço: “Não vou sentir falta dela”.

Mariene: Deixei lá da minha forma e ainda saí falando: Oh, arrume a casa, por favor, prá sua mãe que vai chegá”.

Mariene mostrando o quadro que ganhou de Charles par a família: “Foi ele mesmo que pintou”.

Robert: “Os cabelos dela”.

Todos riem e alguém fala: “Vermelho”.

Mariene com uma amiga que a abraça: “Por favor, traz um pouquinho de paz”.

Mariene, fazendo um brinde com os amigos: “Adoro minha família, adoro vocês”.

Lourenço: “Eu entendi que a mãe é importante. Que eu senti muita saudade. Sendo que eu não sabia que eu ia sentir tantas saudades”.

Mariene: “Eu faria tudo de novo”.

A apresentadora afirma, ao final do programa: “Aqui nada é combinado, nada é preparado do que foi visto. Tudo que aconteceu segue o roteiro que a própria vida cuidou de escrever. Assim é o troca de família”.